



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LINDIANA DA SILVA OLIVEIRA

**O SAMBA VAI À ESCOLA: O SAMBA DE RODA COMO
PRÁTICA PEDAGÓGICA DECOLONIAL**

Salvador

2024

LINDIANA DA SILVA OLIVEIRA

**O SAMBA VAI À ESCOLA: O SAMBA DE RODA COMO
PRÁTICA PEDAGÓGICA DECOLONIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, linha temática Educação e Diversidade, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib.

Salvador

2024

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Oliveira, Lindiana da Silva.

O samba vai à escola [recurso eletrônico] : o samba de roda como prática pedagógica decolonial / Lindiana da Silva Oliveira. - Dados eletrônicos. - 2024.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia.
Faculdade de Educação, Salvador, 2024.

Disponível em formato digital

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Educação - Aspectos sociais. 2. Escolas. 3. Prática pedagógica. 4. Educação decolonial. 5. Samba de roda. I. Abib, Pedro Rodolpho Jungers. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 306.43- 23. ed.



Universidade Federal da Bahia
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU)

ATA Nº 1

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU), realizada em 20/02/2024 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM EDUCAÇÃO no. 1, área de concentração Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica, da candidata LINDIANA DA SILVA OLIVEIRA, de matrícula 2022111467, intitulada O samba vai à escola: o samba de roda como prática pedagógica decolonial. Às 14:00 do citado dia, Faculdade de Educação, foi aberta a sessão pelo presidente da banca examinadora Prof. Dr. PEDRO RODOLPHO JUNGERS ABIB que apresentou os outros membros da banca: Prof^ª. Dra. CLECIA MARIA AQUINO DE QUEIROZ e Prof^ª. Dra. KATHARINA DORING. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo presidente que passou a palavra à examinada para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pela candidata, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dra. CLECIA MARIA AQUINO DE QUEIROZ, UFS

Examinadora Externa à Instituição

Dra. KATHARINA DORING, UNEB

Examinadora Externa à Instituição

Dr. PEDRO RODOLPHO JUNGERS ABIB, UFBA

Presidente

LINDIANA DA SILVA OLIVEIRA

Mestrando(a)

Dedico esta dissertação a Lara Ingrid Oliveira Santos e Lucan Guilherme Oliveira Santos, que muitas vezes entenderam a minha ausência para que eu pudesse realizar meus sonhos. Dedico também aos mestres/mestras/sambadeiras e sambadores do samba de roda que arduamente trabalham pela permanência e difusão desta cultura afro-brasileira.

AGRADECIMENTOS

A Deus, ao universo, aos orixás, aos meus antepassados que abriram meus caminhos para esta pesquisa e as mulheres que vieram antes de mim.

Aos meus familiares e amigos próximos que me auxiliaram durante este período no mestrado.

Ao meu amigo e professor Doutor Fernando Jorge Pina Tavares (UNILAB), pela paciência e incentivo, sem suas palavras de encorajamento seria muito mais difícil concretizar esta pesquisa.

Ao orientador Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib, pela orientação na realização desta pesquisa.

À Universidade Federal da Bahia - UFBA e ao Programa de Pós-graduação em Educação na presença de professores e professoras da Faculdade de Educação que muito me estimularam e possibilitaram a realização desta pesquisa. Meu profundo agradecimento.

Ao grupo Griô pela partilha e aprendizado durante todo o processo de pesquisa antes e durante o mestrado.

A escola em que desenvolvi a pesquisa, incluindo os professores, a diretora, a coordenadora, todos os funcionários que contribuíram diretamente e indiretamente para a realização deste trabalho.

Aos alunos que estiveram presentes durante as oficinas, que participaram e fizeram a diferença em cada encontro. Meus sinceros agradecimentos, sem vocês seria impossível realizar este trabalho. Vocês foram essenciais nesta pesquisa.

Aos tocadores e ao grupo de sambadeiras de samba de roda do Distrito de Passé-Candeias/BA, da comunidade Quilombola Rio do Cunha que fizeram presença na escola envolvida.

Ao secretário de educação do município de Candeias-Bahia que possibilitou a intermediação entre a pesquisadora e o grupo de sambadeiras.

OLIVEIRA, Lindiana da Silva. **O samba vai à escola: o samba de roda como prática pedagógica decolonial**. Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib. 2024. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2024.

RESUMO

O samba vai à escola: o samba de roda como prática pedagógica decolonial é um estudo sobre a inserção desta manifestação cultural afro-brasileira dentro do âmbito escolar. Neste sentido, a educação que a população brasileira obteve partiu de uma perspectiva eurocêntrica que silenciou as culturas afro-brasileiras, indígenas e africanas. Dentro das escolas, perpetuou-se as culturas do colonizador para serem reproduzidas/valorizadas/exaltadas, e a cultura brasileira como folclórica e secundária “homenageada” no dia 22 de agosto, considerado o dia do folclore brasileiro. Neste dia, as escolas enfatizam o samba de roda e a capoeira como manifestações folclóricas do Brasil. Nesse entendimento, este estudo buscou investigar o samba de roda no contexto escolar de forma a desmistificar que o samba de roda seja um elemento folclórico brasileiro, mas uma manifestação que pode ser trabalhada de forma interdisciplinar como uma proposta de prática pedagógica decolonial capaz de contribuir para uma educação intercultural e antirracista. Assim, esta dissertação tem como objetivo geral analisar de que forma seria possível construir uma proposta pedagógica sobre o samba de roda na escola. Desse modo, consiste na problematização acerca de como professores e professoras podem inserir o samba de roda em suas salas de aula. Neste sentido, procurei trazer este questionamento: de que forma eu poderia construir uma proposta pedagógica sobre o samba de roda em uma escola do município de Candeias-Bahia? Através dos momentos práticos durante as oficinas pedagógicas, dos diários de campo e de registros fotográficos busquei uma interação/articulação entre as práticas pedagógicas decoloniais e o samba de roda dentro do contexto escolar. A pesquisa revelou que é possível inserir o samba de roda em espaços escolares em perspectiva interdisciplinar, porém, precisa-se de políticas públicas voltadas a viabilizar e visibilizar esta prática dentro das escolas. A pesquisa apresenta reflexões conceituais sobre as experiências dos alunos na escola e a interação com as sambadeiras do samba de roda do distrito de Passé do Município Candeias/ Bahia. A pesquisa ressalta que falta ainda muito incentivo, comprometimento, investimentos e políticas públicas culturais direcionadas a realização do samba de roda e outras manifestações culturais afro-brasileiras dentro dos ambientes educacionais da Bahia e do Brasil.

Palavras chave: Educação. Escola. Prática Pedagógica Decolonial. Samba de Roda.

OLIVEIRA, Lindiana da Silva. **O samba vai à escola: o samba de roda como prática pedagógica decolonial**. Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib. 2024. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2024.

ABSTRACT

Samba goes to school: samba de roda as a decolonial pedagogical practice is a study on the insertion of this Afro-Brazilian cultural manifestation within the school context. In this sense, the education that the Brazilian population obtained came from a Eurocentric perspective that silenced Afro-Brazilian, indigenous and African cultures. Within schools, the colonizer's cultures were perpetuated to be reproduced/valued/exalted, and Brazilian culture as folkloric and secondary was “honored” on August 22nd, considered Brazilian folklore day. On this day, schools emphasize samba de roda and capoeira as Brazilian folkloric manifestations. In this understanding, this study sought to investigate samba de roda in the school context in order to demystify that samba de roda is a Brazilian folk element, but a manifestation that can be worked on in an interdisciplinary way as a proposal for a decolonial pedagogical practice capable of contributing to an intercultural and anti-racist education. Thus, this dissertation has the general objective of analyzing how it would be possible to build a pedagogical proposal about samba de roda at school. In this way, it consists of problematizing how teachers can insert samba de roda into their classrooms. In this sense, I tried to raise this question: how could I build a pedagogical proposal about samba de roda in a school in the city of Candeias-Bahia? Through practical moments during the pedagogical workshops, field diaries and photographic records, I sought an interaction/articulation between decolonial pedagogical practices and samba de roda within the school context. The research revealed that it is possible to insert samba de roda into school spaces from an interdisciplinary perspective, however, there is a need for public policies aimed at making this practice viable and visible within schools. The research presents conceptual reflections on the students' experiences at school and the interaction with the samba de roda samba dancers from the Passé district of the Candeias/ Bahia Municipality. Thus, the research highlights that there is still a lack of incentive, commitment, investment and public cultural policies aimed at performing samba de roda and other Afro-Brazilian cultural manifestations within the educational environments of Bahia and Brazil.

keywords: Education. School. Decolonial Pedagogical Practice. Samba de Roda.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1 Mapa das cidades que compõem a Região Metropolitana de Salvador
- FIGURA 2 Fotografia da frente da escola municipal Professora Alzira Ferreira Ribeiro
- FIGURA 3 Fotografia dos alunos que participaram das oficinas
- FIGURA 4 Momento inicial da oficina: dinâmica do espelho
- FIGURA 5 Momento da dinâmica do espelho
- FIGURA 6 Momento de escutar e sambar o samba de roda
- FIGURA 7 Os alunos aprendendo a cantar a música Minha Ciranda.
- FIGURA 8 Desenho sobre o que estavam aprendendo sobre o samba de roda
- FIGURA 9 Representação do samba de roda: alunas do 2º ano matutino
- FIGURA 10 Representação do samba de roda: alunas do 2º ano matutino
- FIGURA 11 Conhecendo os instrumentos musicais do samba de roda
- FIGURA 12 Alunos e alunas aprendendo a sambar
- FIGURA 13 Meninas sambadeiras e meninos sambadores
- FIGURA 14 Desenho feito por uma aluna
- FIGURA 15 Presença dos tocadores e sambadeiras na escola
- FIGURA 16 Momento em que os alunos foram os protagonistas da oficina
- FIGURA 17 Momento em que as alunas foram protagonistas na oficina
- FIGURA 18 Presença das mulheres sambadeiras
- FIGURA 19 Momento de afetividade entre alunos e sambadeiras
- FIGURA 20 Momento de escuta para aprender a coreografia do samba de roda
- FIGURA 21 Grupo completo do samba de roda; Samba do Quilombo do Rio do Cunha – Distrito de Passé em Candeias – Bahia
- FIGURA 22 Vamos colorir o mundo com samba de roda-Bahia
- FIGURA 23 O samba de roda é abraço, é afeto, é amor

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASSEBA – Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia

BA – Bahia

CD – Compact Disc (Disco Compacto)

CEP – Código de Endereçamento Postal

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Km – Quilômetro

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LEAA – Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual de Cachoeira

MEC – Ministério da Educação

ODEERE – Órgão de Educação e Relações Étnicas

ONG – Organização Não-Governamental

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

SECTUR – Secretaria de Cultura e Turismo

S.D – Sem data

S. P – Sem página

S/N – Sem número

UESB – Universidade do Sudoeste da Bahia

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	ITINERÂNCIAS DA PESQUISADORA: entre as encruzilhadas da vida, a educação e o samba de roda.....	12
2.	EU NÃO TENHO MEDO DE ANDAR NO MAR: é luta, existência e resistência..	29
3.	CULTURA COMO ESPAÇO DE SUA REALIZAÇÃO: Formas outras de conhecimentos.....	46
3.1	O SAMBA DE RODA É ANCESTRAL.....	55
4.	O LUGAR DE FALA DO SAMBA DE RODA.....	73
5.	O QUE O SAMBA DE RODA NOS ENSINA.....	114
6.	REFERÊNCIAS.....	113
7.	APÊNDICES.....	126
7.1	APÊNDICE A: planejamento (cronograma) da atividade pedagógica.....	126
7.2	APÊNDICE B: ofício a Secretaria de Cultura e Turismo.....	127
7.3	APÊNDICE C: declaração de anuência da instituição coparticipante.....	128
7.4	APÊNDICE D: termo de compromisso do pesquisador e da equipe executora....	129
7.5	APÊNDICE E: materiais produzidos pelos alunos durante as oficinas.....	130
8.	ANEXO: O protagonismo das mulheres sambadeiras.....	131

1. INTRODUÇÃO

1.1 ITINERÂNCIAS DA PESQUISADORA: entre as encruzilhadas da vida, a educação e o samba de roda

Eu gosto do samba. Eu vou morrer dentro do samba. Os meninos tocando e eu me despedindo de todo mundo. Porque eu gosto é do samba (Maria de Lourdes, sambadeira, Antônio Cardoso-BA, 2019)¹.

Iniciar esta escrita é sobretudo um ritual sagrado para mim, uma vez que o que escrevo aqui não são somente palavras em linhas, mas uma história de mudanças, transformações e significados proporcionados pela educação que obtive.

Nesse contexto, sou natural de Valença, município do interior da Bahia, ingressei pela primeira vez na escola aos sete anos de idade quando já morava em Ipiaú/ Bahia.

Quando ingressei na escola, em poucos meses eu já sabia ler as primeiras pequenas palavras, esforçava-me para aprender a ler o mais rápido possível, pois dentro de mim já sabia que o mundo da leitura seria meu refúgio, meu alento diante da situação vulnerável em que eu vivenciava naquele momento. Essa foi a primeira grande mudança em minha vida através da educação.

Com o passar do tempo, fui adquirindo gosto pelo universo da leitura e fazendo desses momentos únicos e significativos. Quando ingressei no ensino médio, tinha em mente que queria cursar uma graduação, no entanto, fiz algumas escolhas que adiaram esse objetivo. Porém, nunca é tarde para realizarmos nossos sonhos e metas.

¹ Maria de Lourdes, sambadeira de Antônio Cardoso-BA, 2019 no documentário samba de Roda do Recôncavo Baiano: Patrimônio Cultural imaterial da Humanidade. Disponível no youtube, 2019.

Posto isto, trago o conceito de encruzilhada abordado por Luiz Rufino (2019) “Como já dito, reafirmo mais uma vez, a encruzilhada é o lugar onde se engole de um jeito para cuspir de maneira transformada” (p. 270). Foi dessa forma que encarei meu processo educacional durante o tempo em que fui aluna na escola pública no município de Ipiaú-Bahia, aprendia as teorias e tentava encontrar maneiras de transformar a minha realidade, por este motivo, acredito muito na transformação das vidas das pessoas através da educação, principalmente, porque a escola é um dos primeiros espaços sociais que frequentamos desde pequenos e vamos dando significados ao que estamos aprendendo, vivenciando e experimentando no universo socioeducacional.

Nesse ínterim, o samba de roda chegou em minha vida quando ainda era criança, minha tia no início da década de 1990 oferecia caruru no mês de setembro aos santos Cosme e Damião no município de Ipiaú, interior da Bahia. Era um momento único de partilhar alegrias e o momento de cantar o samba de roda. Todos ficavam em círculo ou semicírculo batendo palmas, cantando e sambando com a ponta do pé repetindo o refrão do samba puxado pelos homens que tocavam os instrumentos musicais. Quem quisesse poderia ir sambar no centro da roda e assim, uns convidavam os outros para juntos sambar ou trocar de lugar na roda. Assim era o samba de roda realizado em Ipiaú pelas minhas remotas lembranças desses bonitos momentos. Porém, com o passar dos anos, minha tia deixou de fazer esse evento e por muitos anos fez somente o caruru para oferecer a família.

Após concluir o ensino médio, desloquei-me para morar em Jequié (Bahia) e após ingressar na graduação em Letras conheci o ODEERE, Órgão de Educação e Relações Étnicas (órgão vinculado à UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). Todos os anos nos reuníamos para realizar o caruru de São Cosme e São Damião, e assim, o samba de roda estava presente, tudo era feito com muito entusiasmo, alegria e comprometimento do que estávamos produzindo.

Primeiro, cantávamos batendo palmas durante a reza enquanto as crianças ingeriam o caruru, terminando a reza era o momento do samba de roda. Fazíamos uma grande roda com todos batendo palmas e cantando o samba de roda, quem

quisesse poderia ir para o centro da roda para sambar. Os homens eram os responsáveis por tocar os instrumentos musicais e puxar os sambas, as mulheres sambavam e repetiam o refrão da música. Esse acontecimento era realizado com a colaboração da comunidade local, dos discentes e docentes da UESB/Jequié.

Nesse sentido, Mestre Zeca Afonso (2022)² relata que “O samba existia por causa da reza. Terminava de rezar, aí começava o samba e ia até de manhã. Isso foi o que meu avô passou pra mim, então quando eu tinha 10 anos meu avô começou a me ensinar”.

Desde as séries iniciais até a graduação em Letras foi-me negado uma educação étnico-racial. Como eu, grande parte da sociedade brasileira também foi negado este direito. Dessa maneira, antes mesmo de concluir a graduação em Letras eu já estava em salas de aula do município de Jequié realizando estágios e substituindo professores nas escolas. Durante estes momentos, observava como os alunos se comportavam ao falar de aportes africanos e afro-brasileiros. Percebi que os alunos tinham preconceitos por não conhecerem quase nada sobre as culturas afro-brasileiras, africanas e indígenas e por isso, não se interessavam por estes temas. Em vários momentos conseguia apresentar um texto ou outro de antropologia que me guiavam no processo de inserir nas aulas alguns conhecimentos que não fossem eurocêntricos. No entanto, o preconceito ainda era bastante intenso sobre essas temáticas nas escolas. Quando concluí a graduação em Letras, tive a oportunidade de residir em Candeias, município da região metropolitana de Salvador. Trabalhando em escolas da cidade pude observar também o racismo camuflado quando se falava das culturas afro-brasileiras e seus aportes culturais, mesmo com a Lei 10.639/2003 alterada pela Lei 11.645/2008 já implantada.

² Mestre Zeca Afonso - líder do Grupo de Samba Chula Filhos da Pitangueira de São Francisco do Conde-BA, exímio sambador faz um relato no Documentário Samba de Roda, Patrimônio Imaterial da Humanidade: 15 anos de salvaguarda e conquistas (produzido em parceria com a Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual de Cachoeira. Disponível em 05/ 2022 no youtube.

Durante as minhas aulas de Língua Portuguesa e Produção textual inseria textos de autores africanos de Língua Portuguesa como Deolinda Rodrigues, Mia Couto, Pepetela, Paulina Chiziane, Alda Espírito Santo, Agostinho Neto, entre outros autores dos PALOPs - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Realizava seminários sobre os autores africanos para que os alunos pesquisassem sobre o lugar de fala de cada autor, seus protagonismos, suas histórias de vida e lutas.

Fazíamos análises de alguns textos, poemas, poesias, prosas, etc dos autores. Momentos importantes que oportunizaram aos alunos uma experiência que não obtive nem mesmo na minha graduação em Letras. Realizei algumas discussões sobre o conceito de racismo e a sua implicação na educação dos brasileiros. Inclusive, relatava para os estudantes sobre a minha educação que não atravessou temas afro-brasileiros, indígenas e africanos. E atualmente, eles estão tendo esse direito e podem cobrar de outros professores.

Quando ingressei no curso de pedagogia da UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira tive acesso aos textos do professor Pedro Abib e Katharina Doring sobre o samba de roda, e como já pesquisava sobre os aportes culturais afro-brasileiros (capoeira, maracatu e samba de roda) na UNILAB percebi que estava no caminho certo da minha pesquisa.

A alegria e a ancestralidade que envolvem o samba de roda foram elementos significativos que me fizeram pensar nesta pesquisa. Imaginei que inserir o samba de roda na escola a partir da perspectiva decolonial poderia proporcionar alegria e aprendizado sobre essa manifestação cultural que muito tem a nos oferecer e ensinar. Principalmente porque o samba de roda tem a capacidade de nos humanizar e nos educar enquanto pessoas.

Durante o pandemia no ano de 2020/2021 muitos mestres/mestras/sambadores e sambadeiras faleceram por conta da Covid-19 e/ou velhice, foi mais um fator que contribuiu para pensar alternativas para que essa manifestação cultural possa resistir, persistir através da escola e também

para aproveitar esse momento para discutir temas que são delicados ao ambiente educacional, principalmente, elementos culturais oriundos dos povos negros que ainda são marginalizados, excluídos e discriminados no sistema educacional brasileiro. De acordo com Vanda Machado (2010); “O desconhecimento sobre a história do continente africano na história do Brasil é parte do que nos distancia do conhecimento de nós mesmos” (Machado, 2010, p. 2.).

A educação, ao lado da cultura constituem instrumentos poderosos de libertação, transformação e empoderamento dos segmentos sociais historicamente excluídos da sociedade brasileira. Uma educação que não emana da cultura poderá estar votada ao fracasso, na medida em que não faz parte de uma política cultural.

Assim, as políticas culturais se destacam na perspectiva de propostas desenvolvidas pela administração pública, empresas privadas e organizações não governamentais com intenção de promover intervenções na sociedade através da cultura. Nesse contexto, Nestor García Canclini traz um conceito de políticas culturais.

Entenderemos por políticas culturais o conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, pelas instituições civis e pelos grupos comunitários organizados a fim de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para um tipo de ordem ou de transformação social (Canclini, 2019, p. 07).

Entendemos as políticas culturais como uma forma dos diversos setores e agentes sociais levarem a população brasileira a mais acesso à cultura, principalmente na contemporaneidade, pois percebemos que a população pobre quase não tem acesso a vários elementos culturais. Nesta perspectiva, a política cultural no Brasil se mostra de muita relevância, uma vez que vai proporcionar à parcela mais pobre da sociedade brasileira a obter acesso aos elementos culturais do Brasil.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) recomenda que países apliquem uma parcela de suas riquezas no setor cultural, porém, no Brasil apesar de haver investimentos nesse setor, ainda

há muitos entraves, uma vez que há pouco comprometimento por parte do Estado e instituições, pois toda vez que há cortes de verbas para equilíbrio das contas, sempre recai no setor da cultura.

Percebemos assim, que o poder público muitas vezes trata o setor cultural como um gasto ou apenas como obrigação. Nos anos de 2018 a 2022 pouco se fez em relação às políticas culturais. Aliás, foram os piores últimos anos em relação a essas políticas, pois não se teve investimentos significativos e nem boa vontade política do presidente do Brasil em investir em cultura, educação e meio ambiente. Pelo contrário, houve vários cortes nesses setores. Dessa maneira, a população brasileira fica à mercê da boa vontade política e dos governantes. O poder público tem demonstrado pouco interesse em intervir no status quo a fim de promover mudanças significativas na sociedade por meio da cultura. Como bem aponta Canclini, 2019.

Ou seja, um modo de intervenção, através de formulações ou propostas que deve reunir diversos atores com o objetivo de promover mudanças na sociedade por meio da cultura. A complexidade desta definição depende ainda da relação das noções pretendidas de política e de cultura (Canclini, 2019, p. 8).

Dito isto, por acreditar muito na educação e saber que ela pode transformar vidas, essa dissertação tem um significado para além do campo social, cultural e educacional. A opção de pesquisar a manifestação cultural samba de roda no contexto da escola poderá ser relevante, pois a partir dessa introdução possibilita-se abrir caminhos para discutir temas importantes e delicados que se perderam ao longo dos anos, como o racismo e a (in)tolerância religiosa e várias outros temas interligados a esse contexto.

Também, pode promover uma aproximação entre a comunidade escolar e os mestres da cultura popular brasileira. A presente pesquisa se reputa a favorecer aportes teóricos e empíricos que viabilizem a implementação das diretrizes curriculares consignadas na Lei Federal 10.639/03 alterada pela Lei 11.645/2008.

Nesse sentido, torna-se pertinente compreender ações empreendidas em prol de mudanças no entendimento da educação das relações étnico-raciais no contexto brasileiro. Nesse aspecto, sendo o samba de roda uma expressão cultural pertencente à nossa cultura, geralmente ele é realizado em espaços não escolares e quando é inserido nas escolas é quase sempre de forma folclórica e pouco como uma manifestação da cultura popular brasileira que deve ser valorizada e preservada para as futuras gerações. Nesse contexto, Dona Dilma Ferreira Alves Santana (Mestra Fiita, 2015) ³ faz um relato muito emocionante sobre o samba em sua vida e também sobre seu pedido de não deixar o samba morrer, mas que deve ser valorizado e passado para as novas gerações.

Pra mim, o samba é tudo se hoje na idade que estou eu frequento o samba é por amor. Eu ainda estou sambando, fazendo parte do grupo é por amor ao samba. Não é por outra coisa não, porque eu amo o samba. E peço todo dia aos mais novos que não deixe o samba morrer. Assim como nós já chegamos a essa idade e não deixou o samba morrer porque a gente veio acolhendo aquilo dos mais velhos. Todo mundo sabe que hoje graças a Deus o samba é um patrimônio cultural da humanidade.

A escola enquanto instituição fomentadora de conhecimentos pode ser capaz de promover a permanência e difusão do samba de roda e incentivar outros saberes não ocidentais e não hegemônicos e abrir-se para novas perspectivas voltadas para as raízes dos povos que participaram na/da formação sócio-cultural e econômica do Brasil. Katharina Doring (2016) afirma que o samba de roda é uma representação simbólica da cultura de matriz africana na Bahia que ainda é pouco conhecida, principalmente, para os jovens da idade escolar que sabem muito pouco sobre essa manifestação cultural. Assim, ela pontua que.

Ao lado do candomblé e da capoeira, o samba de roda do Recôncavo representa memória e presença sociocultural e estética das matrizes africanas na Bahia, formando os alicerces de uma identidade negra e baiana, menos conhecidos na sua (est)ética mais profunda, e nas múltiplas dimensões que vão além do visível, do belo e da alegria do momento (p. 71).

³ Mestra Fiita no Documentário das Mulheres no Samba de Roda produzido por Rosildo Rosário e Luciana Barreto, 2015. Disponível em 05/2022 no youtube.

Nesse contexto, a sambadeira Érica Neri Brandão (2019)⁴ confirma também que o samba de roda precisa ser mais divulgado e pesquisado pelas pessoas.

O samba precisa ser mais divulgado. Ser mais pesquisado pelas pessoas. Como sambadeira eu me sinto assim privilegiada de ta participando, de ter essa cultura de saber sambar, de falar assim: eu sei sambar, falar, eu faço parte da cultura brasileira, eu sou afro, sou negra assim com muito orgulho. E é por isso que eu me dedico ao samba.

Seguindo essa premissa de que o samba precisa ser mais divulgado e mais pesquisado pelas pessoas, a aprovação desta pesquisa no mestrado foi a oportunidade de unir a teoria e a prática na escola e de alguma forma contribuir com conhecimentos importantes para além dos muros das universidades. Desmistificar as histórias únicas (Adichie 2009) do Continente Africano e contribuir com uma educação antirracista tornaram-se lutas para mim, uma vez que essas histórias únicas ainda têm consequências muito ruins na sociedade, como o racismo, a discriminação e a intolerância religiosa. Sei que abordar o tema de samba de roda no âmbito escolar é desafiador, pois muitos preconceitos ainda estão engessados nas escolas, entretanto, é significativo e poderá gerar mudanças de comportamento entre os atores sociais envolvidos.

A partir desse entendimento que a minha questão de pesquisa se construiu: de que forma eu poderia construir uma proposta pedagógica sobre o samba de roda em uma escola do município de Candeias - Bahia?

O samba de roda no contexto escolar garante em parte o cumprimento da Lei Federal 10.639/2003 alterada pela Lei 11.645/2008 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira dentro das disciplinas que já compõem as grades curriculares do ensino fundamental e médio. À vista disso, torna-se importante o que o pesquisador Pedro Abib (2013) reflete sobre os saberes oriundos das manifestações culturais afro-brasileiros que precisam o tempo todo se opor à assimilação e se impor para serem reconhecidos.

⁴ Érica Neri Brandão Sambadeira de Antônio Cardoso-BA no Documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade em 12/2019 no youtube.

A luta pelo reconhecimento desses saberes, desses sujeitos e desses espaços, é uma tarefa que cabe a todos aqueles que têm o compromisso com a construção de uma sociedade brasileira menos preconceituosa e mais disposta a lidar com suas diferenças e sua diversidade cultural. Uma sociedade que possa perceber a riqueza dessa diversidade e o quanto isso pode apontar para um caminho de superação de tantas mazelas históricas responsáveis por tanto sofrimento do qual o povo simples desse país foi vítima (Abib, 2013, p.20).

O constructo de pesquisa propõe uma análise voltada para o pensamento decolonial que perpassa pelo samba de roda, uma vez que essa manifestação é considerada patrimônio imaterial da humanidade proveniente dos povos colonizados/escravizados. Assim, Abib (2019) considera ainda que o pensamento decolonial é uma arma teórica poderosa nos dias de hoje que vai subsidiar os três eixos importantes que foram instaurados: o poder/saber/ser. Nesse sentido, Abib assinala.

O pensamento decolonial, enquanto essa poderosa construção teórica encarnada nas lutas sociais dos povos colonizados, que mais e mais ganha força nos tempos atuais, se baseia na luta pela decolonialidade do poder, do saber e do ser como três importantes eixos onde a colonização se instaura. Emerge, assim, como poderosa forma de contestação a essa lógica imposta pela modernidade aqui criticada, no sentido de buscar a construção de outra lógica, proveniente do pensamento, da experiência, das lutas, das crenças, dos valores e dos sistemas simbólicos dos povos latino-americanos, africanos e asiáticos, contestando as concepções de que diversos povos não ocidentais seriam não modernos, atrasados e não-civilizados (Abib, 2019, p. 8).

Esta pesquisa tem a pretensão de analisar o samba de roda através da prática escolar, visibilizando saberes ancestrais e promovendo a construção de conhecimentos sobre a cultura de matriz africana e afro-brasileira, tornando normal o samba de roda na escola como uma expressão que faz parte da nossa cultura popular e que deve ser evidenciada no sistema curricular brasileiro. A pesquisadora Katharina Doring (2016) reflete sobre a importância do samba de roda, que é mais que um simples divertimento, é o momento de aprendizagem, escuta e respeito aos nossos ancestrais. Para Doring. “O samba de roda é um estilo de vida, uma moção que vem do interior de cada pessoa e se realiza no coletivo e significa muito mais do que um simples divertimento, embora não se

negue a assumir também esta função” (2016, p. 71)

Corroborando a tese de Doring, importa observar que o samba de roda é uma das formas fulminantes da resistência cultural africana materializada na formação social e cultural do Brasil, que precisa ser ressignificada através do sistema curricular brasileiro. Para a educação, além do samba de roda contribuir com o divertimento, também envolve vários outros saberes ancestrais que podem ser desenvolvidos no contexto escolar, na perspectiva de uma política cultural. Pode trazer ludicidade para a sala de aula, trabalha o corpo, a mente e sobretudo, pode trabalhar a autoestima dos alunos afrodescendentes, cuja formação identitária tem sido historicamente dilacerada e silenciada pelos processos coloniais e neocoloniais.

Desloca-se do ensino tradicional rígido para um contexto leve, de músicas, alegrias, cantos que favorecem o aprendizado de maneira divertida e prazerosa. A presença do samba de roda na escola pode propiciar vários projetos interdisciplinares que podem envolver várias disciplinas que compõem o currículo escolar e fortalecer o Projeto Político Pedagógico da instituição. Nesse sentido, Doring (2015) pontua sobre a importância de o samba de roda também ser inserido no ambiente educacional, pois essa manifestação traz consigo significados, aprendizados e valores que precisam ser inseridos e traduzidos para uma pedagogia contemporânea. Segundo a autora.

O samba de roda do Recôncavo baiano, p. ex. é um universo musical cheio de sonoridades gestuais, imbricadas de significados e aprendizados valiosos a serem traduzidos para uma pedagogia contemporânea, respeitando a inserção sociocultural e convivência orgânica, que se opõe a um ensino fragmentado, mecanizado e conteudista. A escola absorve pouco da memória estética e imaterial dos povos tradicionais, e não reconhece suas competências e habilidades para o campo da educação musical e das artes em geral (Doring, 2015, p. 02).

Sendo assim, investigar o samba de roda no contexto escolar compreende a construção da identidade sociocultural de um povo ou de uma nação, sobretudo, pode ser um agente de transformação social. Nesse contexto, incorporar o samba de roda na escola pode vir a contribuir para uma educação antirracista, inclusiva, democrática, “pluriversal” (Ramose, 2011, p.12), representativa que favorece a

cidadania e a diversidade dos educandos.

Sabemos que a não identificação por parte dos alunos com as temáticas africanas e afro-brasileiras perpassam por um olhar social discriminatório, racista e preconceituoso, resultados de anos de ensino e práticas educacionais eurocêntricas equivocadas sobre essas temáticas. Por este motivo, as práticas identitárias culturais no ambiente escolar, trabalhadas de forma a valorizar/visibilizar a cultura afro-brasileira favorecem principalmente, para que se possa dirimir o racismo institucional e estrutural que mancham a história da humanidade. Segundo Silvio Almeida (2018) o racismo se manifesta por práticas conscientes ou inconscientes que por anos foram camufladas nas escolas e na sociedade brasileira. Para Silvio Luiz de Almeida.

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática da discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meios de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens e privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial a que pertençam (Almeida, 2018, p. 7).

O educador Paulo Freire (2001) pontua que é necessário aproximar as crianças que frequentam as escolas da história, e memória social e cultural, no intuito de dirimir a separação historicamente cristalizada entre a cultura popular e a cultura erudita. Nesse sentido, nada mais coerente que aproximar os mestres e sambadeiras do samba de roda dos âmbitos escolares para que suas histórias de vida, seus saberes, valores e fazeres possam ser transmitidos, preservados e valorizados como saberes importantes para a reafirmação identitária de sujeitos afrodescendentes presentes nas escolas brasileiras. Estarão favorecendo uma educação contra o racismo, que é um sistema de opressão e dominação. Djamila Ribeiro o define como sistema de opressão que nega direitos (Ribeiro, 2019, p. 9).

Assim, essa dissertação tem como objetivo geral analisar de que forma é possível construir uma proposta pedagógica sobre o samba de roda na escola. Os objetivos específicos são: revelar o alcance da Lei Federal 10.639/03 alterada pela Lei 11.645/2008 no enfrentamento da visão tradicional eurocêntrica praticada no sistema curricular brasileiro; identificar políticas e práticas pedagógicas escolares

no ensino e promoção da educação para as relações étnico-raciais e antirracista; ampliar os conhecimentos docentes sobre a cultura popular e os estudos decoloniais; promover interações socioculturais entre a escola, mestres e mestras de samba de roda; promover experiências/vivências da cultura popular samba de roda.

O percurso metodológico é uma das partes mais importantes de uma dissertação de mestrado, pois vai abordar sobre os caminhos que o pesquisador escolheu para sua pesquisa. Desta maneira, o professor Roberto Sidnei Macedo pontua que, “(...) pesquisar é sempre um desafio, uma aventura pensada e valorada, uma experiência de autorização curricular-formacional de alta complexidade” (Macedo, 2020, p. 14). Nesse sentido, é de suma importância a escolha do método utilizado para se fazer pesquisa. Por isso, o pesquisador Roberto Macedo aponta que “Dessa forma, convém prestar atenção ao fato, de que, o método na pesquisa é uma escolha de responsabilidade do pesquisador e sua polis” (Macedo, 2020, p. 69).

Tratando-se de um estudo na área da educação cuja abordagem se remete às experiências subjetivas como representações mentais/orais e simbólicas, histórias de vida e autobiografias de atores e atrizes sociais participantes da pesquisa, propomo-nos assim trabalhar com o método qualitativo. Como aponta Maria Cecília de Souza Minayo, cujo objeto da pesquisa qualitativa é a “produção humana que pode ser resumida no mundo das relações, das representações e da intencionalidade” (Minayo, 2009, p. 21).

Ao realizar uma pesquisa é impossível fazê-la só por fazer, isso significa que não apenas apresentamos o resultado encontrado com esse estudo, mas também, fazemos ciência, modificando a realidade do que foi estudado ou ao menos gerando caminhos para que isso possa vir a acontecer.

A pesquisa tem o papel de aumentar os saberes, a ciência, as visões de mundo, ampliar a educação, contar a história vivida com maior propriedade. Entendemos que as pesquisas surgem a partir de um constructo de pesquisa (problemática estudada), por conta disso, buscamos respostas para as questões levantadas. Desta maneira, o professor Pedro Demo (1995, p. 11) define

metodologia como: “metodologia significa, na origem do termo, estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para se fazer ciência [...] envolve também a intenção da discussão problematizante”. Assim, o processo metodológico dessa pesquisa será descrito durante o percurso do texto e não em parte específica.

Dentro dessa abordagem qualitativa, a estratégia mais adequada para esta investigação foi a Pesquisa-ação. Michel Thiollent (1986) reflete que é “Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (Thiollent, 1986, p.14).

Roberto Macedo (2020) enfatiza que “Vale ressaltar mais uma vez, que a dinâmica de uma pesquisa-ação implica sempre na articulação entre a construção de saberes com uma certa (trans)formação a partir da pesquisa e vice-versa” (Macedo, 2020, p. 74).

A Unidade Escolar escolhida para a pesquisa é a Escola Municipal Professora Alzira Ferreira Ribeiro em Candeias considerada como região metropolitana de Salvador- Bahia, localizada no Bairro Santo Antônio, S/N, na Rua Aracajú, CEP: 43820-390, Código INEP- 29177197. CNPJ- 17.888.090/0001-00.

A escola tem seu funcionamento nos turnos matutino, vespertino e noturno. As etapas e modalidade de ensino são: Educação Infantil, Séries Iniciais do Fundamental I e EJA- Educação de Jovens e Adultos.

A Educação Infantil funciona em um anexo. Por falta de espaço na Escola Alzira Ferreira Ribeiro, foi necessário este segmento funcionar em outro local, mas que fica próximo a escola – sede. Os alunos quando terminam o ciclo da Educação Infantil seguem para o Fundamental I para prosseguir nos estudos.

Portanto, a escola é atravessada por vários desafios, entre eles, a falta de espaço e investimento adequado em materiais físicos, didáticos, de pessoal, etc.

Figura 1: mapa das cidades que compõem a região metropolitana de Salvador



Fonte: https://www.viamichelin.pt/web/Mapas-plantas/Mapa_planta-Candeias--Bahia-Brasil. Acesso em 01 de set. 2023.

Candeias é uma cidade do Estado da Bahia. Os habitantes se chamam candeenses. O município se estende por 258,4 km² e contava com 87 076 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 337 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Madre de Deus, São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé, Candeias se situa a 21 km a Norte-Oeste de Simões Filho. Situado a 36 metros de altitude. Candeias tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 12° 40' 5" Sul, Longitude: 38° 33' 3" Oeste. Mesorregião Metropolitana de Salvador. Microrregião de Salvador. Região Metropolitana de Salvador (Cidade Brasil, 2021).

Figura 2: Fotografia da fachada da escola municipal Professora Alzira Ferreira Ribeiro



Fonte: material produzido pela autora.

Como bem aponta o professor Roberto Sidnei Macedo, “Atores sociais não são idiotas culturais, já nos diz a máxima etnometodologia” (Macedo, 2020, p. 42). Nesse entendimento, os atores e atrizes sociais envolvidos na pesquisa são: os alunos e as alunas das séries iniciais do Fundamental I do turno matutino, professores e comunidade escolar que atuam na Escola Municipal Professora Alzira Ferreira Ribeiro. A escolha da Escola Municipal Professora Alzira Ferreira localizada no município de Candeias/BA ocorreu porque é uma cidade do município do Recôncavo da Bahia e depois é uma escola em que tenho aproximações profissionais, trabalho há quatro anos nessa instituição e considero importante para a identidade dos nossos alunos que possamos trabalhar elementos da nossa cultura de uma forma não folclórica, aproximando os sambadores e sambadeiras da região no contexto educacional.

Dessa forma, foi marcado um encontro semanal com duração de quatro semanas no mês de julho com as turmas e com duração de no máximo duas horas, com todo o planejamento da intervenção concluído previamente em concordância com o orientador. Cada encontro versou sobre os elementos que compõem o samba de roda. Nos encontros foram convidados os tocadores e as sambadeiras do município de Candeias.

Durante os momentos das oficinas/intervenções aconteceram rodas de conversas com os participantes da pesquisa para colher suas impressões, emoções e o que cada um desejou explanar no momento. O objetivo foi de adotar o percurso metodológico que possibilitou os estudantes e professores a partilhar suas experiências mais significativas e reais do momento da intervenção. As respostas foram analisadas de forma a considerar o conteúdo abordado e confrontadas com os estudos feitos na primeira etapa da pesquisa (pesquisa bibliográfica) de modo a estabelecer relações entre os estudos teóricos e os resultados da pesquisa empírica (resultados e discussão). Os encontros foram gravados para servirem de memória cultural para a instituição educacional.

Alguns dos aportes teóricos escolhidos para esta pesquisa foram: Pedro Abib, Katharina Doring, Carlos Rodrigues Brandão, Nilma Lino Gomes, Luiz Rufino, Catherine Walsh. São teóricos que discutem temáticas sobre o contexto educacional, o samba de roda e o pensamento decolonial. Roberto Sidnei Macedo, Michel Thiollent

que auxiliam a pensar sobre o processo metodológico e a pesquisa. Ivor Goodson para pensar no currículo escolar. W. E. B. Du Bois, Frantz Fanon, para debater sobre a ancestralidade e a valorização das experiências africanas e afro-diaspóricas e para refletir sobre a vivência no samba de roda, mestras e sambadeiras como; Dona Cadú, Dona Lora, Dona Fiita, Dona Dalva e outros mestres e sambadores pertinentes a este estudo. Por fim, os teóricos que se fizeram necessários durante a pesquisa.

Importante ressaltar, que a escrita do texto teve como base a Perspectiva Multirreferencial pensada inicialmente por Jacques Ardoino (1998), professor da Universidade de Vincennes - Paris VIII e seu grupo de trabalho. Desse modo, “a multirreferencialidade não tem intencionalidade de apresentar respostas e muito menos direcionar apenas uma leitura dirigida, mas provocar, dialogar acerca do conhecimento sob diversas perspectivas” (Ardoino, 1998). João Batista Martins (2004) reflete acerca desta abordagem.

A perspectiva multirreferencial propõe, por sua vez, abordar as questões anteriores tendo como objetivo estabelecer um novo “olhar” sobre o “humano”, mais plural, a partir da conjugação de várias correntes teóricas, o que se desdobra em nova perspectiva epistemológica na construção do conhecimento sobre os fenômenos sociais, principalmente os educativos. (Martins, p. 86).

Após a introdução, esta dissertação abordará no segundo capítulo- **EU NÃO TENHO MEDO DE ANDAR NO MAR:** é luta, existência e resistência. É uma abordagem acerca da Lei Federal 10.639/2003 alterada pela Lei 11.645/2008 no sistema curricular brasileiro e as implicações da matriz curricular tradicional eurocêntrica ainda predominante e hegemônica no sistema de ensino brasileiro. Abordou-se a luta antirracista, a forma de resistir e existir da cultura africana e afro-brasileira fazendo um recorte da atualidade. Pontuou-se sobre a implicação de uma educação antirracista no contexto atual, as mudanças e perspectivas de uma educação para as relações étnico-raciais que contemplem a diversidade cultural dos alunos negros, resignificando, deste modo, as experiências e os saberes de matrizes africanas e afro-brasileiras na escola.

O terceiro capítulo - **CULTURA COMO ESPAÇO DE SUA REALIZAÇÃO:** Formas outras de conhecimentos - discorreu sobre conceitos de cultura, cultura popular e estudos decoloniais. Posteriormente, apresentou a manifestação cultural

sambae roda focando suas principais características, tais como: a ancestralidade, oralidade, ritualidade, formas de transmissão de saberes, suas conexões: música, samba e corpo. E para concluir este capítulo, fez-se um recorte temporal do caminho percorrido pelo samba de roda: o passado e o presente.

O quarto e último capítulo- **O LUGAR DE FALA DO SAMBA DE RODA** – abordei as Interações socioculturais entre a escola, mestres e mestras: saberes, valores e experiências da cultura popular samba de roda - experiência de intervenção no âmbito da escola com as mediações da pesquisadora, mestres e sambadeiras do samba de roda.

Por fim, **O QUE O SAMBA DE RODA NOS ENSINA** - retrospecto do caminho percorrido situando os principais achados da pesquisa e apresentando propostas concretas de como trabalhar com o samba de roda na escola a partir da nossa experiência.

Samba que não tem viola
 Não tem pandeiro e cachaça
 Não é samba
 É reunião de crente
 Sambador perto não passa
 Nem prá ver
 Pois o samba tem que ter
 Viola pra acompanhar
 E cachaça pra se beber
 Aí é samba

Composição⁵: Bule-Bule.

⁵ Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/bule-bule/259475/letra/>. Acesso em 30 de set. 2023.

CAPÍTULO II

2.EU NÃO TENHO MEDO DE ANDAR NO MAR⁶: é luta, existência e resistência

Desde quando nasci, eu já encontrei o samba, eram meus avós, meus antepassados. E eu sempre gostando, né? Porque filho de peixe, peixinho é. E só tinha aquilo de alegria mesmo (Agnaldo de Souza, sambador, Acupe-BA, 2019)⁷.

A Lei Federal 10.639/2003 alterada pela Lei 11.645/2008 determina o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas do ensino fundamental e médio do Brasil, entretanto, a sua implementação ainda tem enfrentado diversas barreiras, nomeadamente: ideologias e preconceitos socioculturais e religiosos impregnados na cultura, racismo epistêmico e institucional, formação deficitária de professores e profissionais da educação, ausência de materiais didáticos que abordem temáticas voltadas para a educação das relações étnico-raciais, falta de vontade política e descomprometimento da elite dirigente com a promoção de uma educação libertadora antirracista.

Aprendemos nas escolas sobre a cultura europeia, seus costumes e seu modo de viver. Em contrapartida, pouco foi ensinado sobre a cultura afro-brasileira que teve forte influência da cultura africana e indígena. Diante disso, com o passar do tempo, a partir dos movimentos sociais e os movimentos negros, houve a implantação da Lei Federal 10.639/2003, que determina o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas do ensino fundamental e médio de todo país. Esta importante Lei conquistada foi inserida nas escolas para que o povo brasileiro se aprofundasse mais em suas raízes, identificando a participação dos negros na formação do Brasil, e conseqüentemente, em sua cultura, pois todo cidadão (brasileiro) precisa ter seus direitos culturais legitimados.

⁶ Eu Vi o Sol, Vi a Lua Clarear / Eu Não Tenho Medo de Andar no Mar. Disponível em <https://sambaderoda-patrimoniadahumanidade.bandcamp.com/track/eu-vi-o-sol-vi-a-lua-clarear-eu-n-o-tenho-medo-de-andar-no-mar>. Acesso em 30 de set. 2023.

⁷ Documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: Patrimônio Cultural imaterial da Humanidade. Disponível no youtube, 2019.

Por isso, o professor Renato Ortiz (2017) faz uma reflexão muito importante sobre os direitos culturais dos indivíduos.

Ao aproximá-los dos direitos culturais, um passo é dado na direção de se considerar a cultura como o espaço de sua realização. Entretanto, independentemente das implicações jurídicas, é a dimensão política que emerge como central na noção de direitos, pois confere aos grupos sociais a possibilidade de reivindicar de maneira legítima uma condição denegada pela sociedade. A associação entre diversidade cultural e direitos situa as manifestações culturais em um quadro de referências antes desconhecido (Ortiz, 2017, p. 60).

Neste sentido, passaram-se 20 anos desde a implantação da Lei Federal 10.639/2003. Entretanto, devido às barreiras mencionadas acima, ainda não se conseguiu alcançar satisfatoriamente como um todo o sistema curricular brasileiro, uma vez que a visão tradicional eurocêntrica ainda está fortemente impregnada nos currículos escolares das escolas brasileiras e há pouco comprometimento dos dirigentes para fiscalizar.

Muitas escolas ignoram a lei para continuarem a propagar somente a cultura dominante europeia fomentando ainda mais o racismo e a discriminação, negando aos alunos o direito aos conhecimentos e saberes dos povos que ajudaram a construir a história do Brasil. Nessa perspectiva, o professor Luiz Rufino (2019) aponta que, “A afirmação de que ninguém nasce racista, mas é educado a partir de ideologias racistas é oportuna para pensar as experiências paridas, a partir do devir negro no mundo, em especial aqui, no que tange às especificidades da sociedade brasileira” (p. 280).

O Brasil é um país miscigenado que teve a participação dos povos indígenas, africanos e europeus. No entanto, sabemos que por motivos de racismo e discriminação, a cultura indígena e africana foram silenciadas, extraídas e apagadas da educação dos brasileiros, sobressaindo a europeia. Os brasileiros aprenderam sobre a cultura do seu colonizador, seu modo de viver e até os dias atuais há reprodução de uma cultura eurocêntrica que tem como base subjugar outras culturas, principalmente, a africana.

Por tudo isso, em 2003 foi implantada a Lei Federal 10.639/2003. Tornou-se obrigatória a inclusão da “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” nos conteúdos das disciplinas Arte, História e Língua Portuguesa do ensino básico. Em 2004, foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, e a Resolução nº 1 do CNE, de 7 de junho de 2004, que instituiu as Diretrizes.

Essas proposições provocaram alterações na Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 — Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – foram acrescentados dois artigos referentes ao ensino de História: o “26-A” trata da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura da África e Afro-Brasileira, e define “o que ensinar”, “o conteúdo programático”, “resgatando” a importância do estudo da luta dos africanos e afro-brasileiros, da História e da cultura destes povos. O parágrafo 2º estabelece que os conteúdos devem ser objeto de todas as disciplinas, em especial, das disciplinas Educação Artística, Literatura Brasileira e História Brasileira. O artigo 79-B inclui no calendário o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”. Em 2008 a lei 10.639/2003 foi alterada para a lei 11.645/2008 para incluir a cultura indígena.

A Lei Federal 11.645/2008 promulgada em 2008 foi acrescentada à Lei 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas de todo país, no entanto, apesar de ter sido uma conquista muito importante para a sociedade e para os movimentos negros e sociais, ainda temos muito o que discutir e desmistificar, pois o ensino equivocado dessas culturas reforçam o racismo e a discriminação no contexto educacional e na sociedade.

Sobretudo, esta última alteração na LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação foi muito relevante para a educação brasileira e uma conquista para os povos indígenas, uma vez que além da cultura afro-brasileira é também importante a inserção da cultura indígena nas escolas de todo Brasil. Se os alunos conhecem muito pouco da cultura afro-brasileira, menos ainda da cultura dos povos originários,

tanto é que, ainda presenciamos escolas trabalhando de forma folclórica o dia dos povos indígenas, e ainda fazem questão de “festejar” o dia do “índio” caracterizando seus alunos, contribuindo com estereótipos negativos sobre esses povos que foram cruelmente excluídos e apagados da sociedade e da educação brasileira após a colonização. Dessa forma, a lei é uma tentativa de reparar os danos das culturas africanas e indígenas que foram radicalmente dilaceradas da nossa cultura.

Neste contexto, a lei descreve como o conteúdo programático deve ser trabalhado na escola. Assim.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (Brasil, 2008).

Essas iniciativas, embora tardias, estão contribuindo para que o ensino brasileiro seja ressignificado e também servindo para que os professores possam pensar de forma decolonial para valorizar a história e cultura do Brasil. Sabemos que é um processo longo desmistificar histórias negativas e equivocadas que estão intrinsecamente na história do Brasil, entretanto, é um papel desafiador muito importante dos professores/pesquisadores nos dias atuais.

Seguindo essa premissa, torna-se importante abordar nesse texto discussões acerca do conceito de raça abordada por Nilma Lino Gomes (2012, p. 727) “A raça é aqui entendida como construção social que marca, de forma estrutural e estruturante, as sociedades latino-americanas, em especial, a brasileira”. As discussões em torno do conceito de raça no Brasil teve uma proporção muito grande a partir do movimento negro, uma vez que esse movimento social por meio de suas ações começou a questionar a sociedade, a educação e o próprio estado sobre a situação problemática da raça negra no Brasil, pois sabemos que o passado colonial, que operou na sociedade brasileira, trouxe relações desiguais de poder entre negros e brancos do Brasil e que ainda nos dias atuais se mantém.

Como aponta Nilma Lino Gomes (2012), “A discussão sobre a raça no Brasil

e nos mais variados contextos não se faz no isolamento. Antes, ela se articula às questões históricas, sociais, culturais, políticas e econômicas mais amplas” (p. 729), ou, seja, com a implantação da Lei veio à tona os debates nas escolas e posteriormente na sociedade, pois sabemos que a escola pode ser um grande espaço de transformação e desconstrução de preconceitos e discriminações.

É a partir da escola que também podemos ter a oportunidade de ressignificar o que foi imposto aos brasileiros, principalmente, por inferiorizar a raça negra em detrimento da raça branca europeia. Nestes termos, Gomes (2012) faz uma afirmação significativa em relação ao movimento negro que muito contribuiu para a promoção das políticas públicas e conseqüentemente abriu espaço para o debate sobre raça e racismo no Brasil.

Ao ressignificar a raça, o movimento negro indaga a própria história do Brasil e da população negra em nosso país, constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana das suas próprias vítimas. Além disso, dá outra visibilidade à questão étnico-racial, interpretando-a como trunfo e não como empecilho para a construção de uma sociedade mais democrática, onde todos, reconhecidos na sua diferença, sejam tratados igualmente como sujeitos de direitos (p. 731).

Sendo assim, as variadas discussões sobre raça e racismo institucional abrem caminhos para que o povo brasileiro que em sua maioria se declara negro ou parda se reconheça e se identifique com a cultura negra, perceba a história de lutas, de resistências em que viveu e vive o povo negro do Brasil. É possível perceber o quanto um ensino racista, hegemônico e eurocêntrico contribui para as variadas discriminações que emergem da sociedade, pois o ensino que brasileiros e brasileiras muitas vezes ainda adquire é o ensino que silencia, exclui e subjuga povos não europeus. Por isso, Gomes reflete sobre a importância de politizar a raça para romper com visões distorcidas/negativas e naturalizadas. Dessa forma, o movimento negro teve uma grande colaboração para que a sociedade e a escola pudessem pensar as relações de poder que se estabeleceram entre negros e brancos no Brasil. Considerando que a escola é um microcosmos da sociedade.

Ao politizar a raça, esse movimento social desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial (2012, p. 731).

O ensino reproduzidor da cultura europeia reforça o racismo e o preconceito nas escolas. O ensino no ambiente escolar teve um viés ideológico/racista que corroborou para que o conhecimento das culturas africanas e afro-brasileiras ficassem à margem da sociedade, uma vez que o único conhecimento válido para a sociedade ocidental era o conhecimento advindo da Europa, ou seja, conhecimentos africanos por exemplo não deviam ser ensinados, essa é uma das causas do povo brasileiro saber muito pouco sobre suas origens, pois fomos colonizados em todos os sentidos: na língua, na cultura e principalmente nas mentes. Por isso, aponto o que Carlos Rodrigues Brandão (1981) reflete sobre a educação,

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos (p. 10).

A educação, com base na cultura europeia, foi imposta para aprofundar as desigualdades e fomentar o racismo e o preconceito na sociedade brasileira. Desde o momento em que se iniciou a colonização no Brasil, também iniciou-se a discriminação dos povos negros por causa da cor da pele. Os jesuítas tiveram interesse em catequizar os indígenas, enquanto os negros escravizados só serviam para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar e servir aos donos de engenho.

Brandão afirma que, “Mais ainda, a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de

sociedades. E esta é a sua força” (1981, p. 11).

O ensino europeizado no contexto brasileiro criou um estigma de que as práticas pedagógicas nas escolas deviam seguir um padrão eurocêntrico e conseqüentemente, os saberes oriundos dos povos africanos foram demonizados e excluídos das escolas e isso contribuiu muito para uma sociedade discriminatória. As práticas pedagógicas escolares centralizaram suas ações em reproduzir a cultura ocidental e com isso a hierarquização do saber e do conhecimento. Os alunos ainda resistem em aprender/conhecer sobre a cultura indígena e sobretudo a africana.

De acordo com Selva Guimarães Fonseca (2010, p. 5) “Grande parte dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e História, em 2008, ainda não preparava os professores para o estudo das temáticas no ensino fundamental.” Além disso, havia a dificuldade em obter um material didático que suprisse essa demanda. É importante ressaltar que a ausência de um currículo descolonizado nos programas de formação de professores fragiliza a luta por uma educação antirracista e deixa lacunas nos saberes que os futuros docentes oriundos dessas instituições compartilharão com os seus respectivos alunos. Por isso, Nilma Lino Gomes faz uma reflexão importante sobre a predileção da Europa Ocidental como centro da civilização, da ciência e dos epistemes.

A consideração da Europa ocidental vista como centro da civilização e da ciência moderna é entendida como forma acabada e universal de conhecimento implica a aceitação de que existe uma periferia. Uma periferia não só geográfica, mas econômica, política e racial. Trata-se de uma dicotomia produzida nos contextos de poder, uma divisão entre universos socioculturais separados por um abismo que se apresenta intransponível e que não possibilita a convivência e a copresença igualitária desses dois universos, suas culturas, conhecimentos e sujeitos. No entanto, tal situação pode ser indagada e superada. Para tal, estruturas profundas de poder e de desigualdade terão que ser mexidas (2012, p. 731)

Nesta conjuntura, há pertinência do conceito de colonialidade introduzido pela primeira vez pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, no final dos anos 1980 e no início dos anos 1990. A noção de colonialidade é utilizada pelo campo teórico dos estudos decoloniais para indicar as heranças e os legados do poder colonial

ainda presentes e caracterizados por uma compreensão interseccional deste poder. Assim, o conceito de colonialidade perpassa pelos legados do poder colonial que ainda está muito presente na atualidade.

Passou-se séculos desde que o Brasil deixou de ser colônia, no entanto, há ainda várias heranças da colonialidade e que precisam ser ultrapassadas. Uma das heranças da colonialidade se expressa na superioridade e na valorização que ainda é conferida aos modelos epistêmicos e aos saberes científicos elaborados pelo mundo ocidental euro-americano e na subordinação e desvalorização de outras formas de saber autóctones. Ou seja, essa herança da colonialidade enfatiza a superioridade e valorização de que somente o conhecimento elaborado pelo mundo ocidental é importante, fazendo com que outros conhecimentos/saberes não ocidentais sejam desvalorizados e subordinados. Com isso, tornando os saberes ocidentais como universais e únicas expressões de conhecimento.

Sabendo-se disso, para contrapor a este pensamento, há o conceito dos estudos decoloniais que vai fomentar que todo o saber seja importante e que não estamos mais sendo colônias para imposição/hierarquização dos conhecimentos ocidentais.

Com efeito, as novas práticas sociais implicadas no padrão de poder mundial, capitalista, a concentração do capital e dos assalariados, o novo mercado de capital, tudo isso associado à nova perspectiva sobre o tempo e sobre a história, à centralidade da questão da mudança histórica nessa perspectiva, como experiência e como idéia, requerem, necessariamente, a dessacralização das hierarquias e das autoridades, tanto na dimensão material das relações sociais como em sua intersubjetividade; a dessacralização, a mudança ou o dismantelamento das correspondentes estruturas e instituições. A individualização das pessoas só adquire seu sentido nesse contexto, a necessidade de um foro próprio para pensar, para duvidar, para decidir; a liberdade individual, em suma, contra as adscrições sociais fixadas e em consequência a necessidade de igualdade social entre os indivíduos (Quijano, 2005, p.125).

Os estudos decoloniais também denunciam as heranças da colonialidade, enfatizando que não há hierarquia de saber científico e epistêmico e nem desvalorização de conhecimentos, mas que todo conhecimento, ocidental ou não

ocidental têm a mesma importância e significação. Por isso, Aníbal Quijano faz a seguinte análise.

A globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial. Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a idéia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. Esse eixo tem, portanto, origem e caráter colonial, mas provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido. Implica, conseqüentemente, num elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico (Quijano, 2005, p. 117).

Posto isto, a colonização europeia aqui no Brasil foi tão intensa e desumana que estamos no século XXI, mais de quinhentos anos depois, e ainda estamos lutando para nos descolonizar. Frantz Fanon (2005) em seu texto *Os Condenados da Terra*, reflete sobre o que é a descolonização e os seus efeitos para a cultura negra. Assim sendo, “a descolonização perpassa por ideias de libertação nacional, renascimento nacional, restituição da nação ao povo”, ou seja, chegou à vez do colonizado erguer sua voz e reivindicar por sua cultura e seu modo próprio de viver.

A descolonização como aborda Fanon (2005), “é um processo histórico que só pode ser compreendida, só tem sua inteligibilidade, só se torna translúcida para si mesma na exata medida em que se discerne o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo.” Assim, descolonização é um termo forte e que contém bastante significado, uma vez que esse termo vai instigar um povo a pensar sobre a sua própria ótica, própria essência em detrimento da ótica do colonizador.

Contudo, a descolonização diz respeito ao ser, ela modifica fundamentalmente o ser, pois o colonizado irá pensar por si só, sem a intervenção do colonizador. Ela instiga ao colonizado seu ritmo próprio, novas mentalidades e novas humanidades. Pensar a colonização é pensar em um mundo cortado em dois em que de um lado há o colonizado que não tem direito a nada, são resumidos a animais e objetos, enquanto o mundo do colonizador é um mundo de riquezas,

poder, ambição, prosperidade, o mundo do colonizador animaliza o mundo do colonizado.

Dessa forma, quando o colonizado descobre que sua vida, sua respiração, os batimentos do seu coração são os mesmos que os do colono, ocorre o abalo essencial para que esse povo lute/resista a favor de sua cultura, sua cor, sua origem, seus ancestrais.

As principais ideias de Fanon são para nos inquietar em relação a tomar posse de nós mesmos, de nossas culturas, nossa língua e de reagir frente à colonização imposta.

O termo descolonização perpassa e interliga por todos os campos da vivência humana, principalmente se pensarmos a descolonizar as mentes que foram colonizadas durante séculos.

O autor traz uma abordagem que possibilita a pensarmos por nós, sobre nós, sobre nossa essência, nossos ancestrais, tomarmos para nós a responsabilidade de vivermos conforme a nossa cultura, nossa perspectiva nacionalista e não pela perspectiva de uma cultura imposta. Para nós, este termo tem um significado ainda maior, pois o que seria feio, estereotipado, não civilizado, torna-se empoderado, valorizado.

A Negritude⁸ torna-se uma questão de honra, de lutas, resistências e não mais de vergonha.

No discurso sobre a Negritude feito por Aimé Césaire em 1987 ele evidencia: “A negritude resulta de uma atitude proativa e combativa de espírito. Ela é um despertar; despertar de dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade (Caminhos para a cidadania, s.d. p. 01).

⁸ A negritude é um conceito debatido por importantes teóricos ao redor do mundo, entre eles o poeta, ensaísta e político da Martinica, Aimé Césaire. Sartre, filósofo francês, também analisou o conceito. Em sua definição, negritude pode ser entendida como orgulho das raízes culturais da raça negra e que, segundo Sartre, é uma reação ao racismo presente na sociedade (Caminhos para a cidadania, s.d. p. 01).

Nesse contexto, torna-se necessário que analisemos como está a implantação da Lei Federal 10.639/03 que completou 20 anos em janeiro de 2023. Os dados mais recentes são da revista eletrônica Folha de São Paulo publicada em 9 jan. 2023 que faz uma breve análise sobre a lei “ sem um acompanhamento das autoridades sobre sua real implementação que demanda o interesse de desenvolver uma cultura antirracista e a opção por enfrentar o racismo”.

A revista denuncia que após 20 anos ainda há muitas limitações em relação à Lei, principalmente, que não há interesse das autoridades em acompanhar a aplicação efetiva.

Nossa avaliação nesses 20 anos é muito triste. Entendemos que o poder brasileiro é estruturalmente racista, e por quê? Me apresente uma lei que privilegie banqueiros ou o agronegócio que não tenha sido colocada 100% em prática no dia seguinte”, diz o fundador da ONG Educafro, frei Davi dos Santos (Lacerda, Lucas Folha de São Paulo, 2023).

Nesta mesma publicação, podemos encontrar vários entraves/desafios para a efetiva implantação, dentre eles os que mencionei no primeiro parágrafo deste capítulo. E mais um agravante, as autoridades são omissas em fazer esse acompanhamento. Infelizmente, passaram-se anos e ainda precisamos cobrar das autoridades o devido comprometimento com a Lei.

No tocante aos desafios para a efetiva implantação da Lei nas escolas brasileiras, não é possível deixar de mencionar sobre um crescimento significativo de lideranças evangélicas que comprometem a inserção de manifestações culturais afro-brasileiras. Como bem reflete Vagner Gonçalves da Silva (2017).

Crescimento este que não se limita aos dados quantitativos, mas se faz evidente na ampliação da participação de lideranças evangélicas na esfera pública e político partidária. Ademais, o contexto político do país (que se reflete nos constantes ataques à Educação, a diversidade e a democracia), têm produzido e alimentado o que alguns grupos denominam de intolerância religiosa, mas que aqui, chamaremos de racismo religioso, por acreditar que o primeiro termo não dá conta de explicar a violência com que as religiões de matriz africana têm sido tratadas (p. 04).

A cultura evangélica dentro das escolas é mais um desafio a ser ultrapassado, uma vez que as lideranças evangélicas não tem boa vontade e nem interesse em implantar a Lei, principalmente, porque falta fiscalização do poder público. Dentro das escolas, ainda há uma relação muito forte entre a religião cristã/evangélica e educação, antes de iniciar as aulas os professores realizam a oração que foi ensinada pelo colonizador mesmo tendo o conhecimento de que o Estado é laico.

O que se refere aos negros é tratado de forma demoníaca ou folclórica. Pais evangélicos dos alunos também impossibilitam o trabalho das manifestações culturais afro-brasileiras nas escolas. Consequentemente, contribui para o crescimento do racismo e do racismo religioso no contexto educacional. Professores evangélicos se recusam a trabalhar essas temáticas em suas aulas. A presença de muitos diretores evangélicos dificulta ainda mais o trabalho. Há uma forte negação quando falamos de inserir aportes culturais de matrizes africanas e afro-brasileiras nos conteúdos escolares.

Quando algum professor tenta abordar essas temáticas é repreendido e taxado como macumbeiro pelos seus colegas de trabalho. Dessa forma, a cultura evangélica crescente nas esferas públicas e privadas têm contribuído significativamente para negação/exclusão/demonização das culturas afro-brasileiras e africanas no sistema educacional do Brasil.

Por isso, quanto mais evangélico for o corpo docente da escola mais difícil será a implantação da Lei 11.645/2008 e mais discriminados os alunos pretos e pardos serão. E mais distante de uma educação libertadora, democrática e antirracista estará a escola, os alunos, os professores e a comunidade escolar. Nesse ínterim, a escola escolhida para a pesquisa é palco de todos esses desafios apontados acima. É uma escola localizada em uma comunidade periférica de Candeias e que a grande maioria de seus alunos é negra ou parda. É uma escola que possui uma parcela da comunidade evangélica e que ainda sabe muito pouco sobre a cultura afro-brasileira e indígena. Ainda é uma escola que reproduz alguns padrões eurocêntricos e racistas e que trabalha o samba de roda, a capoeira como

elementos folclóricos. No entanto, nos últimos anos percebo algumas tímidas mudanças positivas em relação a postura de alguns professores ao retratarem assuntos que envolvam temáticas dos povos negros e indígenas.

Foi analisando o perfil da comunidade da escola, que a metodologia de coleta de dados foi estabelecida, por considerar a melhor forma de colher as informações nos momentos da intervenção, pois são momentos únicos em que os atores e atrizes sociais estão mais envolvidos no processo. Por isso, dividimos a coleta dos dados em dois momentos; **primeiro momento:** aplicação da intervenção/oficina na escola que levou a comunidade escolar à vivência/experiência das sambadeiras, bem como levou-a conhecer o universo do samba de roda, características e ancestralidade; o **segundo momento:** após a oficina aconteceu a roda de conversa entre alunos, professores e as sambadeiras, a fim de aproximá-los uns dos outros.

Sendo assim, apesar dessa preocupante avaliação sobre a Lei, não há possibilidades de desistir, precisamos fazer emergir nossas forças para continuarmos a avançar. Mesmo em curtos passos, sabemos que uma Lei como esta que beneficia a visibilidade da cultura afro-brasileira na educação em um país racista passaria por tais entraves. E é exatamente por este motivo que nós professores/pesquisadores comprometidos com uma educação diversa/plural/antirracista deveremos nos comprometer efetivamente com essa luta.

A educação poderá ser um meio para promover mudanças significativas no seio da sociedade. O escritor e pedagogo Luiz Rufino (2019) defende que, “A educação é um fenômeno plural, inacabado e dialógico”(p. 263). Consequentemente, o ensino deve ser plural, diversificado e inclusivo, que garanta práticas pedagógicas antirracistas e decoloniais que vão favorecer as culturas que foram marginalizadas e excluídas do seio educacional. Para que os alunos se percebam, se reconheçam nas histórias contadas em salas de aula. É preciso pensar em uma educação que prepare os alunos para autonomia, liberdade e para lutar contra o racismo impregnado nessa sociedade. Luiz Rufino defende,

Uma educação antirracista/decolonial, resiliente e transgressiva, que rasure os parâmetros impostos por esse modelo haverá de despachar essa marafunda/carrego com uma resposta responsável. Para o lançar essa resposta, terá como caminhos a necessidade de parir novos seres sem que a credibilidade desses se construa em detrimento da dos outros (2019, p. 276).

Para este enfoque, a discussão sobre o currículo das escolas torna-se muito pertinente, pois para descolonizar as mentes dos nossos educandos precisará alterar esse documento que por muito tempo foi visto como um instrumento engessado e que sabemos que é reprodutor e alienante que ainda há escolas que resistem em pensar, repensar seus currículos escolares para abranger a identidade, diversidade, pluralidade da comunidade escolar e da sociedade.

Por isso, Ivor Goodson (1995) afirma que o currículo deve ser “multifacetado, construído, negociado, renegociado em vários tipos e campos” (p. 67). O professor Goodson defende ainda, que o currículo deve ser centrado/pensado numa epistemologia social do conhecimento escolar, preocupada com determinantes sociais e políticos do conhecimento educacionalmente organizado (1995, p. 10).

Ao longo dos 20 anos da implantação da Lei Federal 10.639 houve promoção e incentivo para questões relacionadas às relações étnico-raciais, sobretudo, no contexto escolar. Contudo, ainda precisa-se de muito comprometimento das escolas, sociedade e dos poderes públicos para promover ainda mais projetos, políticas, incentivos, ensinamentos, pesquisas que valorizem a cultura africana e afro-brasileira. Importante ressaltar o que Nilma Lino (2012) aponta em seu artigo sobre a expressão étnico racial.

A expressão “étnico-racial” é usada em alguns momentos do artigo para enfatizar que, ao elegermos a raça como categoria central de análise, não abandonamos a etnia como um dos aspectos que nos ajudam a compreender as várias questões que envolvem a população negra, no Brasil, e a construção das suas identidades. O termo “étnico-racial”, ao nos referirmos ao segmento negro da população, abarca tanto a dimensão cultural (linguagem, tradições, religião, ancestralidade), quanto as características fenotípicas socialmente atribuídas àqueles classificados como negros (pretos e pardos, de acordo com as categorias censitárias do IBGE) (2012, p. 742).

Seguindo essa premissa, professores e professoras devem se comprometer com a luta para uma educação antirracista e levar os conhecimentos/saberes da cultura africana e afro-brasileira para as escolas a fim de desmistificar as histórias únicas negativas sobre o Continente Africano. De acordo com Luiz Rufino (2019), a educação deve estar entrelaçada com a ética e responsabilidade com o outro. “A educação é um fenômeno que, além de tão diverso quanto às formas de ser, estar e interagir no mundo, por ser demasiadamente humano, está implicado em uma dimensão ética de responsividade/responsabilidade com o outro” (p. 275).

Penso que é necessário que continuemos a lutar por uma educação contra o racismo, contra a discriminação e contra toda forma de conhecimento hierarquizado que marginaliza, subjuga e exclui um povo, uma nação, um continente ou uma cultura. É lutar por uma educação emancipadora capaz de tornar alunos autônomos e conscientes de sua própria história. É resistir para continuar a existir.

Diante da reflexão acima, percebo que ainda há muito o que re-construir, ressignificar, desconstruir nas escolas de todo o Brasil para que tenhamos uma sociedade mais justa, plural, democrática e diversa. Por isso a importância de discussões acerca das políticas educacionais que foram implantadas no Brasil, bem como as consequências que o ensino hegemônico da cultura europeia trouxe para a educação brasileira e com tudo isso, promover uma educação que contemple a diversidade étnica racial a fim de contribuir para a institucionalização de uma educação antirracista.

Precisamos nos comprometer verdadeiramente com uma educação que se volte a difundir conhecimentos dos povos que fizeram parte da história desse país e que muito pouco ainda se sabe. Um povo ignorante em relação aos saberes de sua origem está fadado ao fracasso, pois somente quando nos conhecemos, sabemos quem somos e de onde viemos, podemos lutar pelos nossos direitos, por uma sociedade mais justa e igualitária. A educação brasileira precisa voltar para si e valorizar sua cultura, suas raízes e os conhecimentos oriundos dos povos negros, assim aponta Luiz Rufino sobre a educação emancipatória e comprometida.

Uma educação que busca a emancipação deve estar comprometida com o outro. Assim, ela parte do reconhecimento da diversidade e da busca contínua pelo diálogo entre as diferenças. É uma educação pluralista e dialógica. Em uma perspectiva bakhtiniana, que também é fundamentalmente excusíaca, ter o outro como prioridade é um princípio do agir ético, é a resposta responsável que eu concedo (2019, p. 284).

Diante desse contexto, consideramos importante promover mais pesquisas/discussões que se voltem a pensar, debater sobre as culturas africanas e afro-brasileira no meio educacional, nas universidades, nos movimentos sociais e também na sociedade como um todo, pois só possibilitando conhecimento à população brasileira poderemos enfrentar o racismo, a discriminação, o preconceito e a intolerância que assolam o Brasil, visto que o brasileiro conhece muito pouco sobre os povos que fazem parte de sua cultura e suas tradições.

Dessa forma, possivelmente, poderemos pensar em uma sociedade pluriversal e multicultural que contemple também os saberes/conhecimentos de outros povos que ajudaram a construir a história desse país. Construindo uma educação libertadora e consciente pode-se ter uma educação de qualidade que garanta a dignidade dos alunos negros que tanto são excluídos e marginalizados em todos os setores no Brasil. Resistir, lutar, esperar são palavras-chave para os pesquisadores comprometidos com essa temática, pois ser professor/pesquisador é também escolher suas lutas. Como afirma Rockwell Elsie (2018), *Las escuelas se convierten en campos de batalla en unos casos, y en otros son lugares de refugio* (p. 836). (As escolas tornam-se campos de batalha em alguns casos, e em outros são locais de refúgio)

Para concluir este capítulo, a análise em relação ao alcance da Lei Federal 10.639-2003/11.645-2008 no sistema educacional brasileiro ainda é bastante insuficiente. A visão tradicional eurocêntrica está fortemente impregnada no sistema curricular brasileiro. Em contrapartida, percebe-se muita boa vontade de alguns professores, pesquisadores, militantes, alunos e pessoas engajadas com essas temáticas a continuarem a lutar/esperançar por uma educação antirracista, emancipada e libertadora.

Eu Sou Lia (Ciranda
de Lia)

Eu sou Lia da beira
do mar
Morena queimada do sal
e do sol
Da Ilha de Itamaracá
Quem conhece a Ilha de
Itamaracá
Nas noites de lia
Prateando o mar
Eu me chamo Lia e vivo por lá
Cirandando a vida na beira
do mar
Cirandando a vida na beira do
mar
Cirandado a vida na beira do mar
Vejo o firmamento, vejo o mar
sem fim
E a natureza ao redor de mim
Me criei cantando entre o céu e o
mar
Nas Ilhas de Itamaracá
Nas praias da Ilha de Itamaracá

Composição⁹: Paulinho da Viola.

⁹ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/lia-de-itamaraca/399583/>. Acesso em 30 de set. 2023.

CAPÍTULO III

3. CULTURA COMO ESPAÇO DE SUA REALIZAÇÃO: Formas outras de conhecimentos

Então esse samba é um samba que vai retratando a nossa vivência, o que já vivemos, o sofrimento que nós passamos. Quando a gente cai no samba, a gente esquece de tudo. A gente só quer saber de sambar. Quando toca a gente fica balançando sem querer (Joanice Santos, sambadeira, Acupe- BA, 2019) ¹⁰ .

Este terceiro capítulo reflete sobre a *Cultura Popular e os Estudos Decoloniais: saberes formacionais e (in)formacionais* de forma a contribuir com dados teóricos que possam viabilizar reflexão/formação/informação acerca da importância da valorização da cultura popular brasileira, bem como contribuir com os estudos decoloniais que nesse processo se mostra de muita relevância, uma vez que esses estudos contribuem significativamente para pensarmos as epistemes já estabelecidas e enraizadas na sociedade.

Nos convida a posicionarmos sobre determinados conhecimentos que outrora eram tidos como únicos e verdadeiros e também a voltarmos para as raízes dos povos que participaram da e na formação social e cultural do Brasil. Neste capítulo, abordarei também mais profundamente sobre a manifestação cultural samba de roda apresentando sua história, diversidade, características e ancestralidade.

Durante a pesquisa de mestrado, realizei várias leituras para dar conta de responder a pergunta de partida. Assim, no que tange ao referencial teórico metodológico no campo das pesquisas em educação, propus trabalhar a partir da Abordagem Multirreferencial. Sendo assim, escolhi autores que possibilitam dar conta do meu constructo de pesquisa.

¹⁰ Joanice Santos, sambadeira de Acupe-BA no Documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Disponível em 12/2019 no you tube.

A multirreferencialidade nos permite abordar autores de diversas vertentes. “[...] quer dizer que no lugar de buscar um sistema explicativo unitário [...] as ciências humanas necessitam de explicações, ou de olhares, ou de óticas, de perspectivas plurais para dar conta um pouco melhor, ou um pouco menos mal, da complexidade dos objetos” (Ardoino, 1998d, p. 4).

[...] análise multirreferencial das situações das práticas dos fenômenos e dos fatos educativos se propõe explicitamente uma leitura plural de tais objetos, sob diferentes ângulos e em função de sistemas de referências distintos, os quais não podem reduzir-se uns aos outros. Muito mais que uma posição metodológica, trata-se de uma decisão epistemológica (Ardoino, 1995a, p. 7).

Entrelaçar temas como samba de roda, culturas populares, decolonialidade e educação perpassam pela multirreferencialidade, uma vez que são elementos que vão de encontro com as epistemologias do conhecimento científico tradicional (cartesiano, positivo etc.) concebido há anos e por muito tempo se perdurou. Por isso, Ardoino reflete.

A educação é entendida, no âmbito da abordagem multirreferencial, “como uma função global, que atravessa o conjunto dos campos das ciências do homem e da sociedade, interessando tanto ao psicólogo como ao psicólogo social, ao economista, ao sociólogo, ao filósofo ou ao historiador etc.” (Ardoino, 1995a, p. 7).

Nesse entendimento, Martins pontua.

À medida que os fenômenos educativos são apreendidos enquanto complexidade, torna-se necessário uma abordagem que atente para essas várias perspectivas, reconhecendo suas recorrências e contradições, de tal forma que elas não se reduzam umas às outras (Martins, 2004, p.89).

Visto que o ser humano se caracteriza por uma multideterminação de fatores: sociais, econômicos, políticos, psíquicos etc., o que o localiza na ordem do complexo, as abordagens que se inspiraram no cartesianismo ou mesmo no positivismo, buscando na redução a compreensão para os fenômenos humanos, confrontam-se constantemente com os limites que essas posturas epistemológicas lhes impõem, acabando por produzir um conhecimento fragmentado e superficial (Martins, 2004, p.89).

Por isso, é necessário um olhar múltiplo para construção do conhecimento, afirma Martins (2004).

Reconhecer a necessidade de um olhar múltiplo para a compreensão dos fenômenos educativos implica um rompimento com o pensamento linear, unitário e reducionista característico do “paradigma de simplicidade” descrito anteriormente, e privilegiar o heterogêneo, como ponto de partida para a construção do conhecimento (p. 90).

A abordagem multirreferencial, enfim, nos abre a possibilidade de traçar um novo caminho no processo de elucidação dos fenômenos sociais, rompendo com a posição epistemológica desenvolvida ao longo da modernidade. Podemos dizer que esse rompimento restaura o espaço de sentido de cada participante da relação e nos permite pensar esse espaço restaurado como circunscrevendo o discurso de um sujeito falante – tanto para aquele que se diz pesquisador como para aquele que é olhado como objeto – libertando o homem da sua condição de objeto. A proposta de Ardoino, por sua vez, nos leva ao reconhecimento de uma heterogeneidade própria do campo das ciências humanas, visto que esta se caracteriza por uma coexistência temporal de várias perspectivas teóricas, várias abordagens, vários paradigmas (Martins, 2004, p.90).

Nessa perspectiva, a linguista estadunidense radicada no Equador, Catherine Walsh (2005) pontua que decolonizar-se cumpre o papel fundamental do ponto de vista epistemológico e político. Walsh defende uma pedagogia decolonial como “uma práxis baseada na insurgência educativa propositiva”, concebendo a pedagogia como política cultural baseada nos conceitos de “pensamento de fronteira” e “interculturalidade” (Walsh, 2005). Ou seja, o pensamento decolonial carrega em si elementos que contrapõem as epistemes já estabelecidas e enraizadas na sociedade e nos convida a posicionarmos sobre determinados conhecimentos que outrora eram tidos como únicos e verdadeiros.

Sendo assim, a cultura popular brasileira nesse contexto é de suma importância, pois remete a algo que é do povo simples e também do povo negro que chegando ao Brasil e às Américas inseriu muitos elementos que formaram a cultura popular que hoje temos, a exemplo da capoeira, samba de roda, cantos, maracatu entre outros elementos que estão presentes na identidade cultural dos brasileiros. Como afirma Ortiz.

A canção, a poesia e as narrativas populares são percebidas como lugar no qual se depositam as raízes da tradição ancestral. Românticos e folcloristas irão valorizar esta tradição ameaçada pelas transformações sociais. Ela representa um tesouro, uma riqueza, o solo da identidade nacional (2017, p. 23).

O professor e pesquisador Pedro Abib, faz uma importante consideração sobre o termo cultura popular.

O termo “cultura popular” tem tido interpretações e usos diversos ao longo dos últimos dois séculos, suscitando debates que vão do campo das ciências sociais às artes, passando pela comunicação, filosofia, política, educação, estudos culturais e tantas outras áreas interessadas no estudo das atividades humanas (2019, p. 1)

Para Paulo Cesar Alves (2010) “Todas as experiências humanas já são em si cultura” (p. 44). Porém, desde o início da colonização brasileira as experiências humanas entre os europeus, indígenas e africanos foram cercadas por variados tipos de violências, entre elas, o apagamento/silenciamento da cultura dos povos indígenas e conseqüentemente dos povos africanos que foram traficados para o Brasil.

Nesse sentido, a cultura indígena e africana foram culturas silenciadas que tiveram que ser substituídas pela cultura europeia e que ainda está muito presente na sociedade nos dias atuais. Percebemos o quão dilacerante e violento foi para a cultura brasileira a imposição da cultura hegemônica europeia em detrimento da cultura dos povos originários e dos africanos que chegaram ao Brasil como escravizados, pois com isso, as culturas indígenas e africanas sempre estiveram à margem da sociedade e nunca foram valorizadas como deveriam. Por isso, torna-se de muita relevância debater sobre essa questão, uma vez que o brasileiro precisa ter ciência da sua própria história cultural e dos povos que ajudaram a construir socialmente, economicamente e culturalmente o Brasil e suas manifestações culturais presentes em todos os estados brasileiro.

Nesse entendimento, nasce o termo cultura popular, sabemos o quão problematizantes são esses conceitos, pois cada área do conhecimento entende o termo cultura e popular de formas diferenciadas, entretanto, sabemos que não há um conceito definido, sabemos apenas que há um preconceito enraizado

quando falamos de cultura popular, pois cultura popular remete ao povo simples, ao povo negro e afro-brasileiro, ou seja, há uma questão de discriminação, preconceito e racismo por parte de muitas pessoas quando tentam conceituar cultura popular.

Stuart Hall afirma que a cultura popular sempre foi luta e resistência, mas também, apropriação e expropriação. Por isso, segundo ele, “no estudo da cultura popular, devemos sempre começar por aqui: com o duplo movimento de conter e resistir, que inevitavelmente se situa em seu interior” (2003, p. 233). Abib enfatiza sobre o conteúdo político que se articula em torno da noção de cultura popular.

Em outras palavras, trata-se de enfatizar aqui o conteúdo político que se articula em torno da noção de cultura popular. Em seu centro estão as relações de poder mutáveis e irregulares que definem o campo da cultura, isto é, a luta cultural e suas múltiplas formas. Seu principal foco – em termos gramscianos – é a relação entre a cultura e as questões de hegemonia (Abib, 2015, p. 110)

A cultura popular brasileira foi e ainda é vista como uma cultura dos povos negros e afro-brasileiros por conter fortemente elementos do samba, da capoeira e do candomblé e por tudo isso, essa cultura foi e ainda é passada para os alunos de forma folclórica uma vez ao ano, especificamente no mês de agosto em que se comemora o dia do folclore brasileiro, entretanto, precisamos desmistificar que os elementos culturais brasileiros sejam folclóricos, e sim, que fazem parte da cultura do Brasil.

A cultura europeia não foi ensinada de forma folclórica, mas ensinada de forma que pudéssemos reproduzir a cultura do nosso colonizador e por isso, a cultura brasileira que tem como raiz a africana e a indígena são marginalizadas e trabalhadas de forma a contribuir com o racismo e o preconceito na sociedade. Por este motivo, é importante trazer para essa discussão o D. B. Du Bois (1998), que enfatizou a importância de uma identidade cultural negra. Du Bois enfatiza que, “a história social do negro não se iniciou na América. Ele foi trazido de um ambiente social definido” (p.175).

Ou seja, o autor reflete sobre as contribuições dos negros para as sociedades ocidentais, sendo elas cultural, social e econômica. Nesse sentido, percebemos que a nossa cultura brasileira teve forte influência dos povos negros que trouxeram para aqui suas histórias de vida, seus costumes, saberes e modos de viver. Além do mais, os povos africanos não saíram de seus territórios por livre e espontânea vontade, foram retirados à força de suas famílias, suas crenças, suas religiões, suas línguas e aqui tiveram que se estabelecer de forma forçada e sem dignidade.

Os africanos escravizados nas américas pertenciam a um continente, a uma nação e foram radicalmente retirados desse espaço. Por isso, mais uma vez Du Bois (1998) afirma que os povos negros não chegaram ao Ocidente/América de mãos vazias, mas juntamente com eles trouxeram sua cultura, sua língua e sua vivência/experiência africana. Assim ele pontua que.

Nós, os mais escuros mesmo nesse contexto, não chegamos de mãos vazias: não existem hoje verdadeiros expoentes do puro espírito da Declaração da Independência senão que os negros americanos; não existe verdadeira música americana, senão a suavemente selvagem melodia do negro escravo; as lendas americanas e o folclore são as do índio e do africano; e, em tudo, nós, os negros, parecemos ser o único oásis de fé e de singela reverência num deserto empoeirado por dólares e esperteza (p. 45).

O autor de *As Almas do Povo Negro* (1998) traz a tona toda uma história de contribuição cultural do povo negro. Nos convidando a reconhecer a importância dessas contribuições para a cultura, aqui nesse contexto, para a nossa cultura popular que muitos rejeitam e a veem como uma cultura de menor relevância no Brasil. Du Bois defende uma identidade cultural do povo negro.

E isto implica que a população negra e afro-brasileira se reconheça como negros/afro-brasileiros e que seus ancestrais contribuíram para o samba que temos hoje, a capoeira ainda muito praticada em várias regiões do Brasil, as religiões de matrizes africanas que apesar de toda intolerância ainda resistem e lutam, entre outras manifestações culturais que foram trazidas pelos povos africanos e incorporadas na cultura brasileira. Já para Darcy Ribeiro (2002).

A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória europeia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos. O Brasil emerge, assim, como um renovo mutante, remarcado de características próprias, mas atado genericamente à matriz portuguesa, cujas potencialidades insuspeitadas de ser e de crescer só aqui se realizaram plenamente (Ribeiro, 2002, p. 20).

Darcy Ribeiro defende uma identidade cultural brasileira composta pelas culturas indígenas, africanas e europeias, no entanto, sabemos que a cultura europeia foi imposta aos povos brasileiros desde o início da colonização.

Pensando por esse viés, há necessidade de falarmos sobre os estudos decoloniais. Esses estudos se mostram importantes nesse contexto, pois fazem com que nos posicionemos em relação às epistemologias já existentes e engessadas na sociedade ocidental. Os estudos decoloniais vem favorecendo a cultura popular brasileira, pois abarca saberes outros e conhecimentos culturais de outros povos como os indígenas e africanos. Aqui neste contexto, os saberes, valores e conhecimentos da cultura africana que estão tão presentes na nossa cultura e que ainda não são valorizados/visibilizados como deveriam.

Desta maneira, os educadores/pesquisadores brasileiros têm uma importante missão dentro do contexto educacional, que é desmistificar as histórias únicas do Continente Africano, ajudando e contribuindo para que os alunos reconheçam as raízes negras em sua própria cultura. Isto é, construir uma educação contra o racismo, o preconceito e a intolerância.

...”assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades” (Brasil, 2018, p.14).

Como afirma Marcos Marques de Oliveira (2010) “Tanto em Florestan quanto em Gramsci, o educador – como um “intelectual orgânico” – não está separado do povo, da cultura, da história e da política das classes subalternas desejosas de construir uma nova civilização (p. 70). Ou seja, o educador tem em suas mãos os meios e os instrumentos necessários para formar e informar cidadãos conscientes de sua história, de sua identidade cultural para que as novas gerações saibam a história cultural de seu país e se orgulhem disso.

Para Abib, acredita que o pensamento decolonial visibiliza os saberes e fazeres das culturas populares,

Acredito que os processos educacionais que tenham princípios e métodos baseados num pensamento decolonial e numa educação emancipadora, seja no âmbito formal ou não-formal e que, por conseguinte, dêem visibilidade e dignidade aos saberes e fazeres das culturas populares que têm como protagonistas os povos tradicionais subalternizados pela violência física e simbólica do colonizador, podem ser responsáveis por uma importante transformação nas sociedades atuais, onde possa prevalecer a solidariedade, o respeito às diferenças, a consciência política, o apoio às lutas antirracistas e antissexistas, a defesa do meio ambiente e da vida no planeta terra, restabelecendo assim a conexão com sua ancestralidade oriunda de tempos primordiais, assim como nos ensinam esses povos que sempre souberam resistir à dominação lutando, mas também celebrando, cantando, dançando e sonhando (2019, p. 13).

Para finalizar essa importante discussão, Michael Fischer defende o uso do conceito de cultura – apesar de parecer preferir o termo “cultural” – e da etnografia nas antropologias vindouras.

A cultura não é uma variável; a cultura é relacional, ela está em outro lugar ou de passagem, ela está onde o significado é tecido e renovado, frequentemente em lacunas e silêncios, e de forças para além do controle consciente dos indivíduos [...] (2011, p. 68).

Para esse teórico, o conceito de cultura ainda pode ser utilizado no mundo contemporâneo, mas precisa ser cada vez mais relacional, plural e consciente de sua historicidade. Para o pesquisador e professor Pedro Abib, não há necessidade de formular um conceito definido sobre cultura popular, mas considerar as experiências de sujeitos e grupos populares.

Embora essa preocupação se justifique no campo acadêmico, penso que as abordagens sobre essa temática podem, também, trilhar outros caminhos que não a formulação de um conceito que possa respaldar cientificamente o termo “cultura popular”. Outras perspectivas e enfoques sobre a cultura popular são possíveis e podem ser extremamente válidos no contexto atual das sociedades contemporâneas. Refiro-me, sobretudo, aos estudos sobre cultura popular que buscam compreender as experiências de sujeitos e grupos populares que vêm redesenhando as relações estabelecidas no campo da cultura, valendo-se de um protagonismo social e político que me parece ser algo novo, instigante e interessante de ser observado nesse início de século no nosso país (Abib, 2015, p. 118).

Posto isto, ao discutir sobre a cultura popular e os estudos decoloniais percebemos a relação existente entre elas, principalmente pelo motivo de que os estudos decoloniais vão visibilizar as culturas populares do povo negro. Nos convida a perceber que os epistemes existentes atualmente podem ser acrescentados pelos valores, saberes e conhecimentos de outras culturas não ocidentais que chegaram e fizeram diferença e história aqui no Brasil.

As culturas populares foram marginalizadas, subtraídas e silenciadas em detrimento da cultura europeia, entretanto, com a proposta da decolonialidade vai-se visibilizar os saberes dessas culturas para que mais pessoas tenham conhecimento. É preciso uma rede de formação, informação e saberes sobre todo o processo cultural que passou o país para que possamos refletir sobre a cultura que temos hoje e conseqüentemente projetar novos e importantes rumos sobre o processo cultural do Brasil.

Renato Ortiz defende que cada termo carrega em si vários significados, porém, devemos ter o cuidado ao conceituar para não incorrer no erro de hierarquizar os conceitos e provocar discriminações mesmo que camufladas entre elas, pois sabemos que cada termo é carregado de significados, significantes e simbologias que diferenciam umas das outras.

Cultura popular, cultura de massa, cultura nacional e cultura elitista são maneiras de denominar questões que se transformam, mas que pertencem a uma herança que se impõe a nós. Cada um desses termos é carregado de significados distintos, projetando no presente a sombra de sua existência. O terreno da reflexão e do

debate em curso vem, dessa forma, marcado pelo jogo de continuidade e ruptura que incide em sua compreensão (Ortiz, 2017, p. 61).

Este capítulo trouxe discussões para compreendermos algumas questões problematizantes acerca da temática da cultura popular do Brasil, do próprio conceito de cultura e a inserção dos estudos decoloniais nesse contexto, pois nós brasileiros ainda estamos aprendendo a valorizar o que é nosso, o que construímos para existir e resistir. Paulo Cesar Alves (2010) defende que “nesse sentido, cultura é o horizonte a partir do qual os atores sociais se engajam praticamente no mundo. Antes de se constituir como fato cultural é experiência, um processo constante de formação humana” (2010, p. 44).

3.1 O SAMBA DE RODA É ANCESTRAL

O Samba de Roda não é somente considerado patrimônio imaterial da humanidade, mas também é uma manifestação da cultura popular que o autor José d'Assunção Barros (2018) chama de lugar de memória social e que foi difundido pelos mestres, mestras, sambadores e sambadeiras no Brasil.

Como bem pontua D. Lora (2015)¹¹ “O samba eu aprendi era pequena, mais ou menos de 8 anos em diante já comecei a viver o samba. Minha mãe nasceu em 1921 e o avô dela já era sambador”

Dona Ricardina Pereira da Silva, popular Dona Cadú¹² sambadeira e ceramista de Coqueiros residente de Maragogipe-BA.

¹¹ Dona Lora: Sambadeira de Irará- Bahia no Documentário das Mulheres no Samba de Roda, 2015. Produzido por Rosildo Rosário e Luciana Barreto disponível em 05/2022 no *youtube*.

¹² Dona Cadú no Documentário das Mulheres no Samba de Roda. Produzido por Rosildo Rosário e Luciana Barreto, 2015. Disponível em 05/2022 no *youtube*.

Mulher guerreira que reconhece o samba de roda como cultura popular do Recôncavo da Bahia no Documentário Mulheres do Samba de Roda “O samba é cultura não podemos deixar acabar” (Dona Cadú...). Dona Cadú (intelectual da oralidade) na época da gravação do documentário, relatou também que sempre gostou do samba e até aquele dia ela estava cantando e sambando o samba de roda. Já passou por várias situações difíceis como mulher que sempre gostou de sambar e cantar o samba de roda. O samba para ela é uma terapia e uma alegria de viver. Dona Cadú, assim como outras mestras/sambadeiras e mestres/sambadores são importantes protagonistas do samba de roda que contribuem para a valorização, a propagação, a continuação e a preservação desse bem imaterial tão importante para o Brasil.

Dona Ricardina afirma ainda que a mulher no samba de roda é o brilho, é a representação da identidade negra-africana. Importante ressaltar, que quando estamos falando de pensamento decolonial, estamos falando sobre valorizar conhecimentos outros, que também abarca conhecimentos oriundos da oralidade, e nesse sentido, é importante trazer para as nossas pesquisas os mestres e mestras como importantes intelectuais da oralidade, mas valorizar os saberes orais que nos ensinam profundamente sobre valores, respeito, ética.

O samba de roda é fruto de uma construção cultural em um contexto específico, a partir de vários elementos e relações na época da escravização do Brasil nas lavouras de cana de açúcar. Os escravizados utilizavam suas manifestações culturais como forma de resistir frente à situação deplorável a que eram submetidos.

O samba de roda nesse contexto, constituiu-se como um importante elemento de resistência e também como um elemento de amenizar todo o sofrimento imposto pelos donos de engenho aos negros africanos escravizados.

Assim, “A capoeira nasceu nas senzalas, nos engenhos, aonde os negros trabalhavam¹³”.

¹³ “Fala do Mestre Bimba, contida no Long Play Curso de Capoeira Regional Mestre Bimba. Manoel dos Reis Machado, conhecido como Mestre Bimba, foi o criador da capoeira regional, também chamada de luta regional baiana, no final da década de 1920 “(Fernandes, Fernanda, MultiRio, 2020).

O samba de roda também nasceu das senzalas, nos engenhos de cana-de-açúcar, lugares aonde os negros viviam e trabalhavam. Por este motivo, a sambadeira Dona Joanice (2019)¹⁴ afirma, referindo-se ao Acupe, distrito do município de Santo Amaro.

“Aqui é terra quilombola, nós somos descendentes de escravos. Então os escravos, na época da escravidão, sofriam muito nos trabalhos e durante a noite eles se reuniam para contar o sofrimento do dia a dia e nisso, no final, eles choravam, se lamentavam, e no final virava em samba”.

Assim, os engenhos de açúcar e as casas de farinha foram locais marcados pelo trabalho escravo e também pelo samba. De acordo com Zilda Paim (1999, p. 147).

Na época do corte de cana, aglomeravam-se os cortadores que entoavam cantigas improvisadas, que falam dos donos do Engenho ou da Usina. E na Usina cantavam esta: Na Usina de Colônia/não se fuma mais charuto/Soverá brigou com o cão/E agora ficou maluco. E lá no Jericó/Deus do céu me defenda/Deus mora no Jericó/As muié corta o cabelo/E os homem cai no cipó.

O samba de roda é uma manifestação cultural que abarca vários outros gêneros musicais e abriga várias modalidades de samba. É uma importante expressão poética que exerceu influência no samba carioca e é uma referência do samba nacional. Essa manifestação cultural carrega em si ancestralidade, oralidade, ritualidade e forma de transmissão de saberes. O dossiê do IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, afirma que.

A singularidade do samba de roda para seus praticantes tem relação com a maneira como este permeia as mais diversas expressões do rico patrimônio imaterial da Bahia, e em particular do Recôncavo, como que acrescentado, feito um intermezzo ou conclusão de caráter lúdico, aos mais variados eventos do calendário festivo religioso ou civil (IPHAN, 2004, p. 19).

¹⁴ Dona Joanice, sambadeira de Acupe-Bahia no Documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade publicado em 12/2019 no *you tube*.

O samba de roda possui características peculiares e importantes para sua execução, difunde conhecimentos através da oralidade e também é uma expressão cultural que transmite conhecimentos, aprendizagens e saberes, pois os mais velhos ensinam aos mais novos as músicas, o samba e os valores/saberes inseridos nessa manifestação. “O samba precisa de raciocínio. O samba precisa do interesse. O samba precisa da boa vontade de cada um pra poder pronunciar as coisas” (Mestra Aurinda¹⁵ (2019)).

Entre os aprendizados, estão o amor ao samba vivenciado pelo Mestre Agnaldo¹⁶ (2019).

Sabe o que eu fiz, uma ocasião, para eu poder chegar no samba? Vesti a saia de minha mãe. O vestido de minha mãe eu vesti, com saia e com tudo. Me projetei todo de mulher e fui para o samba. Fui pisando por cima, embolando e caindo no meio da sala e lá vai eu pinotando, pinotando, pinotando. Ela quis me pegar, mas o pessoal disse “deixa o menino sambar, deixa o menino sambar”. Eu sambei até de manhã. Foi o dia mais feliz da minha vida”.

Os participantes formam um círculo, por isso o nome samba de roda. Os tocadores também ficam junto ao círculo para animar a roda. Os presentes precisam acompanhar os ritmos com palmas e repetindo o refrão da música. Há lugar para improvisações entre os cantores do samba de roda. A movimentação precisa ser dentro da roda e geralmente é aquele samba que chamamos de miudinho (Os pés das sambadeiras e sambadores são em passos curtos, como se estivessem deslizando no chão).

As mulheres movimentam o quadril com pequenos rebolados seguindo o batuque da música cantada). Dentro da roda também há espaços para improvisações. Percebe-se que a realização do samba de roda perpassa por conexões: música, samba e corpo (dança, música e poesia). Há uma sincronia entre estes elementos para que o samba possa vir a acontecer.

¹⁵ Mestra Aurinda da Ilha de Itaparica- Bahia no Documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: patrimônio cultural imaterial da humanidade publicado em 12/2019 no youtube.

¹⁶ Mestre Agnaldo, sambador no Documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: patrimônio cultural imaterial da humanidade publicado em 12/2019 no youtube.

Ao escutar o batuque do samba, o corpo vai respondendo as batidas dos instrumentos. O som do tambor, da viola, da melodia, da poesia incitam o sambador/sambadeira a responderem a esses estímulos a partir de seu corpo (mãos, pés, boca, cintura) e dessa forma, ocorrem os variados tipos de sambas, improvisações e coreografias. A repetição do refrão da música estabelece uma sincronia vocal entre todos da roda. A harmonia entre música, corpo e samba é estabelecida durante a realização do samba de roda.

Dessa maneira, compartilho de um posicionamento de Muniz Sodré,

De fato, tanto no jazz quanto no samba, atua de modo especial a síncopa, incitando o ouvinte a preencher o tempo vazio com a marcação corporal – palmas, meneios, balanços, dança. Sua força magnética, compulsiva mesmo, vem do impulso (provocado pelo vazio rítmico) de se completar a ausência de tempo com a dinâmica do movimento no espaço (Sodré, 1998, p. 11).

Em cada região/lugar se samba de um jeito, tem seus códigos próprios, suas regras, como por exemplo o samba chula o homem não dança e as mulheres só entram na roda para sambar, uma de cada vez, somente no momento em que os sambadores param de cantar, para darem vez ao solo ou “pinicado” da viola machete, instrumento típico do samba chula do Recôncavo. Sendo assim, torna-se importante reconhecer as trocas das características do samba de roda na Bahia e no Brasil. Todos são igualmente importantes e cada samba de roda é realizado à sua maneira em cada estado/região do Brasil. Não há hierarquização na realização do samba de roda, mas um samba vai influenciando o outro e formando essa diversidade de sambas que temos hoje. Importante desconstruir que somente no Recôncavo da Bahia ocorre o samba de roda com suas características peculiares do início da colonização. O samba de roda é uma troca de riquezas/experiências/vivências existente em várias regiões do Brasil que precisam permanecer para que futuras gerações aprendam e conheçam as peculiaridades e trocas entre as variadas formas de execução do samba de roda.

Como demonstra na reportagem feita por Renata Maia para a TV Brasil Caminhos da reportagem (2023) sobre as variedades do samba de roda em cada região.

Quando se fala de samba de roda da Bahia, muita gente se lembra daquele que é feito no Recôncavo baiano. Mas a verdade é que o samba de roda está presente em todo o estado. Apesar disso, foi Santo Amaro que virou referência nacional por causa de tia Ciata, apelido de Hilária Batista de Almeida, que nasceu na cidade e depois foi para o Rio de Janeiro, levando a tradição do samba de roda para lá e se tornando a grande mestra do samba brasileiro (Maia, Renata, TV Brasil, 2023).

Mestre Bule-Bule, como é conhecido Antônio Ribeiro da Conceição, faz parte da associação e afirma que cada lugar traz consigo diferenças no samba de roda, que não se limitam a ritmos e instrumentos. “A diferença do samba do litoral, do Recôncavo e o samba rural, o sertanejo, o samba catingueiro, é o conteúdo que você junta para fazer o samba, os elementos que cercam cada lugar. Para fazer o samba da beira-mar, fala de canoa, de remo, de rede, de peixe. No samba rural, você fala de cavalo, de gado, roçado, de feijão, de milho, de vaquejada”. Guda Moreno relata, “O samba de roda é o único ritmo que é igual na diferença. Todo mundo vai fazer samba de roda, mas cada um vai fazer um samba diferente do outro. E estão fazendo samba de roda”. A comunidade Pitiá, no distrito de Retiro, zona rural de Coração de Maria, com o grupo Jaqueirinha do Sertão. Criado há 21 anos, é encabeçado por um pedreiro que, sozinho, aprendeu a tocar vários instrumentos e passou o conhecimento para frente. “A diferença do samba chula, de Santo Amaro, para o da gente é que lá não tem alguns instrumentos, como o surdo, o timbal. É um samba com mais harmonia”, explica Antônio das Virgens. Em Ipirá, o samba de roda rural, que tem um ritmo mais lento, tocado com prato, cuia, viola e pandeiro. Uma tradição que veio das fazendas e tem continuação nas pequenas cidades. “O samba começou há muitos anos, já veio da era de meus avós, criado em fazenda, samba de roça, no mês de setembro, mês do cariru. Os mais velhos trouxeram a tradição. É o samba boiadeiro, o pessoal conhece como o canto de parede, e isso veio passando para os mais novos”, lembra Manoel Pereira (Maia, Renata, TVBrasil, 2023).

Por tudo isso, o samba de roda tornou-se uma expressão que abarca a diversidade e promove difusão de saberes, respeito, ética e união. Mestre Aurinda (2019)¹⁷, afirma: “O que faz essa energia crescer é a união. Não teve união, não tem nada.” Todos são convidados harmoniosamente a participar desse momento independente da sua religião, cor, etnia ou classe social.

¹⁷ Mestre Aurinda no Documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: patrimônio cultural imaterial da humanidade disponível em 12/2019 no you tube Mestre Aurinda (2019) de Itaparica- Bahia.

A mestra Noemia (2022)¹⁸, relata que o samba de roda acolhe a todos.

“O samba pra mim é uma oração. Eu já nasci com o samba na cabeça. Porque eu desde quando me conheço na idade de 7 anos eu tenho essa vocação pelo samba. O samba de roda veio para alegrar a comunidade. Quem vivia chorando hoje não chora. Quem não tinha onde ir hoje tem onde ir, jovens, crianças e adultos, o samba de roda acolheu todo mundo”.

Como mulher parda (preta da pele clara), mãe, professora e pesquisadora, sinto a imensa vontade em pontuar a vivência/experiência das mulheres no samba de roda do estado da Bahia, uma vez que vivemos em um país estruturalmente racista e machista, não poderia deixar de mencionar essas guerreiras que muitas vezes saiam escondidas de seus pais, irmãos, maridos para participarem do samba de roda. Atualmente, as mulheres adquiriram um maior reconhecimento da sociedade e estão conseguindo avançar na autonomia de suas vidas. Hoje em dia, elas têm uma participação bem mais ampla em alguns contextos e no samba de roda estão aprendendo a liderar também.

A mestra Ana Olga (2022)¹⁹ reflete sobre esse orgulho e o empoderamento conquistado dia após dia para conseguirem se impor até mesmo no samba de roda.

“Eu acho que na próxima geração o mundo vai ser das mulheres. Todas as mulheres me desculpa os homens porque as mulheres estão liderando em tudo. O samba no pé, isso é uma coisa que a gente sente mesmo e a gente sente orgulho de ser mulher sambadeira”.

¹⁸ Mestra Noemia de Governador Mangabeira- Bahia no Documentário samba de roda, patrimônio imaterial da humanidade: 15 anos de salvaguarda e conquistas (produzido em parceria com a Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia (ASSEBA), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual de Cachoeira (LEAA) disponível em 05/ 2022 youtube.

¹⁹ Mestra Ana Olga, Cachoeira- Bahia no Documentário samba de roda, patrimônio imaterial da humanidade: 15 anos de salvaguarda e conquistas (produzido em parceria com a Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia (ASSEBA), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual de Cachoeira (LEAA) disponível em 05/ 2022 youtube.

Para a sambadeira Telma Carvalho (2019)²⁰ é um avanço para as mulheres em mostrar que elas têm tantas coisas boas e são respeitadas por isso. “O papel da mulher no samba da cultura popular não é importante? A mulher mostrar o que ela sabe fazer e todos respeitarem. É um avanço para nós mulheres. Que a gente pode também mostrar tanta coisa boa que nós temos”.

A vivência no samba de roda para as algumas mulheres é muito importante, uma vez que através dos ensinamentos do samba de roda elas vão aprendendo umas com as outras, ajudando-as e dando significados ao protagonismo, pois muitas vezes foram silenciadas em suas histórias de vida. Inclusive, muitos sambas foram/são de composições relacionadas às suas vivências/experiências pessoais, suas histórias de vida e de lutas.

A Mestra Madalena (2019)²¹ relembra, “Eu ia pra reza. E diziam oh Madá, Madá puxa esse samba aí. Eu digo eu não sei. Puxa que eu ajudo tu cantar. Aí elas puxavam e eu ajudando elas cantar e foi indo...foi indo e fui aprendendo a tirar meu samba”.

Para a Mestra Nildes (2019)²², “O protagonismo da sambadeira é o protagonismo que nos dá um respaldo muito forte de empoderamento quando ela diz: eu sou sambadeira, eu gosto do samba e eu vou sambar e que ninguém me empata e só volto quando terminar.” Esse relato reflete muito bem que a mulher pode decidir seu caminho e viver sua vida como desejar. Elas estão tendo essa consciência e de alguma forma ensinam os homens a respeitarem.

²⁰ Telma Carvalho, sambadeira no Documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: patrimônio cultural imaterial da humanidade disponível em 12/2019 no you tube.

²¹ Mestra Madalena no Documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: patrimônio cultural imaterial da humanidade disponível em 12/2019 no youtube.

²² Mestra Nildes de Pojuca- Bahia no Documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: patrimônio cultural imaterial da humanidade disponível em 12/2019 no youtube.

“Aqui na comunidade tem sambadeira que é benzedeira, tem sambadeira que faz doce de garrafa, tem sambadeira que faz xarope, cada uma tem uma formação de vida na área cultural” descreve a Mestra Bernadete (2022) no Documentário Samba de Roda, Patrimônio Imaterial da Humanidade: 15 anos de salvaguarda e Conquistas. Enfim, a vivência no samba de roda para as mulheres é de fundamental relevância, pois traz ensinamentos, saberes, experiências e além de tudo aprendido.

As mulheres vão ensinando aos outros do grupo sobre igualdade, respeito e união. Do jeito e da forma delas vão protagonizando suas próprias vidas e ensinando aos mais novos que o samba de roda também ensina. “O samba por tudo que é sagrado, é meu marido, é meu amante, é meu filho, é meu advogado, é meu juiz, o samba sou eu, eu sou o samba. Sem o samba eu não posso viver. Porque tudo que eu tenho agradeço a Deus e ao samba” afirma Mestra Nicinha (2019)²³. Importante ressaltar que dona Nicinha faleceu em Santo Amaro/Bahia em 2022, após uma vida dedicada ao samba de roda, Dona Edith do Prato, que morreu em 2009, Dona Joanice de Acupe/Bahia e algumas matriarcas do samba de roda do Recôncavo da Bahia.

Como neste capítulo dediquei um pouco da escrita às mulheres do samba de roda, quero deixar registrado também um pouco da vida de algumas dessas Mulheres sambadeiras. Todas elas, exceto D. Chica, que é de Feira de Santana, as outras são do Recôncavo Baiano e outras localidades próximas. Por Eric Carvalho (2022).

Rita da Barquinha; Maria Rita Machado dos Santos, de Bom Jesus da Lapa, uma das mais tradicionais sambadeiras e rezadeiras da Bahia. Desde pequena, passou a usar uma barquinha na cabeça, que se tornou tradição e passou a integrar a cultura popular de Bom Jesus dos Pobres, distrito de Saubara, onde nasceu (**Ver anexo I**).

²³ Mestra Nicinha de Santo Amaro-Bahia no Documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Disponível em 12/2019 no you tube.

Mestra Aurinda do Prato; Aurinda Raimunda da Anunciação, a mestra Aurinda do Prato uma yalorixá (mãe de santo) do Quilombo do Tereré e mestra de samba de roda, na comunidade da Ilhota, em Vera Cruz, na Ilha de Itaparica. É reconhecida por sua habilidade em tocar prato com uma faca (**Ver anexo I**).

Chica do Pandeiro; Sambadeira da Quixabeira da Matinha, região de Feira de Santana; Chica do Pandeiro filha de Aureliano Sambador e viúva de Colerinho da Bahia, ambos grandes nomes da história do samba de roda da Bahia (**Ver anexo I**).

Dalva Damiana; Aos 94 anos, Dalva Damiana é uma das sambadeiras históricas da Bahia. Foi líder do grupo Samba de Roda Suerdieck, fundado nos anos 60 na antiga fábrica de charutos Suerdieck, em Cachoeira. O grupo misturava músicos e ex-operárias vestidas com os trajes que usavam para trabalhar, a roupa de baiana, com torço e saia rodada. Em 2012, recebeu o título de doutora honoris causa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) (**Ver anexo I**).

Joanice; Joanice Fernandes da Silva Santos era coordenadora geral do presidente do grupo Samba de Roda Raízes do Acupe, formado por pescadores e marisqueiras da comunidade quilombola de Acupe (**Ver anexo I**).

Importante sinalizar neste capítulo, uma das maiores preocupações desses mestres e mestras da cultura popular, é o apagamento da manifestação samba de roda. Sempre que eles têm a oportunidade falam de não deixar essa cultura acabar e por este motivo, ensinam aos seus mais novos para que resistam ao tempo e às adversidades. É o que reflete Mestre vovô Pedro, Saubara/Bahia no Documentário Samba de Roda, Patrimônio Imaterial da Humanidade: 15 Anos de Salvaguarda e Conquistas (produzido em parceria com a Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia (ASSEBA), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual de Cachoeira (LEAA).

Tamos mantendo o grupo na raça pra não acabar porque cultura eu acho que não deve acabar. Ela deve continuar e portanto nós temos esse fruto que ta essas crianças aí, nós estamos fazendo todo o possível com esses meninos que é pra amanhã quando vovô Pedro, Fernando, Hermínia que é minha sobrinha ali, que quando nós partir desse mundo para o outro, mas a cultura continua...Que as crianças faça o que a gente tá fazendo pra não acabar (Mestre vovô Pedro, Saubara- Bahia)

Este testemunho do mestre vovô Pedro demonstra uma triste realidade em que passam vários grupos de samba de roda na Bahia, não está sendo fácil para esses mestres da cultura popular tentar manter viva as manifestações culturais em suas comunidades. Como mestre vovô Pedro afirma, está mantendo na raça para não acabar.

Para concluir este capítulo III, farei um breve recorte temporal do caminho percorrido pelo samba de roda: o passado e o presente. Assim sendo, a minha pesquisa se baseou nos trabalhos do repositório da UFBA e um trabalho da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB para encontrar teses de doutorado e/ou dissertações de mestrado sobre o contexto do samba de roda.

A dissertação de mestrado mais antiga que encontrei sobre o samba de roda foi datada em 2008 por Cassio Leonardo Nobre de Souza (Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA) Lima que realizou um estudo etnomusicológico sobre o instrumento musical de cordas popularmente conhecido como “viola”.

Viola nos Sambas do Recôncavo Baiano é um estudo etnomusicológico sobre o instrumento musical de cordas popularmente conhecido como “viola”, introduzido no Brasil por europeus, e que na região do Recôncavo Baiano (Bahia, Brasil) está associado a formas de expressão musical tradicionais em comunidades caracterizadas por fortes remanescentes culturais de matriz africana. Estas expressões populares estão organizadas em torno de alguns grupos musicais existentes em certas localidades do Recôncavo atual, conhecidos genericamente como sendo grupos de “samba de roda”. Tais grupos contam com a presença da viola na formação instrumental dos seus conjuntos musicais, que executa “modalidades” de samba localmente reconhecidas como sendo “samba- chula”, “samba de viola” ou “barravento”, dentre outras denominações.

Este estudo caracterizou-se a partir da presença do instrumento musical “viola” inserido no samba de roda do Recôncavo da Bahia. Esta pesquisa iniciou logo após a nomeação do samba de roda ser considerado patrimônio imaterial da humanidade pela UNESCO em 2005. A referida pesquisa se reputou a descrever, refletir, levantar informações e relatos da viola, assim como, observou-se a participação dos violeiros nos grupos musicais dos sambas com violas, usos e funções sonoras e simbólicas.

Em 2009 Daniela Maria Amoroso (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/UFBA) retratou em sua tese de doutorado o samba de roda em duas cidades do recôncavo baiano, São Félix e Cachoeira.

Elegeu-se, a partir da pesquisa in lócus, dois grupos de samba de roda, o “Filhos de Nagô” e o “Suerdieck”, de São Félix e de Cachoeira, respectivamente. A contextualização do objeto, a imersão no campo de pesquisa e a prática corporal constituíram, dessa forma, a estratégia metodológica para a compreensão sensível do samba de roda. Entende-se que a compreensão da estética do samba de roda se dá através da experiência prática e através do corpo que dança, toca, canta, se alimenta e transforma. Ele, o corpo, é o local da memória, da ancestralidade, da síncopa, da oralidade e do movimento (Amoroso, 2009).

A tese de Amoroso apresenta, reflete e analisa o samba de roda na perspectiva da dança, estética e diversidade. A autora se debruçou em investigar o samba de roda no contexto da prática corporal que envolve o corpo, a dança e o som a partir dos dois grupos de samba de roda presentes nas cidades vizinhas São Félix e Cachoeira.

Petry Rocha Lordelo também em 2009 (Programa de Pós-Graduação em Educação) buscou investigar o grupo de Samba Chula Filhos da Pitangueira que fica localizado na cidade de São Francisco do Conde - Bahia, o município faz parte da Região Metropolitana de Salvador e vizinha a cidade de Candeias - Bahia, local em que realizo minha pesquisa. A dissertação de mestrado de Lordelo faz um estudo de caso com o referido grupo através da observação participante, da memória, da oralidade, e das rodas de samba. Lordelo (2009).

Nesse contexto, buscamos discutir como se dão os processos de produção e transmissão de saberes no âmbito das instituições formais de ensino vinculadas à mercado-lógica do capital; bem como no âmbito dos espaços não-escolares assentados sob a “lógica diferenciada” das culturas populares (Lordelo, 2009, s.p.).

Esta importante pesquisa, evidenciou o grupo de samba Chula Filhos da Pitangueira que resiste há mais de 40 anos no município. O referido grupo de samba de roda permanece até os dias de hoje levando conhecimentos, saberes e valores para a comunidade local. Assim sendo, Lordelo situa o samba Chula no contexto da cultura popular do município de São Francisco do Conde e aprofunda em sua

história tendo como referência a viola machete, e nesse contexto, faz um relato como se dá o processo de transmissão de saberes a partir das experiências/vivências com o grupo no campo da educação não escolar.

Nesta relação, objetivei situar o Samba Chula no contexto da cultura popular desenvolvida no município de São Francisco do Conde; aprofundar, na sua história, a relação deste com a viola machete; relatar como se dá o processo de transmissão de saberes na cotidianidade do grupo, a partir de experiências vivenciadas no âmbito da educação não-escolar (como é o caso das Oficinas de Viola Machete com o Mestre Zé de Lelinha); e por fim, apontar os limites e possibilidades que se apresentaram nesta nossa trajetória e convívio com o grupo (Lordelo, 2009, p. 22).

Harue Tanaka Sorrentino (2012) pelo (Programa de Pós-Graduação em Música – Escola de Música) em sua tese de doutorado tratou de um estudo de caso etnográfico sobre o grupo musical As Ganhadeiras de Itapuã, localizado na praia de Itapuã no município de Salvador - BA. “A finalidade precípua deste trabalho foi responder à questão sobre como ocorria o processo de ensino e aprendizagem dos conhecimentos musicais através das articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã” (Sorrentino, 2012).

Este trabalho representou um aprofundamento sobre questões educativas musicais sobre as quais venho me debruçando e maturando-as, há cerca de mais de uma década, e que dizem respeito aos modos de ensino e aprendizagem nos contextos não escolares musicais (Sorrentino, 2012, s.p.).

Esta tese é uma relevante contribuição para o grupo As Ganhadeiras de Itapuã pelo belíssimo trabalho que o grupo realiza dentro e fora da cidade de Salvador. O grupo sociocultural nascido no bairro de Itapuã é composto por mulheres com apresentações cênico-musicais. As ganhadeiras de Itapuã reúne um repertório de cantigas e sambas de roda e performances teatrais que vão contando a história e memórias das antigas lavadeiras de roupas que se reuniam na Lagoa do Abaeté.

Em 2013 Cíntia Lopez em sua dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Dança/UFBA) analisa questões referentes à configuração e a dinâmica, do samba de roda com foco nas relações materiais que interligam o

samba a outras práticas do cotidiano dos sambadores. “O estudo mostra encaixes estruturais entre o samba de roda e a pesca da baleia e os cultos às entidades mestiças do candomblé, como caboclos, marujos e boiadeiros” (Lopez, 2013). Este estudo foi realizado na Ilha de Itaparica/Bahia. Evidenciou-se as performances corporais entre os sambadores e a pesca da baleia e os cultos às entidades mestiças do candomblé. O estudo demonstrou um hibridismo cultural em que foi possível perceber as culturas indígenas, africanas e ibero-mouriscas na execução do samba de roda.

No ano de 2014 Breno Trindade Silva (Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFBA) analisa os desdobramentos do reconhecimento do samba de roda do Recôncavo Baiano como patrimônio cultural nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Minha proposta, busca analisar as estratégias desenvolvidas por sambadores e sambadeiras a partir de sua capacidade de agência frente a apropriação do próprio reconhecimento do samba e apontar as possíveis resoluções e dificuldades oriundas de diversos conflitos vivenciados ao longo dos nove anos de salvaguarda do “samba de roda do estado da Bahia (Silva, 2017).

Silva nessa dissertação de mestrado, analisou as estratégias que foram desenvolvidas pelos sambadores frente ao reconhecimento do samba de roda ser um patrimônio cultural nacional pelo IPHAN. Apontou-se as possíveis resoluções e dificuldades oriundas de conflitos vivenciados durante os nove anos de salvaguarda do samba de roda no estado da Bahia.

Débora Matos Maia (2018) em sua tese (Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Educação - UFBA), investigou a partir da necessidade de fomentar e difundir as manifestações culturais de Itapuã junto aos moradores que passaram a habitar o bairro. “Os protagonistas das culturas populares articularam-se, com o apoio dos trabalhadores da educação, para apresentar às crianças e aos jovens das instituições públicas de educação formal, a história e a diversidade cultural do lugar” (Maia, 2018). A tese em questão evidenciou a diversidade cultural presente no bairro de Itapuã em Salvador - Bahia.

Este trabalho contou com a participação do mestre Regi - Seu Reginaldo, compositor, cantor e protagonista da cultura local.

Em 2019 Clécia Maria Aquino de Queiroz (Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento – Faculdade de Educação/UFBA) em sua tese analisou as configurações cênicas do samba de roda no Recôncavo Baiano e como essas representações são transmitidas e difundidas comunitariamente.

Utilizando uma narrativa baseada na linguagem cinematográfica dos roteiros de filmes, as cenas do samba vão sendo detalhadas, através do movimento de câmeras, a partir de três aspectos do seu terreno simbólico, Indumentária, Sonoridades e Movimento, alimentadas pelas histórias de vida e relatos de 20 sambadeiras e de outros atores da cena do samba de roda (Queiroz, 2019).

Clécia Queiroz investigou o samba de roda em uma perspectiva cinematográfica dos roteiros de filmes. Através das cenas do samba de roda detalhou-se os elementos importantes para o samba de roda do Recôncavo Baiano; Indumentária, Sonoridades e Movimento são três elementos fundamentais que caracterizam a configuração cênica do samba que é praticado no Recôncavo. A autora utilizou de uma linguagem cinematográfica para deixar a cena viva para quem ler o texto.

Ainda em 2019, Luan Sodré de Souza em sua tese (Programa de Pós-Graduação em Música – Escola de Música/UFBA), a partir do ensino decolonial e não hegemônico, discutiu sobre uma educa o musical afrodiaspórica que perpassa pelo pensamento crítico de fronteira.

Para tal, se inspira nos saberes e fazeres dos sambas do Recôncavo Baiano como uma referência de pensamento afrodiaspórico materializado em um fazer que também   musical. Ao mesmo tempo, busca caminhos para o diálogo desse conhecimento com o contexto acad mico numa perspectiva de concilia o intercultural por meio da constru o de um conhecimento de fronteira, utilizando o ensino do violão suplementar como um recorte do universo do ensino acad mico de música. As discussões giram no entorno de uma política de afirma o e reivindica o das existências afrodiaspórica no campo da constru o do conhecimento (Souza, 2019, s.p.).

A tese de Souza, cria uma pedagogia para o ensino de música no âmbito escolar através do samba de roda do Recôncavo da Bahia.   uma perspectiva muito parecida

com a proposta da minha pesquisa, uma vez que o samba de roda torna-se o elemento crucial para as aulas na escola.

O objetivo dessa pesquisa é o de investigar como propor uma metodologia de ensino de música no contexto acadêmico que também ocupe esse espaço fronteiriço, que assim como eu sou, como minha trajetória é, também seja afrodiaspórico, considerando os fluxos e as diversas referências que constituem a diáspora africana no Atlântico Negro. Nem de longe é um fundamentalismo pautado na defesa de uma tradição, de uma autenticidade. Pelo contrário, é a defesa de uma prática que privilegie as diversas referências, sem invisibilizar existências, como a colonialidade tem feito com a matriz africana nos processos de ensino de música nos contextos acadêmicos no Brasil, materializando esta prática através dos fluxos e da zona de fronteira que é a afrodiaspora e a música afrodiaspórica (Souza, 2019, p. 27).

Gabriel Almeida do Valle (2020) em sua dissertação (Programa de Pós-Graduação em Música – Escola de Música/UFBA) retratou o samba de roda como trabalho etnográfico, em perspectiva etnomusicológica, sobre práticas musicais juvenis do grupo de samba de roda Juventude do Iguape. “Consiste na problematização do discurso generalizado que anuncia o desinteresse de jovens pelo samba de roda” (Valle, 2020). A pesquisa refletiu sobre as demandas e as expectativas dos jovens em relação a dar continuidade a tradição musical na Associação de Sambadores e Sambadeiras do estado da Bahia bem como evidenciou que precisa-se de investimentos e políticas públicas que sejam direcionadas aos jovens do samba de roda.

Mário De Campos Andrade Lamparelli (2020) pelo (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) em sua dissertação de mestrado pesquisou As prosas no distrito de Acupe localizado no Município de Santo Amaro na Bahia. “As prosas – assim chamadas nativamente – dos sambadores do Recôncavo Baiano são um fenômeno social que opera dentro da tradição oral das comunidades negras da região” (Lamparelli, 2020).

Esta referida dissertação de mestrado, através da pesquisa qualitativa, apresentou uma significativa etnografia guiada pelo sambador Nelson Bispo dos Santos – Ecinho. Dessa forma, objetivou interpretar as dinâmicas de uma

cartografia histórica da comunidade estudada e também as memórias de seus sujeitos.

Os encontros com Ecinho e outros sambadores, suas memórias aí articuladas, são de onde extraímos discussões sobre a constituição de uma geração a partir de experiências compartilhadas, e as dimensões simbólicas existentes em seus sambas como o grito e a prosa (Lamparelli, 2020, s.p)

Luciano Santos Xavier (2023) em sua dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura/UFBA) analisou a poética oral do samba chula sertanejo do Grupo Pinote, de Serrolândia na BA, tendo em vista os elementos estéticos, discursivos e performáticos nela implicados.

Por meio deste trabalho, procuro problematizar o (não) lugar do samba praticado nos sertões baianos, os quais por diversas frentes foram postos à margem do discurso identitário e musical da Bahia que se direciona marcadamente, e quase que exclusivamente, ao eixo Salvador- Recôncavo e parte do litoral (Xavier, 2023).

O presente trabalho analisou os processos de construção das identidades culturais do grupo e sua operação na mobilização de trânsitos e fronteiras nessas identidades.

Nesse íterim, percebemos que o samba de roda no Recôncavo Baiano foi reconhecido como patrimônio cultural pelo IPHAN no ano de 2004. Reconhecido como obra prima da humanidade pela UNESCO no ano de 2005 e reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Estado da Bahia em 2020.

Ao longo desses anos muitas pesquisas sobre este elemento cultural foram realizadas. Há muitos atravessamentos entre as variadas pesquisas sobre essa manifestação cultural afro-brasileira. No entanto, durante a pesquisa no repertório da UFBA, percebi que ainda há poucas pesquisas sobre o samba de roda no âmbito escolar, isto significa que precisamos fomentar mais pesquisas na academia e no contexto educacional.

Óia
 pimenta Pimenta
 de cheiro e de arde
 Quando vi dó de
 cachoeira

Debaixo do balaio lá na
 gameleira Mercado
 pimenta

De cheirar e de
 arder Dei um
 psiu pra ela

Ela me respondeu: inho!

Convidei para samba-chula lá na
 pitangueira Com Zeca Afonso e
 Zeca de Lelinha Onde o trem
 corre por cima da linha

Ela sorriu, me passou um rabo-de-
 olho

E depois saiu, no corpo dela tem
 um molho Ai, meu Deus, que
 molho!

Chamei ela pra morar na minha casa
 amarela De lá da janela dá pra ver o
 mar

Inho!

Tem uma rede na varanda que é pra gente
 namorar Namorar, namorar

Namorar, namorar, namorar (...)

Composição²⁴: Roque Ferreira, baiano de Nazaré das Farinhas/Bahia

²⁴Disponível em: <https://soundcloud.com/cleciaqueiroz/08-pimenteira-roque-ferreira>.
 Lançado em agosto de 2009.

CAPÍTULO IV

4. O LUGAR DE FALA DO SAMBA DE RODA

A boa sambadeira é aquela que sabe salvar, sabe entrar, sabe pisar direitinho a hora certa que o tambor e o violão tá chamando e o cavaquinho ta chamando, entendeu? A boa sambadeira não é aquela que vai até embaixo no chão e dizer que tá sambando. É samba no pé, sam-ba-dei-ra (Berenice Borges dos Santos, Dona Biu, 2020)²⁵.

Neste capítulo serão abordadas as interações socioculturais vivenciadas no contexto da escola escolhida. Será o momento de partilhar o que foi vivenciado/experimentado no chão da escola.

Nesse contexto, falar do samba de roda é também falar sobre a escuta aos mais velhos, assim, peço licença para pontuar o que Silvio Almeida sinaliza sobre o respeito de escutar os mais velhos, em seu vídeo, *As Estratégias de Sobrevivência Através da Oralidade disponível em 01/2021 no youtube*, ele aborda sobre a importância do poder da fala para gerar conhecimentos e também como prática de respeito ao outro que vai ouvir e aprender. “A oralidade é um marcador social, cultural, simbólico da resistência e das contradições de uma sociedade” (Almeida, Silvio, 2021), ou seja, a prática da oralidade perpassa por vários saberes que entrelaçam o ser humano na sociedade.

A fala tem uma potência extraordinária e é um aprendizado para escuta dos nossos ancestrais. Os mais velhos são vistos como mestres da comunidade que passam seus ensinamentos e saberes aos mais novos e são responsáveis por não deixar as crenças, tradições e os conhecimentos morrerem ao longo do tempo, pois através da oralidade podemos perceber o outro, conhecer e respeitar cada história de vida. Como Almeida (2021) afirma; “A oralidade é a prática da memória, é afeto e uma estratégia para seguir, existir e resistir”. “A tradição oral é a escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos” (Amadou Hampâté Bâ, 2010, p. 169).

²⁵ Berenice Borges dos Santos - Dona Biu. No documentário Samba de Roda do Recôncavo Baiano: Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Disponível em 12/2019 no you tube.

Dessa forma, as citações dos mestres, mestras sambadeiras torna-se significativas neste estudo, uma vez que a partir da experiência da oralidade desses mestres/mestras populares vamos conhecendo um pouco mais do universo do samba de roda. Sendo assim, preciso pontuar que as citações inseridas neste trabalho foram retiradas também de documentários postados na plataforma *youtube* e que muitas vezes não tem informações completas da localização, ano e idade desses mestres/mestras.

Desse modo, através da oralidade pode-se protagonizar os mestres e mestras que dão sentido às comunidades. A preservação dos conhecimentos dos mais velhos é o que garante a passagem de conhecimento de pais para filhos e assim sucessivamente.

É através da oralidade dos mestres e mestras que as tradições culturais vão se perpetuando ao longo dos anos. No entanto, na sociedade ocidental hegemônica desvalorizou-se a prática da oralidade. A importância maior está no poder da escrita. Por este motivo, também que a história contada do Continente Africano foi equivocada, uma vez que os escritos sobre o continente negro foram contados de uma perspectiva da branquitude. Por tudo isto, torna-se importante levar para os estudantes as informações sobre o processo de colonização para que possam ter uma educação libertadora, que seja capaz de formar indivíduos conscientes de suas histórias para que possam transformar a realidade em que vivem.

Como Freire (1986) aponta para uma “educação como um ato libertador, através do qual as pessoas seriam agentes que operam e transformam o mundo” (Freire, p. 8). “A escola deve ser democrática, respeitando o educando como sujeito da história, é centrada na problemática da comunidade em que vive e atua, propondo práticas pedagógicas capazes de provocar no aluno uma consciência crítica fomentadora de transformações sociais” (Freire, 1986, p.8).

Assim sendo, para viabilizar esta pesquisa, precisei buscar o apoio da Secretaria de Cultura e Turismo - SECTUR do município de Candeias. No primeiro

momento, fui bem recepcionada e obtive a proposta de que a secretaria iria convidar o grupo de samba de roda do Distrito de Passé da comunidade Quilombola Rio do Cunha para se apresentar na escola. O secretário também ofereceu transporte e alimentação. Combinei com a diretora e a coordenadora da escola previamente que as oficinas ocorreriam durante o mês de julho.

Definida a escola e o turno para realização da pesquisa, elaborei o planejamento (cronograma) das oficinas às sextas-feiras no turno matutino das oito às dez, pois é o dia em que os alunos saem mais cedo da escola e é o dia dedicado às atividades mais lúdicas e projetos sobre diversos temas do contexto atual. Enviei o cronograma para o secretário de cultura do município e a coordenadora da escola.

Quando chegou o dia de agendar com o grupo de samba de roda para ir à escola, o secretário informou-me que estava bastante ocupado com outras demandas da secretaria e que não poderia dar o apoio oferecido naquela semana. Prontamente, reformulei meu planejamento, pois como já havia combinado com a coordenadora da escola, não poderia deixar de realizar as oficinas. Quero ressaltar que é um desafio imenso inserir aportes culturais afro-brasileiros na escola, pois para que esta inserção aconteça é preciso que todos se sensibilizem com esta causa. Muitas vezes experimentei o sentimento de frustração, pois na prática é muito difícil promover sem o apoio necessário à interação desses mestres da cultura popular com os alunos.

Assim, esta oficina pedagógica foi realizada em uma manhã e teve no máximo duas horas de duração (a cada sexta-feira por semana, totalizando quatro encontros no mês de julho). As oficinas foram direcionadas aos alunos das séries iniciais do Fundamental I do primeiro ao quarto ano, pois é muito importante que desde cedo os alunos conheçam um pouco das características e ancestralidade do samba de roda (a oficina foi direcionada para todos os alunos da escola do turno matutino). A referida escola não oferece o quinto ano no turno matutino por falta de alunos, somente é oferecido no período vespertino. E como as oficinas foram realizadas pela manhã esta série não pôde ser contemplada.

A escola Professora Alzira Ferreira Ribeiro oferece as séries iniciais do primeiro ao quinto ano e atende alunos dos seis aos onze, doze anos de idade. A comunidade em que está localizada a escola é uma comunidade muito carente, maioria negra ou parda e com alguns problemas sociais. A escola recebe esses estudantes que em sua maioria são alunos com pais com pouca ou quase nenhuma renda mensal, inclusive, a grande maioria recebe benefícios do governo municipal e federal.

Figura 3: fotografia dos alunos que participaram das oficinas



Fonte: material produzido pela autora.

É a única escola pública desta comunidade e por isso, são alunos diversos com variados níveis de letramentos. É uma escola que recebe muitos estudantes carentes e com muitos desafios a serem ultrapassados por eles. No entanto, são alunos carinhosos que buscam no professor o apoio que muitas vezes não recebem em casa.

Nessa premissa, tentando responder a pergunta de partida para este estudo: de que forma eu poderia construir uma proposta pedagógica sobre o samba de roda em uma escola do município de Candeias-Bahia? Que elaborei a proposta pedagógica. A princípio, procurei na internet algumas sequências didáticas propostas por mestres/mestras e sambadores para o contexto da escola. No entanto, não encontrei, e por este motivo, as sequências didáticas executadas nas oficinas partiu do meu entendimento sobre o samba de roda e também para contemplar o público específico que iria participar desta pesquisa. Notei que não há materiais específicos sobre o samba de roda no contexto da escola a partir dos mestres e mestras e sambadeiras, deixando uma lacuna de materiais físicos para os professores trabalharem em salas de aula sobre o samba de roda. Geralmente, os mestres ensinam na prática, na vivência. Eles falam que para se ensinar o samba é olhando, fazendo. Por isso não criaram materiais específicos para o ensino dessa prática. Os pesquisadores precisam desenvolver uma metodologia a partir do que observam.

Dessa maneira, evidencia-se mais um desafio a ser ultrapassado para que os aportes culturais entrem de fato na escola. Pois de acordo com os estudos anteriores desta dissertação, o déficit de materiais afro-brasileiros e indígenas evidencia mais um entrave do porquê os professores não conseguem de fato introduzir elementos afro-brasileiros nas escolas. Pontuo sobre a necessidade de pesquisadores/professores elaborarem a partir dos ensinamentos e conhecimentos dos mestres e sambadores materiais que possam subsidiar as aulas na escola. Pois, nem sempre é possível a presença desses mestres da cultura popular nos âmbitos escolares.

Assim sendo, a primeira atividade que propus para estes estudantes foi a de que cada aluno pudesse olhar-se no espelho e dizer qual característica mais gostam em si. Esta dinâmica do espelho pode ser muito simbólica pensando na perspectiva de alunos pretos e pardos que desde cedo experimentam violências estereotipadas em relação a cor da pele, a textura do cabelo, a forma do nariz entre outras características físicas. Para iniciar as oficinas, contei com a colaboração de alguns funcionários da escola que ajudaram a organizar os materiais, o ambiente e a organizar os estudantes que ficaram sentados no chão do pátio da escola. A escola é de pequeno porte e com poucas dependências. O pátio da escola foi o melhor lugar escolhido para abranger todos os alunos. Mesmo tendo a consciência de que a fileira é uma prática colonial, pela quantidade de alunos não foi possível colocá-los em círculo, pois o pátio é muito pequeno e no momento estava fazendo muito sol.

Figura 4: momento inicial da oficina: dinâmica do espelho



Fonte: material produzido pelo celular da autora

Durante este momento, passei com o microfone entre os alunos para quem quisesse participar da dinâmica do espelho. Sempre tem alguns alunos mais envergonhados que não gostam muito de falar, e aqueles que querem falar o tempo inteiro. Esta é a riqueza das nossas escolas, cabe a nós enquanto professores entendermos o ser de cada aluno e oportunizar para que todos tentem participar igualmente. Pelas imagens, pode-se observar que são alunos pretos e pardos.

Nessa perspectiva, proponho pontuar o conceito de letramento racial que envolve um processo de reeducação racial com intuito de desconstruir formas de pensar e agir naturalizadas e normalizadas entre pessoas brancas e negras. Neste contexto, O conceito de Letramento Racial “[...]surge a partir da Teoria Racial Crítica (Critical Race Theory) nos Estados Unidos, onde alguns autores usam raça como ponto de partida para analisar uma série de questões sociais” (Santos; Amorim, 2021, p. 04-05).

Assim, a técnica do uso do espelho atravessa o pensar e o agir dos estudantes, uma vez que precisam restabelecer a autoestima que foi dilacerada pela naturalização e normalização estereotipada dos povos negros que transmitia a ideia de uma população negra, pobre, feia, suja e coisificada. Dessa forma, é necessário fazermos o caminho inverso do que nos foi imposto. Precisamos valorizar/evidenciar as características negras dos alunos para que possam sentir-se orgulhosos de si, do seu cabelo, da cor da sua pele, do formato do seu nariz. Por este motivo, é de suma importância que os educadores restaurem a autoestima desses alunos para que mais cedo possamos dirimir o racismo no âmbito escolar. “[...]o trabalho na perspectiva do letramento racial crítico e da educação antirracista deve ser contínuo, porque o tempo para cada um avançar é diferente[...].” (Souta; Jovino, 2019, p. 154).

Figura 5: momento da dinâmica do espelho



Fonte: material produzido pelo celular da autora

Concluindo esta primeira parte da oficina, outro momento bastante significativo foi quando direcionei algumas perguntas para os alunos: tais como - quem já ouviu falar do samba de roda? Somente alguns alunos disseram que já tinham escutado. Quem já foi em um samba de roda? A maioria relatou que nunca esteve em um samba de roda. Quem sabe como surgiu o samba de roda no Brasil e na Bahia? Houve algumas respostas, tais como; com os índios, com os escravos, no Brasil, na África, na Bahia.

África é um continente ou um país? Todos falaram país. Vocês acham que existe alguém que não gosta do samba de roda? Responderam que não. Quando realizei estas perguntas já tinha em mente algumas respostas negativas, pois os alunos da escola não tem vivência/experiência com o samba de roda e pouco

sabem sobre os aportes culturais afro-brasileiros. Após as perguntas e respostas, informei-lhes como surgiu o samba de roda, que a África é um Continente composto por vários países. Apresentei o Mapa do Continente Africano para os alunos observarem quão grande e diverso é.

Torna-se fundamental pensarmos os motivos pelos quais os alunos não conhecem a história do nosso país. A escola é uma instituição ideológica, não neutra e não isenta. Portanto, se a escola não promove os conhecimentos necessários sobre suas origens históricas é porque houve por muitos anos o controle de pessoas brancas que nunca se interessaram em passar para os alunos os conhecimentos/informações afrobrasileiros e indígenas. Assim, “Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país” (Nascimento, Abdias, 2016, p. 54).

Seguindo este diálogo, a última pergunta direcionada a eles: quem já ouviu um samba de roda? A maioria disse que já tinha escutado uma vez ou outra com algum parente. Nesta hora, convidei a todos os estudantes para ficarem de pé para ouvir, cantar e sambar o samba de roda. A música que embalou nosso samba de roda na escola foi o samba de roda - Espetáculo Ayeye. A escolha pela música serviu para evidenciar os sons do atabaque, berimbau, viola e chocalho e a música na voz de Dona Dalva cantando Beira-Mar. Uma música de fácil compreensão e o refrão de fácil repetição para que os alunos pudessem também cantar junto com a música.

A música escolhida animou nossa manhã de sexta-feira na escola. Os alunos ficaram empolgados por estarem aprendendo algo novo. E mais empolgados ficaram ao perceber que podiam sambar, cantar ao som do samba escolhido. Foi perceptível a empolgação e o divertimento dos alunos com o samba de roda. Queriam ouvir o tempo todo, mas como tinha outra atividade, conversei com eles que no final da oficina eu colocaria novamente. E assim, continuamos.

Figura 6: momento de escutar e sambar o samba de roda.



Fonte: material produzido pela autora.

Os alunos ficaram emocionados nesta hora, pareciam que já conheciam a música e o samba de roda. Eis a importância de inserir o samba de roda na escola, pois muitas vezes os alunos estão cansados mentalmente e querem ir para escola para além de aprender, aprender se divertindo. A partir do samba de roda, os alunos soltaram o corpo para sambar como queriam, como sabiam. Foi um momento satisfatório para todos, juntamente com os alunos, algumas professoras, a coordenadora, a diretora e alguns profissionais da educação “caíram” no samba. Quando escutaram o samba de roda foi como uma força vital passando por todos aqueles corpos. O momento de abstrair e envolver-se pelo batuque do tambor, o som da viola, uma sincronia perfeita entre corpo e música. Uma euforia contagiante.

O samba é um sentimento. É a materialização do Continente Africano no Brasil. Por isso, a sambadeira Ana Olga Freitas (2019)²⁶ reflete.

“O samba é uma forma de respirar, de sorrir, de vibrar e também de fazer pelo nosso irmão que tá ao nosso lado, nosso povo, todos nós somos irmãos quando a gente faz pra gente é pra alegrar quem tá no nosso redor, que precisa. O samba de roda é uma expressão musical aonde a gente dar força energia ao nosso corpo e também é uma expressão que passa de geração pra geração”

Nerivaldo Alves Araújo (2016). “Esses corpos que sambam, juntamente com a voz em cantos cadenciados e marcados pelas palmas e outros instrumentos sonoros, proporcionam uma manifestação teatral que percorre o tempo e a história do seu povo, verdadeiros atores” (p.103).

Para Paul Zumthor (2010), “os movimentos do corpo são assim integrados a uma poética. Empiricamente constata-se [...] a admirável permanência da associação entre o gesto e o enunciado: um modelo gestual faz parte da ‘competência’ do intérprete e se projeta na performance” (Zumthor, 2010, p. 217). Esta se torna uma relação do corpo como afloração do sujeito no samba de roda.

Seguindo, a roda de conversa foi um recurso bastante significativo e assertivo para os estudantes, pois nesta hora direcionei duas perguntas, tais como: 1- Gostaram de escutar o samba de roda? Todos relataram que gostaram 2- O que vocês sentiram ao escutar o samba de roda? As respostas foram as mais diversas, todos queriam falar ao mesmo tempo para externar o que foi aquele momento para eles. Pontuo alguns relatos feitos pelos alunos durante a oficina.

Aluno 1- Eu senti alegria e diversão.

Aluno 2- Eu me senti muito alegre sambar o samba de roda.

Aluno 3- Senti amor, carinho e felicidade.

Aluno 4- Eu senti amor e alegria.

Aluno 5- Eu senti alegria. *Aluno*

6- Eu senti alegria e a música é muito legal. Eu gostei é muito alegre

²⁶ Sambadeira Dona Ana Olga Freitas no documentário Sambadeiras do Recôncavo da Bahia, 2019. Disponível no youtube.

Percebe-se acima que em quase todos os relatos os alunos revelam que sentiram alegria. É esta a sensação que o samba de roda provoca nas pessoas. É algo que não tem explicação e nem como descrever, as pessoas ficam sorridentes, os olhos brilham, o rosto e o corpo ficam iluminados. É uma energia ancestral que perpassa por aqueles que experimentam sambar o samba de roda.

A próxima atividade que realizei com os estudantes foi a de aprendermos a cantar a música Minha ciranda interpretada por Lia de Itamaracá (Maria Madalena Correia do Nascimento). A escolha pela música e pela cantora ocorreu primeiramente pela canção ser de fácil aprendizado, por ser pequena e para que eles pudessem conhecer quem é Lia de Itamaracá e também associar a ciranda de Lia com as cirandas que aprendemos quando pequenos. Maria Alice Amorim (2014) descreve Lia de Itamaracá.

Soberana, feito uma deusa surgida das águas do mar ou uma rainha plena de realeza, é assim que Lia sempre aparece, levando-nos ao prazer de ouvir e dançar uma ciranda. Sim, porque ninguém fica imune ao ritmo da ciranda, muito menos aos encantos da filha de Iemanjá, que se habituou a cantar desde criança, na praia de Jaguaribe, localidade da Ilha de Itamaracá onde nasceu em 12 de janeiro de 1944 e vive até hoje. Cheia de familiaridade com a música e a dança, Maria Madalena Correia do Nascimento começou a carreira artística muito jovem, cantando ciranda desde os 12 anos. A filha de Severino Correia do Nascimento e Matildes Maria da Conceição é a mesma Maria, ou Lia, da música que se transformou num hino: Essa ciranda / quem me deu foi Lia, que mora na Ilha de Itamaracá (Amorim, 2014).

A ciranda de Lia proporcionou aos estudantes a conexão entre escutar a música e reproduzir o que ouviam. Ao dançar a ciranda experimentaram um sentimento de pertencimento e também de lembrar as rodas de ciranda que já presenciaram, seja na escola, seja em sua comunidade.

Expliquei para eles que para dançar a ciranda deveríamos fazer uma roda e todos juntos cantar e se balançar ao som da ciranda. Todos juntos girando de forma síncrona para um lado e depois para o outro.

Figura 7: os alunos aprendendo a cantar a música Minha Ciranda



Fonte: material produzido pela autora.

Esta atividade foi interessante na perspectiva de inserir a cirandeira Lia de Itamaracá na oficina, pois eles não conheciam e nunca tinham ouvido falar. Expus a foto para eles conhecerem sobre quem estavam aprendendo a cantar. Após todos cantarem a música, levantamos para cirandar com a música Minha Ciranda. Todos de pé, de mãos dadas cantando a ciranda de Lia. Foi muito emocionante eles tentando aprender e cantar a música. Eu cantava os trechos da ciranda e eles repetiam. Conclui que os alunos estão sedentos de aprender mais sobre a nossa cultura e a de vivenciar momentos como estes.

Como relatei anteriormente, as oficinas foram para os alunos do primeiro ao quarto ano das Séries Iniciais do Fundamental I, sendo assim, os alunos do primeiro e segundo ano ainda não estão totalmente alfabetizados, no entanto, quiseram participar de todos os momentos. Dessa forma, no momento da roda de

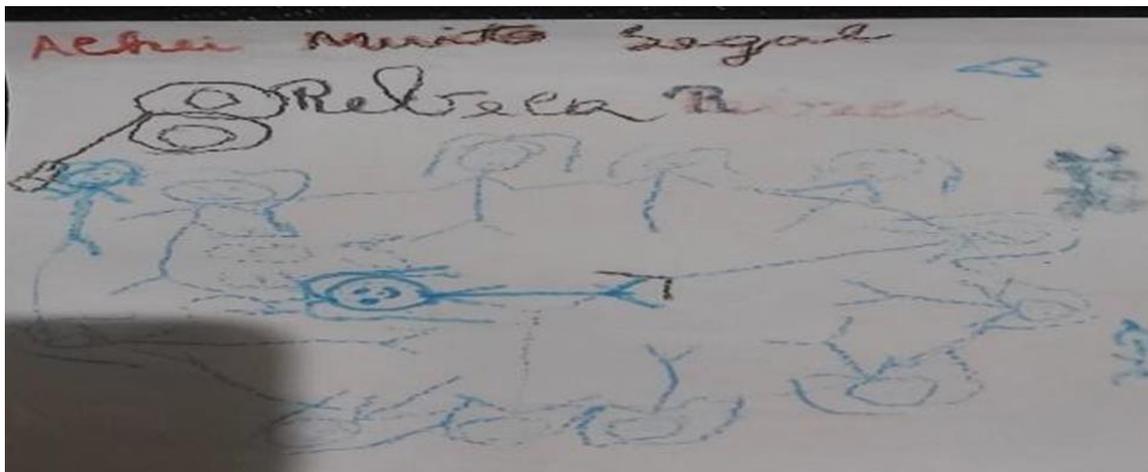
conversa eu solicitei que os estudantes que não sabiam ler e escrever ainda poderiam fazer desenhos do que estavam aprendendo sobre o samba de roda. Achei interessante porque os alunos solicitavam rapidamente a folha de papel em branco e o lápis para poderem explicar o que gostariam em forma de desenhos.

Figura 8: desenho sobre o que estavam aprendendo sobre o samba de roda



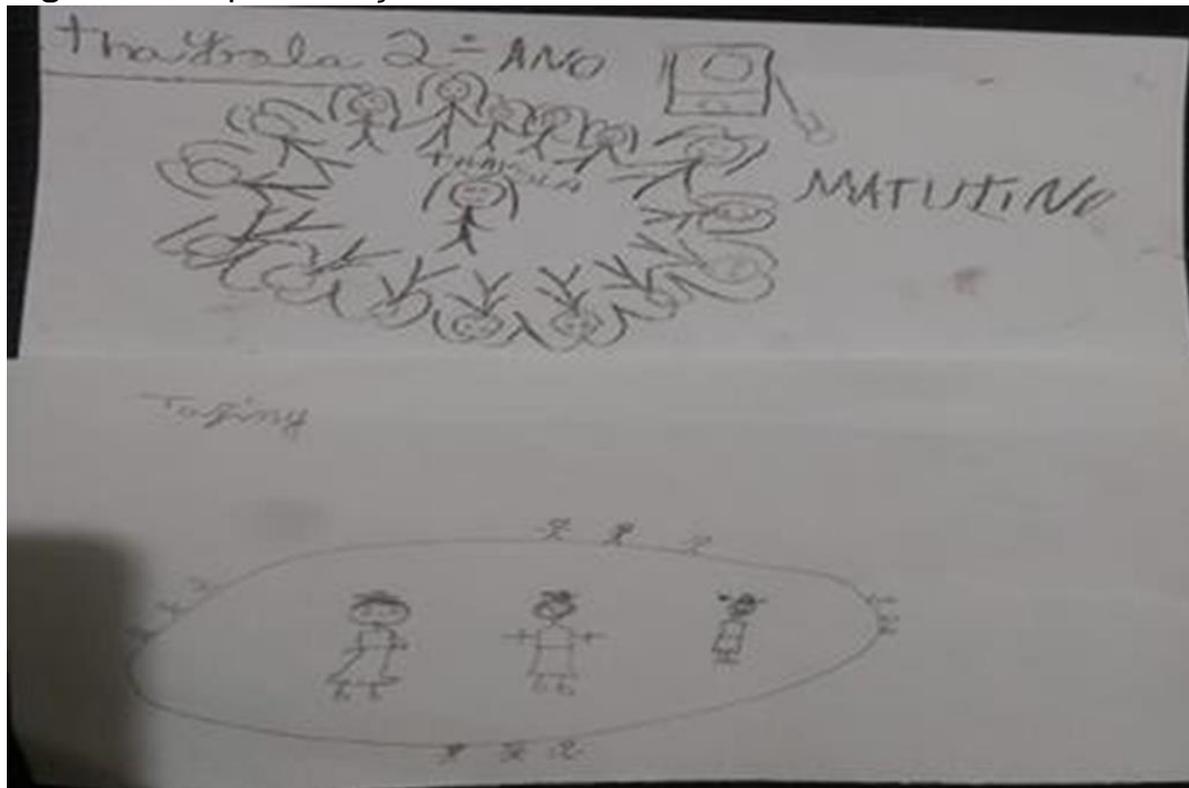
Fonte: material produzido pela autora

Figura 9: representação do samba de roda: aluna do 2º ano matutino



Fonte: material produzido pela autora

Figura 10: representação do samba de roda: alunas do 2º ano matutino



Fonte: material produzido pela autora.

Os desenhos acima, demonstram um interesse das crianças de estarem aprendendo sobre o samba de roda. Para Lygia Eluf (2009, p.12), o "desenho é onde o pensamento do artista se materializa, organiza, expressa e constroi." O ato de desenhar constitui uma relação entre a inteligência, emoção, sensibilidade e a decisão de querer desenhar, principalmente, algo novo. Sendo assim, o desenho é algo importante e que contribui para a formação dos estudantes. Desenhar não é apenas o dom que algumas pessoas possuem, mas algo que todos têm a capacidade de aprender. O ato de estimular o desenho é muito pouco utilizado nas Séries Iniciais do Fundamental I e mais utilizado na educação infantil. Os alunos quando saem da Educação Infantil quase não realizam atividades de desenhos e pinturas na escola. Estas, ficam para segundo ou terceiro plano. Com esta atividade, propus que os estudantes, à sua maneira, pudessem externar em desenhos o que estavam aprendendo sobre o samba de roda.

Dessa forma, o desenho constitui uma ferramenta muito importante dentro do contexto escolar ainda nas séries iniciais do Fundamental I.

A criança desenha, entre outras coisas, para divertir-se. É um jogo onde não existem companheiros, a criança é dona de suas próprias regras. Neste jogo solitário, ela vai aprender a estar só, "aprender a ser só". O desenho é o palco de suas emoções, a construção do seu universo particular. O desenho manifesta o desejo da representação, mas também o desenho, antes de tudo, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, e negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial (Derdyk, 1994, p.50).

Nesse entendimento, pensar em inserir o desenho nas Séries Iniciais do Fundamental I perpassou pela ótica de uma oficina mais lúdica que pudesse contemplar atividades que resgatassem o imaginário das crianças, uma vez que o desenho neste segmento quase não é realizado e nem valorizado na escola. No entanto, é através destas práticas que os alunos se conectam entre si, pensam, formulam o que querem explicar e executam com maestria. Cada uma ao seu modo desenhavam, rabiscavam e dão significados aos traços inseridos no papel.

Portanto, o aprendizado vivenciado pelos estudantes ao realizarem os desenhos contribuiu muito para a formação dos estudantes por sua importância no fazer artístico e pelo aspecto lúdico que caracteriza o desenho. Com esta atividade, foram cinquenta e dois desenhos de diferentes aspectos sobre o samba de roda.

Inicialmente, as oficinas foram pensadas a partir da inserção dos mestres/as e sambadores/as na escola, porém, quando contactei o secretário de cultura e turismo do município, percebi que a presença desses mestres em todos os momentos estaria comprometida, uma vez que no município de Candeias-sede não existe mais grupos de sambas de roda. E o único grupo que faz parceria com a SECTUR-Secretaria de Cultura e Turismo é o grupo do Distrito de Passé da comunidade Quilombola Rio do Cunha que pertence ao município de Candeias. É um grupo liderado por Adailma Cristina, mais conhecida como Nega de Passé. O município de Candeias não dispõe de editais que favoreçam a inserção dos elementos culturais afro-brasileiros nas escolas e por este motivo, a presença desses mestres sem o devido reconhecimento em relação a remuneração,

transporte e lanche ficam comprometidos, uma vez que são pessoas que têm seus trabalhos, seus afazeres. As mulheres em sua maioria são marisqueiras ou donas de casa que precisam de um estímulo remunerado para apresentar-se nas escolas do município que faz parte do Recôncavo Baiano, lugar que iniciou mais fortemente o samba de roda, capoeira entre outras manifestações afro-brasileiras.

Nesta perspectiva, as atividades tiveram que sofrer algumas alterações, pois a pesquisa precisava ser concluída na escola. Então, tive a ideia de inserir os instrumentos musicais que geralmente estão presentes no samba de roda. Escolhi alguns sambas de roda a partir dos instrumentos musicais. Samba de roda executado pela viola, pelo tambor, pelo chocalho, pelo pandeiro, pelo reco-reco, pela cuíca, cavaquinho e violão. Importante frisar, que não são os instrumentos característicos do samba de roda do Recôncavo Baiano. À exceção do pandeiro e, em alguns grupos na atualidade, o violão. Executava a música e os estudantes paravam para ouvir o som de cada instrumento musical e falar qual instrumento estava sendo tocado. Hampate Bá afirma que. "Os instrumentos dessa música sagrada são, portanto, verdadeiros objetos de culto que tornam possível a comunicação com as forças invisíveis" (Bá, 1977, p. 20). Os alunos ficaram super empolgados com esta atividade, pois foi o momento em que paravam para escutar cada som dos instrumentos.

Quem faz o samba de roda sabe que muitas vezes não se tem todos os instrumentos musicais para executar e por isso, em muitas ocasiões as pessoas tocam os instrumentos musicais que estão disponíveis, as vezes nem podemos contar com os instrumentos e assim ele é realizado cantando e batendo palmas.

As pessoas que fazem o samba de roda tocam os instrumentos disponíveis. Esta expressão é utilizada para que se perceba a complexidade das relações entre, por um lado, a maneira como a participação dos instrumentos no samba de roda é conceituada pelos músicos, e por outro, a maneira como é posta em prática. Veremos que certos instrumentos, mesmo os muitíssimo valorizados, nem sempre estarão disponíveis para uso. Na verdade é perfeitamente possível fazer um samba de roda sem instrumentos: cantando, batendo palmas e eventualmente batendo ritmos nos objetos que estiverem à mão. Se houver pandeiro, entrará o pandeiro, se houver timbal, melhor, e assim por diante

(IPHAN, 2006, p. 42).

Nesta atividade abordei um pouco sobre as características de cada instrumento musical e como cada som se torna importante para a execução do samba de roda. Também, expliquei para eles que o samba de roda é realizado com os instrumentos musicais, mas também pode acontecer somente com as palmas e cantadas. Depende da disponibilidade dos instrumentos e tocadores. Isto é importante para que as pessoas saibam que o samba de roda pode ocorrer também sem os instrumentos, que apesar deles serem importantes, o samba de roda não pode deixar de acontecer caso não se tenha disponíveis os instrumentos. As palmas e as cantadas também são de fundamental importância para o samba de roda.

É de especial importância no acompanhamento rítmico do samba de roda o papel das palmas, batidas, idealmente, por todos os participantes/assistentes. A participação de todos os presentes por meio das palmas funciona como uma indicação da qualidade do samba, de sua capacidade de contagiar a todos. Como uma espécie de derivação das palmas, alguns grupos – de Cachoeira, Saubara - utilizam pares de tabuinhas, ou taubinhas, que fazem os mesmos padrões rítmicos (IPHAN, 2006, p. 47).

Durante a roda de conversa, os estudantes pediram para experimentarem a tocar os instrumentos que estavam disponíveis na escola (pandeiro, tambor, reco-reco e chocalho). Neste momento, os alunos queriam manusear, observar como funcionam cada instrumentos e assim, fui passando de mão em mão os instrumentos musicais.

Nesta oficina, percebi que os alunos se interessaram em manusear cada instrumento musical. Alguns até se arriscaram a fazer um som.

Nesse entendimento, esta atividade proporcionou que os alunos exercitassem a prática de escutar com calma o som produzido. Alguns erraram o instrumento musical, mas a tentativa deles tentarem identificar qual o instrumento já valeu a pena pensar esta atividade para e com eles.

Figura 11: conhecendo os instrumentos musicais do samba de roda



Fonte: material produzido pelo celular da autora

As oficinas foram agendadas com antecedência pela coordenadora da escola. Todas as professoras foram informadas antecipadamente, no entanto, uma professora da turma não permitiu que os alunos “dela” participassem de alguns momentos, assim, a coordenadora informou-me que a referida turma não iria participar, pois a professora havia programado outras atividades para os alunos. Importante ressaltar, que os dias de sextas-feiras são os dias em que a escola promove projetos e atividades mais lúdicas para os estudantes, pois é o dia em que os alunos saem às dez da escola. Por este motivo, a recomendação da coordenadora é a de que os alunos pudessem ficar livres para outras atividades propostas pela escola, ou outros professores.

Neste sentido, sabendo do não comprometimento de alguns professores em relação aos aportes culturais afro-brasileiros e indígenas, eu já previa que isto

poderia acontecer. No entanto, as oficinas ocorreram normalmente com os outros alunos, mas este episódio deixou-me inquieta por vários motivos, tais como: descomprometimento de alguns professores em abordar a cultura afro-brasileira na escola; o descomprometimento com a Lei 11.645/2008; a negação do direito dos estudantes em conhecer e experimentar a cultura afro-brasileira; o racismo velado nos contextos educacionais; falta de empatia e coleguismo existente no contexto da escola por parte de alguns docentes

Durante as oficinas, poucas professoras participaram efetivamente e juntamente com os alunos, algumas ficaram em suas salas preenchendo cadernetas, passando notas, outras ficavam pelo pátio sem muita interação e umas estavam ali somente para acompanhar seus alunos. Houve pouca ou quase nenhuma interação das professoras durante as oficinas. Com isto, as oficinas na referida escola do município revelaram que os alunos estão dispostos a aprender sobre a história e cultura afro-brasileira, mas que precisam ser incentivados a conhecer. Algumas professoras não têm interesse nessas temáticas e nem em fazer cumprir a Lei. Enfim, é preciso que nós, enquanto professores/pesquisadores comprometidos com esta temática, possamos seguir firmes para não desistir, pois são tantos desafios/entraves que se tornam desestimulantes.

Com tudo isto, percebi portanto que o não comprometimento de alguns professores em abordar esta temática perpassa por questões de racismo, preconceitos, discriminações e intolerâncias. Pois a escola sendo uma instituição fomentadora de conhecimentos deveria visibilizar saberes outros que foram negados aos alunos pretos e pardos existentes na escola. Por isso, é por demais necessário que as instituições educacionais assumam o compromisso de buscar mudanças efetivas para que os educandos tenham acesso a sua origem histórica. Torna-se de fundamental importância a efetiva implementação da Lei nº 11.645/08, ressaltando a história e as culturas afro-brasileiras e indígenas no contexto educacional. O professor Cunha Jr. caracteriza o racismo como sendo “[...]um sistema de dominação elaborada cientificamente, como um sistema ideológico, que é disseminado de forma pedagógica e estruturada”(Cunha Jr., 2022, p. 110).

Contudo, considero importante a inserção e difusão do samba de roda nas escolas, uma vez que vai contribuir para desmascarar o racismo e a discriminação sobre estes temas necessários no contexto educacional.

O professor pode ser um articulador antirracista ou legitimar atitudes racistas, preconceituosas e discriminatórias. No entanto, o professor deve-se ter clareza sobre seu papel na escola e ajudar a combater o racismo e toda e qualquer forma de preconceito e discriminação. Por isso, Munanga afirma.

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultada colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou conscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade (Munanga, 2005, p.15).

Alguns professores ao invés de buscarem mecanismos para dirimir o racismo e o preconceito acabam por legitimar tais violências, não dão atenção necessária a estas situações e por vezes acabam reforçando o racismo consciente ou inconscientemente. Por tudo isto, falta sensibilidade e consciência pedagógica por parte destes professores.

(...) alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional. Na maioria dos casos, praticam a política de avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza

humana (Munanga, 2005, p. 15).

Como pontuado acima, o professor consciente do racismo em relação à cultura afro-brasileira poderia aproveitar os momentos das oficinas para levar formas outras de trabalhar o samba de roda em sala de aula. A atitude da professora em não permitir que os alunos não participassem das oficinas visibilizou o preconceito, a intolerância e o racismo presente no contexto educacional.

Como bem refletir no capítulo anterior, quanto mais evangélica e racista a escola, representada pelo seu corpo docente, mais o aluno negro é discriminado e rejeitado naquele espaço e menos temas afro-brasileiros trabalha-se nos ambientes educacionais.

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito inculcado na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. O que explica o coeficiente de repetência e evasão escolar altamente elevado do alunado negro, comparativamente ao do alunado branco (Munanga, 2005, p. 16)

O combate ao racismo, preconceito e discriminação deve ser de toda a sociedade e não somente das pessoas negras. Os alunos não negros presentes nas escolas brasileiras devem conhecer, debater, estudar e combater o racismo para que a nossa sociedade seja mais incluyente e igualitária. Nesse processo, o professor deve ser o principal incentivador da informação e transformação de práticas não racistas e não discriminatórias no âmbito educacional.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (Munanga, 2005, p. 16).

(...) cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (Munanga, 2005, p. 17)

(...) é preciso ressaltar que a escola é uma instituição social e, portanto, partilha dos valores e práticas da sociedade a qual pertence e que seus professores são, antes de tudo, cidadãos formados por essa mesma sociedade. Portanto, não se trata aqui de culpar a escola e os professores pela perpetuação de práticas racistas que ocorram, mas de refletir sobre o papel da escola e dos professores na transformação dessa situação. (MEC, 2006, p.22).

As oficinas ocorreram da melhor maneira possível com os alunos restantes da escola. Participaram ativamente de todos os momentos. Desta maneira, para inserir os alunos ainda mais na dinâmica das oficinas pedagógicas, abordei sobre como geralmente acontece o samba de roda, as mulheres colocam suas saias longas rodadas ou vestidos rodados, fazem a roda para sambar, cantar e bater palmas.

Pode-se ficar no centro da roda para sambar e convidar outras pessoas com a umbigada. Geralmente, os homens tocam os instrumentos musicais, mas ressaltei que há muitos homens sambadores e mestres de samba de roda. Assim como há mulheres tocadoras de samba de roda

Após a apresentar os instrumentos musicais para os estudantes, perguntei quem ainda não sabia sambar? E convidei alguns alunos para aprender a sambar juntamente comigo. Todos queriam ir a frente, até mesmo quem já sabia sambar. Então organizei dois momentos: 1- ensinei para os alunos e alunas o movimento do samba e 2- convidei os alunos e alunas que já sabiam sambar a mostrar seu samba no pé.

Foi um momento muito prazeroso que os alunos se divertiram, cantaram, sambaram e aprenderam do seu jeito a sambar o samba de roda. Foi uma manhã muito leve e de muito aprendizado para mim e para os alunos.

Figura 12: alunos e alunas aprendendo a sambar



Fonte: material produzido pelo celular da autora

Figura 13: meninas sambadeiras e meninos sambadores



Fonte: material produzido pela autora

Como não foi possível a presença em todos os momentos dos mestres e sambadeiras no espaço escolar, tentei inserir na escola as minhas experiências/vivências que presenciei na Fundação Mestre Bimba com a mestra Nalvinha (filha de Mestre Bimba). Nesse sentido, falei sobre a importância de escutar os mais velhos para aprender e também sobre os valores ancestrais que perpassam o samba de roda. Dona Santinha (2019)²⁷ ressalta sobre o samba de roda.

O samba é uma tradição, é assim uma coisa que pra deixá a gente alegre, entendeu? Fazer uma fisioterapia no corpo...o samba de roda pra mim é isso; alegria, o samba de roda depende de alegria. É pra gente se distrair, brincar, fazer a fisioterapia no corpo porque a gente no samba de roda mexe com o corpo todo, mexe com tudo.

A alegria se espalhou pela escola, pelos alunos que realmente vivenciaram os momentos. Sendo assim, as rodas de conversas foram os momentos cruciais de escuta, de tirar dúvidas, partilhas, aprendizados e de alguns alunos relatarem e refletirem sobre o que estavam vivenciando. Nesse contexto, é importante trazer para esta pesquisa a importância da oralidade, pois vivemos em uma sociedade que muito valoriza a escrita e pouco refletimos sobre a importância de escutarmos uns aos outros e principalmente escutar os mais velhos, “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”, reflete o intelectual Amadou Hampâté Bâ. Embora estejamos na escola, local em que a predominância de ensino-aprendizagem perpassa pela oralidade, muitas vezes não damos o devido valor a esta prática de aprendizado. Por isso, Hampaté Bâ (2010) reflete sobre a oralidade.

Maa Ngala, como se ensina, depositou em Maa três potencialidades do poder, do querer e do saber, contidas nos vinte elementos dos quais ele foi composto. Mas todas essas forças, das quais é herdeiro, permanecem silenciadas dentro dele. Ficam em estado de repouso até o instante em que a fala venha colocá-las em movimento.

²⁷ Sambadeira Dona Santinha, mestra sambadeira do grupo raízes de Acupe, Santo Amaro da Purificação-Bahia no documentário Sambadeiras do Recôncavo da Bahia, 2019. Disponível no youtube.

Vivificadas pela palavra divina, essas forças começam a vibrar. uma primeira fase, tornam-se pensamento; numa segunda, som; e, numa terceira, fala. A fala é, portanto, considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças. (Bâ, 2010, p. 172).

É necessário que cuidemos dos nossos mestres da cultura popular para que os saberes e conhecimentos ancestrais possam durar por mais tempo. Para Gudo Moreno (2022)²⁸ afirma. “O sambador, o samba de roda e a ASSEBA ainda tá necessitando de muitas coisas(...). A ASSEBA tem que ir buscar, principalmente, as questões da saúde do sambador, de direitos autorais (...)

Santiago do Iguape (2022)²⁹ reflete também sobre a valorização da saúde das pessoas que fazem o samba, uma vez que são essas pessoas que fazem o samba acontecer.

Foi importante é papel da associação cuidar disso, cuidar dos acervos, cuidar das pessoas que faz o samba de roda, porque se não tiver as pessoas, não adianta ter samba de roda. Porque quem faz o samba de roda são as pessoas e essas pessoas tem que ser cuidadas, aí vem a sustentação do samba, a inspiração pra as pessoas fazer do samba de roda. Porque se essas pessoas tiverem com fome não vão ter inspiração pra compor, não vai ter o espírito de compositor e nem de tocador, porque ta passando fome, sua familia ta passando fome, sem se alimentar (...).

Ba reflete a importância da forma de aquisição de saberes e conhecimentos da tradição oral que é um movimento contínuo de aprendizado.

A tradição oral exige uma forma de aprendizagem que passa pela iniciação que às vezes dura anos. E a formação nunca é considerada acabada, todos os dias, costuma-se dizer, o ouvido ouve aquilo que ainda não ouviu. Assim, a educação podia durar a vida inteira (Bâ, 2010, p. 208).

²⁸ Coordenador da ASSEBA (2014 a 2017) Quilombo da Matinha. Feira de Santana-Bahia. No documentário Samba de Roda, Patrimônio Imaterial da Humanidade: 15 anos de Salvaguarda e Conquistas, 2022.

²⁹ No documentário Samba de Roda, Patrimônio Imaterial da Humanidade: 15 anos de Salvaguarda e Conquistas, 2022.

Nessa perspectiva, as oficinas de samba de roda na escola atravessaram vários elementos da oralidade: as músicas, as palmas, as cantadas, as conversas, os debates. Assim, "a palavra falada se empossa, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à origem divina e as forças ocultas nela depositadas" (Bâ, 1982, p. 182).

Com a presença do samba de roda na escola, a oralidade da música, das palmas, dos sons dos instrumentos tiveram outro significado. Todos esses elementos reproduziram a simbologia e a ancestralidade do samba de roda. "Mas para que a fala produza um efeito total, as palavras devem ser entoadas ritmicamente, porque o movimento precisa de ritmo, e estando ele próprio fundamentado no segredo dos números. A fala deve reproduzir o vaivém que é a essência do ritmo" (Bâ, 2010, p. 186).

No samba de roda, os mestres compartilham dos saberes adquiridos para os grupos através das vivências de confecção dos instrumentos, aprender a tocar os instrumentos, da experiência em aprender a sambar, as rodas de samba, aprender as letras das músicas, tudo isto envolve músicas e danças. Dentro da música do samba de roda, a letra é uma manifestação de valores, saberes que perpassam a história, a geografia, a arte, dentre outras coisas. Sendo assim, os mestres da cultura popular são mestres exatamente por terem todas as habilidades necessárias daquele elemento cultural. No samba de roda, a música representa toda esta espiritualidade. Os mestres têm a responsabilidade de repassar a tradição, os valores e os saberes na formação de seus seguidores. E isso ocorre através da oralidade.

Continuando essa reflexão, as rodas de conversas foram bem produtivas durante a execução das oficinas, uma vez que durante estes momentos os alunos puderam explicar um pouco o que estavam vivenciando.

Sendo assim, abordei o tema da cultura afro-brasileira presente no Brasil. Direcionei uma pergunta para os estudantes: vocês sabiam que o samba de roda faz parte da cultura popular brasileira? Muitos falaram que sim, que sabiam. Após

a pergunta, pedir para que quem quisesse pudesse falar ou escrever sobre a importância da nossa cultura que engloba o samba de roda. Obtive estes resultados.

Aluno 1- No samba de roda eu sinto alegria e também gosto da cultura, muito interessante e também achei o samba de roda muito interessante.

Aluno 2- No samba eu sinto alegria e gosto muito da cultura africana. E também achei a cultura muito legal.

Aluno 3- O samba de roda é muito legal a dança também a cultura é muito legal e também muito interessante.

Aluno 4- O samba é uma cultura africana muito legal.

Aluno 5- O que eu achei mais interessante é que pessoas podem se expressar no samba de roda e também é uma dança interessante e uma cultura linda também achei a cultura muito legal.

Aluno 6- Amo minha cultura.

Neste contexto, trabalhar o elemento afro-brasileiro samba de roda na escola serviu para promover a diversidade cultural. Pois, ao tratarmos sobre essa temática, no seio da escola pode contribuir para desmistificar histórias únicas negativas sobre o Continente Africano, como também, pode aproximar os educandos da manifestação cultural que muito carrega a identidade/essência do povo brasileiro. Assim, o samba de roda é uma manifestação cultural inserida no contexto brasileiro a partir da presença dos povos africanos aqui no Brasil na época da escravização e que se perpetua até os dias de hoje pelos mestres e sambadeiras da nossa região do Recôncavo Baiano e do Brasil. Nesse contexto, Denys Cuche traz o conceito de cultura.

A noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória, a questão da diferença entre os povos, uma vez que a resposta “racial” está cada vez mais desacreditada, à medida que há avanços da genética das populações humanas. O homem é essencialmente um ser de cultura (Cuche, 2002, p. 09).

Nesse entendimento, o samba de roda traz consigo diversas temáticas que podemos discutir e desmistificar no contexto da escola, principalmente, por abordar a diversidade cultural e identidade brasileira dos povos negros, pois com a colonização visibilizou somente a cultura europeia, silenciando e excluindo a cultura dos povos indígenas e africanos presentes aqui no Brasil. É por este motivo também, que a sociedade brasileira sabe muito pouco sobre a cultura indígena e africana. Roque de Barros Laraia defende que o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Assim.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (Laraia, 2001, p.24)

Analisando essa citação de Laraia, entendemos o motivo pelo qual a nossa sociedade brasileira é racista, preconceituosa e discriminatória, pois com a hegemonia da cultura europeia os estudantes tiveram contato apenas com essa cultura. Marginalizou-se e endemonizou-se as culturas indígenas e africanas, conseqüentemente, formou-se alunos racistas e preconceituosos com suas próprias culturas.

Assim, os estudantes brasileiros de pele negra ou parda tiveram dificuldades em identificar-se/assumir-se de acordo com sua cor da pele, pois com a colonização europeia tudo que era diferente da cultura do colonizador foi deixado de lado e substituído. É Nesse contexto que inserir o samba de roda como expressão da diversidade e pluralidade cultural dos povos afro-brasileiros torna-se importante, pois o samba de roda dentro da escola pode propiciar discussões sérias sobre identidade do povo negro, o respeito a outras culturas, a diversidade e a pluralidade cultural existente em nosso país.

Nesse viés, percebemos que a presença do samba de roda no contexto educacional faz emergir várias temáticas para serem abordadas com os alunos, tais como: a origem do samba de roda no recôncavo da Bahia; aproximações dos

mestres e sambadeiras na escola junto aos estudantes; desmistificar o samba de roda como algo folclórico; incentivar e apoiar a diversidade e pluralidade cultural de outros povos.

Como bem pontuam, Antônio Flávio Moreira e Vera Maria Candau (2008).

Em qualquer sociedade, a construção da diversidade assume contornos diferentes de acordo com o processo histórico, relações de poder, imaginários, práticas de inclusão e exclusão que incidem sobre os diferentes sujeitos e grupos. Nesse sentido, é preciso compreender os processos históricos e culturais singulares vividos por esses grupos no contexto das desigualdades e como esses nem sempre são considerados; quando lutamos pela construção da democracia. (P. 70)

No contexto da escola brasileira, a diversidade foi construída de forma preconceituosa, pois o que era diferente do padrão eurocêntrico era desvalorizado e por isso também os estudantes têm muitas dificuldades em aceitar a diferença do outro, como a cor da pele, a deficiência, até as questões de gênero e sexualidade. Ou seja, o que não fosse do padrão eurocêntrico hegemônico europeu era e ainda é alvo de preconceitos e discriminações fora e dentro da escola.

Por isso, é tão importante que possamos inserir o samba de roda, a capoeira e outros aportes culturais afro-brasileiros e africanos nas escolas, para que os estudantes tenham conhecimento de outras culturas e que todas possam coexistir sem suprimir ou silenciar a outra. É preciso valorizar e estimular a diversidade e pluralidade de todos os povos que compõem a identidade brasileira.

Na obra, *A Unidade Cultural da África Negra*, Cheikh Anta-Diop (2016) observa que entre povos africanos do continente e da diáspora existem relações comuns de pertencimento à ancestralidade africana. Essa relação de pertencimento pode ser potencializada para se pensar uma educação antirracismo, comprometida com a valorização dos aportes culturais africanos e afro-brasileiros impregnados na cultura brasileira, designadamente os valores ancestrais do samba de roda.

Do mesmo modo, Amílcar Cabral (1976) defende, na sua obra *A Arma da Teoria: Unidade e Luta*, a necessidade do retorno às fontes e/ou origens culturais, como condição para o triunfo da luta anticolonial. Portanto, segundo Cabral, a emancipatório dos povos africanos não culminaria com a conquista da independência, mas era necessário (re)africanizar as mentes dilaceradas pelo horror da escravidão e do colonialismo.

Outra contribuição importante a ser considerada no presente estudo é o Paradigma Epistemológico da Afrocentricidade de Molefi Kete Asante (2009), segundo o qual ninguém melhor que africanos e afrodescendentes da diáspora está posicionado para abordar a história, a cultura e, sobretudo, a valorização das experiências africanas, o que pressupõe, a priori, a definição de seu “lugar de fala” e sua “localização psicológica”.

Por isso é tão importante repensar a ressignificação do samba de roda, enquanto importante aporte cultural de matriz africana e afro-brasileira e seu impacto na (re)ontologização de sujeitos africanos e afrodescendentes presentes nas escolas brasileiras para estimular a pluralidade cultural dos povos que estão nas raízes do Brasil.

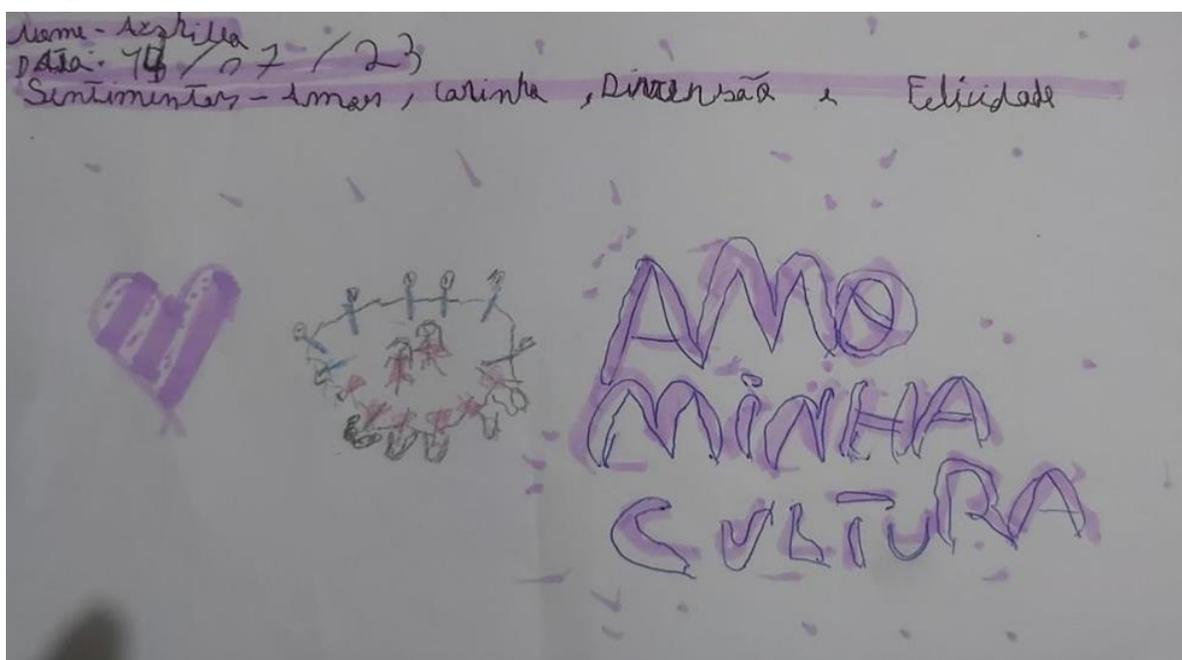
Inserir o samba de roda no contexto da escola pode incentivar e promover a diversidade e a pluralidade cultural, visto que, os estudantes sabem muito pouco sobre os aportes culturais que foram inseridos pelos povos dos países africanos. Neste sentido, inserir o samba de roda no contexto educacional pode contribuir para promover que os alunos conheçam um pouco mais sobre a origem da cultura brasileira e também para lutarmos contra uma educação racista, preconceituosa e discriminatória que ao longo do tempo silenciou e subjugou a cultura oriunda do povo negro. Dessa maneira, torna-se urgente trabalharmos nas escolas a partir do multiculturalismo que muito tem a nos ensinar. Assim, Moreira e Candau (2008) refletem que.

Multiculturalismo em educação envolve, ainda, um posicionamento claro a favor da luta contra a opressão e a discriminação a que certos grupos minoritários têm, historicamente, sido submetidos por grupos mais poderosos e privilegiados. Nesse sentido, multiculturalismo em educação envolve, necessariamente, além

de estudos e pesquisas, ações politicamente comprometidas (p.07).

Posto isto, a perspectiva da pluralidade cultural no âmbito educacional promove uma educação diversa e pluriversal que abrange as culturas que estiveram presentes na origem histórica do Brasil. Por isso, os relatos dos estudantes em relação à cultura visibilizam o entendimento que eles possuem sobre este tema.

Figura 14: desenho feito por uma aluna



Fonte: material produzido pelo celular da autora.

Após esta necessária discussão, chegou o grande dia em que os alunos iriam poder conhecer as sambadeiras do samba de roda. Todos ficaram curiosos com aquelas pessoas chegando na escola. Quero ressaltar que o grupo está recomeçando aos poucos. Os responsáveis pelo grupo são: Nega de Passé e Titico. Pessoas simples, mas com o entusiasmo de prosseguir com o samba de roda para não deixar acabar em sua comunidade.

O nome do grupo chama-se Samba do Quilombo. Este grupo tem apenas um ano de recomeço e tem em média vinte e cinco participantes, mas no dia foram apenas algumas sambadeiras e dois tocadores. O grupo está resgatando aos poucos a cultura do distrito de Passé-Candeias. Começaram com o São João e depois tiveram a ideia de resgatar o samba de roda que já tinha existido fortemente na comunidade Rio do Cunha nesse mesmo distrito. O distrito está em processo de reconhecimento e pertencimento de uma comunidade Quilombola.

Assim, o grupo ainda dispõe de poucos instrumentos, e são instrumentos já bastante desgastados. As vestimentas das sambadeiras foram os vestidos confeccionados para a quadrilha da festa de São João. O grupo por não ser oficialmente vinculado a secretaria do município precisa de muitas colaborações para a compra de roupas e instrumentos musicais. Todos os integrantes pertencem ao distrito de Passé e as reuniões entre eles ocorrem sempre quando a responsável pelo grupo agenda com os integrantes, pois como relatei acima, em sua maioria são mulheres donas de casa e marisqueiras e os homens muitas vezes fazem trabalhos informais fora do distrito como pedreiro, pescador e etc.

Percebe-se que é um grupo de pessoas simples que tem muita vontade de difundir o samba de roda na região, mas que enfrentam desafios financeiros porque não estão ainda recebendo remuneração para se manterem enquanto grupo de samba de roda. Sendo assim, a secretaria de cultura ofereceu o lanche e o transporte para que o grupo pudesse comparecer à escola.

Neste dia, eu também levei lanche para que pudéssemos juntos compartilharmos daquele momento. Nada mais ancestral do que partilhar alimentos com os nossos e terminar de forma aconchegante e afetuosa as oficinas. E assim, ao final de tudo sentamos, comemos, tiramos fotos e conversamos sobre a alegria dos alunos na oficina.

Figura 15: presença dos tocadores e sambadeiras na escola



Fonte: material produzido pela autora

O momento do grupo de samba de roda presente na escola foi de fundamental importância, pois culminou todo o aprendizado adquirido anteriormente sobre o samba de roda. As crianças ficaram eufóricas, era contagiante a alegria delas em estarem participando daquele momento. Não tem como descrever em linhas o que foi aquele momento, uma vez que os estudantes se soltaram para interagir com cada sambadeira.

Dessa maneira, observou-se como os alunos foram afetuosos e participativos durante todos os momentos. Foram os estudantes que protagonizaram juntamente com o grupo de sambadeiras as oficinas de samba de roda. A escola tornou-se um local de memória para estes estudantes, pois com certeza eles irão lembrar desses momentos quando escutarem um samba de roda.

Figura 16: momento em que os alunos foram os protagonistas da oficina



Fonte: material produzido pelo celular da autora

Figura 17: momento em que os alunos foram protagonistas da oficina



Fonte: material produzido pela autora.

Percebam a alegria e o comprometimento dos alunos em estarem participando desses momentos. Foram oficinas alegres, divertidas e de muito aprendizado sobre um dos elementos culturais afro-brasileiro importantes do Brasil e principalmente para o Recôncavo da Bahia.

Clécia Queiroz (2019)³⁰ “No samba de roda como em muitas outras expressões afro-brasileiras, a música, dança, indumentária e literatura fazem parte de um todo e o corpo responde em diálogo com a música em performances individuais e coletivas e nessas performances a presença das mulheres é fundamental”

Figura 18: presença das mulheres sambadeiras



Fonte: material produzido pelo celular da autora.

³⁰ No documentário *Sambadeiras do Recôncavo da Bahia*, 2019. Disponível na plataforma youtube.

A presença do grupo foi de fundamental relevância na escola, uma vez que os alunos tiveram a experiência de interagir com as sambadeiras, com os tocadores e vivenciarem de perto o samba feito pelas pessoas que fazem o samba de roda acontecer em suas comunidades.

O grupo de sambadeiras animou, conversou e sorteou alguns brindes para os alunos. E os alunos ficaram em êxtase em poder participar ativamente daqueles momentos. Para mim, significou muito, pois eu vislumbrei a alegria e a vontade dos estudantes em querer interagir, sambar, cantar com o grupo. Foi o momento em que respirei e pensei: valeu a pena cada minuto das oficinas. Eu, enquanto pesquisadora/professora, senti um alívio muito grande em perceber que aqueles estudantes estavam interagindo e se envolvendo com cada integrante do grupo de samba de roda. O carinho e a recepção dos estudantes fizeram-me rolar lágrimas em meus olhos, arrepio e um sentimento muito grande de gratidão por está proporcionando este lindo momento na escola. Por este motivo, comungo com a fala de Dona Jane (2020)³¹ “Pra mim o samba de roda significa aprendizado porque assim cada dia a gente vai aprendendo mais e o amor e o legado, Ave Maria não tem explicação”.

Durante a presença do grupo no ambiente escolar, os alunos puderam também escutar das sambadeiras como se samba o samba de roda. Nesse sentido, uma das sambadeiras perguntou aos estudantes quem não sabia sambar, alguns alunos levantaram a mão. A sambadeira escolheu uma aluna para passar alguns conhecimentos do samba de roda. Segurou em sua mão e ensinou os passos do samba para que a aluna pudesse compreender e aprender. Por isso, pontuo mais uma vez a importância das crianças aprenderem a escutarem os mais velhos seja para aprenderem algo, ou seja para passar algum conhecimento sobre um determinado tema. É dar a oportunidade dos mais velhos ministrarem seus conhecimentos. Como bem afirma Bâ (2010).

³¹ Dona Jane, sambadeira de São Francisco do Conde, filha do famoso violeiro Zé de Lelinha. No documentário Sambadeiras do Recôncavo da Bahia, 2020.

Ao fazer uma caminhada pela mata, encontrar um formigueiro dará ao velho mestre a oportunidade de ministrar conhecimentos diversos, de acordo com a natureza dos ouvintes. Ou falará sobre o próprio animal, sobre as leis que governam sua vida e a "classe dos seres" a que pertence, ou dará uma lição de moral às crianças, mostrando-lhe como a vida em comunidade depende da solidariedade e do esquecimento de si mesmo, ou ainda poderá falar sobre conhecimentos mais elevados, se sentir que seus ouvintes poderão compreendê-lo (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 94).

Durante esses momentos, os alunos paravam atentamente para escutar o que as sambadeiras estavam passando para eles. Houve alguns momentos em que os alunos também se exaltaram, mas logo eram repreendidos pelas suas professoras.

Figura 19: momento de afetividade entre alunos e sambadeiras



Fonte: material produzido pelo celular da autora

Figura 20: momento de escuta para aprender a sambar o samba de roda



Fonte: material produzido pela autora

Figura 21: grupo do samba de roda - Samba do Quilombo do Rio do Cunha- Distrito de Passé em Candeias-Bahia.



Fonte: material produzido pelo celular da autora.

Por fim, com a presença do grupo de sambadeiras na escola encerrou-se as oficinas, porém, não com o sentimento de dever cumprido, uma vez que estas oficinas não deveriam ocorrer somente em alguns momentos, mas tornar-se contínua a interação mestres-alunos. É necessário que o poder público do município ajude a difundir e criar políticas culturais e de reparação na intenção de inserir nas escolas as manifestações afro-brasileiras e que incentive, promova e garanta mais interações destes elementos culturais no âmbito educacional para efetivar a Lei 11.645/2008 e conseqüentemente, lutar contra o racismo e a intolerância em relação aos aportes culturais afro-brasileiros.

O município de Candeias precisa urgentemente investir em políticas públicas culturais e ações efetivas para garantir a presença dos mestres da cultura popular em todo âmbito educacional do município. E ainda mais, dar um suporte de orientação e direcionamento para que os grupos culturais da cidade possam viabilizar seus cadastros junto a secretaria de cultura do município. Pois, em grande maioria, os grupos culturais são compostos por pessoas simples, com pouco estudo e pouca escolaridade, Portanto, torna-se necessário que os agentes públicos se comprometam em fazer o caminho inverso do que já foi posto.

Oferecer para os estudantes do município ações efetivas, de reparações, reconhecimento e valorização da sua própria cultura. Isto também é abordado pelo Conselho Nacional de Educação, no parecer CNE/CP no 003/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

(...) procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade (Paraná, p. 10).

Figura 22: vamos colorir o mundo com samba de roda



Fonte: material produzido pelo celular da autora

5. O QUE O SAMBA DE RODA NOS ENSINA

Ao realizar a oficina pedagógica no chão da escola, busquei responder a pergunta de partida; de que forma é possível construir uma proposta pedagógica sobre o samba de roda em uma escola do município de Candeias-Bahia? Que obtive a resposta durante as etapas de cada oficina, pois ao planejá-las procurei inserir o samba de roda como uma prática pedagógica decolonial que favorece a promoção de uma educação para as relações étnico-raciais e antirracismo.

Sendo assim, a inserção do samba de roda encruzilhou com temas importantes e necessários no âmbito escolar, uma vez que a lei 11. 645/2008 ainda não ocorre de fato na escola. Vislumbrou-se uma educação que ainda precisa melhorar visto que há uma forte negação por parte da escola em não trabalhar a história e cultura afro-brasileira. Assim sendo, é possível constatar o preconceito que os elementos afro-brasileiros ainda perpassam nas escolas brasileiras. Como bem aponta Mônica Lima, 2004.

A negação desta história esteve sempre associada nitidamente a formas de controle social e dominação ideológica, além do interesse na construção de uma identidade brasileira despida de seu conteúdo racial, dentro do chamado desejo de branqueamento de nossa sociedade. Característico da segunda metade do século XIX, este desejo ainda vigora dentro de alguns setores sociais mais retrógrados, embora a luta por mudanças no campo do ensino da História tenha criado embates ao longo do século XX (LIMA, 2004, p.85)

Todavia, com esta oficina pedagógica constatou-se que é possível inserir o samba de roda no âmbito escolar. A partir dele pode-se produzir conhecimentos, saberes e valores. Este elemento cultural pode abrir caminhos para trabalhar de forma indisciplinar na escola, dado que durante as oficinas trabalhou-se a história, a geografia, a arte, a literatura, entre outros campos do saber presentes na escola. Trabalhou-se o lúdico, a criatividade, a oralidade, o corpo e a todo tempo executando de forma a não trabalhar de forma folclorizada, mas ciente para não incorrer no erro histórico de inserir na escola o samba de roda como uma cultura folclórica do Brasil. A todo tempo que eu tinha a oportunidade, afirmava para os alunos a necessidade de reconhecermos a cultura afro-brasileira como nossa

cultura e que deve ser valorizada e respeitada por todos. Como bem afirma Lima, para não cometermos o erro de repassar informações equivocadas para os estudantes.

Não podemos, a despeito da exigência da Lei, sair repassando nas nossas salas de aula informações equivocadas, ou tratar o tema de uma maneira folclorizada e idealizada. Este é um grande temor: repetir modelos para fazer com que estes conteúdos curriculares fiquem parecidos com os que já trabalhávamos ao tratarmos da História e das contribuições culturais comumente estudadas é um caminho fácil e perigosíssimo. São temas diferentes e sua abordagem necessariamente deve ser diferenciada. (Lima, 2004, p. 86)

Inserir o grupo de sambadores na escola favoreceu para um diálogo entre estudantes e sambadores, aproximou os alunos do contexto cultural brasileiro e nos ensinou que é possível trilhar novos caminhos a partir do samba de roda.

Desta maneira, a partir desta pesquisa, é possível inserir o samba de roda na escola pensando por uma perspectiva decolonial, que abarque os mestres e sambadeiras da comunidade local. Assim, foi necessário um planejamento (cronograma) pré-definido para que as ações pudessem ser concretizadas, tais como:

- 1- Primeiro dia: dinâmica do espelho; apresentação do samba de roda para os alunos; momento de sambar o samba de roda; roda de conversa sobre o samba de roda.
- 2- Segundo dia: aprendendo a cantar com Lia de Itamaracá (Minha Ciranda); explicação sobre quem é Lia de Itamaracá; ciranda com os alunos; roda de conversa e confecção de desenhos sobre o tema do samba de roda.
- 3- Terceiro dia: conhecendo os instrumentos musicais que acompanham o samba de roda; ensinando os alunos a sambar; roda de conversa sobre a importância da nossa cultura
- 4- Quarto dia: presença do grupo de sambadeiras na escola (Samba do Quilombo); vivência/experiência/interação com as sambadeiras; conclusão da oficina

Como afirmei acima, a sequência didática pedagógica foi elaborada por mim, pois há uma vacância de materiais produzidos por mestres e sambadeiras para serem inseridos no contexto da escola. Eis a importância de pensarmos sobre esta lacuna, uma vez que seria muito interessante pensarmos em uma elaboração de um catálogo com ações afro-educativas a partir das próprias vivências das mestras e sambadeiras para inserir e divulgar nos espaços escolares e não escolares para difundir mais o samba de roda, para dar continuidade a essa manifestação cultural e também evidenciar os mestres e mestras do samba de roda, ou seja, produzir um suporte de materiais didáticos (escritos/ilustrativos/on-line) já que sabemos que a deficiência de matérias afro-brasileiros são escassos nas escolas.

Por fim, o samba de roda nos ensina que: é necessário desmistificar históricas únicas negativas no seio da escola; importante promover interação cultural nos ambientes escolares; devemos valorizar e visibilizar os mestres da nossa cultura popular; podemos aprender através da nossa própria cultura; através da cultura popular é possível promover o ensino aprendizagem em todos os campos e áreas do saber; é amor, afeto, abraço é respeito.

O samba de roda nos ensina também que: é possível combater o racismo, a intolerância e o preconceito; é possível trabalhar elementos culturais afro-brasileiros nas escolas de todo Brasil; necessita de professores capacitados e engajados em pautas étnico-raciais e antirracistas nas escolas; há necessidade de políticas culturais de reparação e reconstrução cultural nos âmbitos escolares; precisamos de mais samba de roda, capoeira, maracatu em todas as escolas do Brasil; necessitamos de mais pesquisas sobre os aportes culturais afro-brasileiros nas escolas do Brasil;

Temos a responsabilidade de tratar com muito profissionalismo estes conteúdos. Por isso, devemos estudar e procurar leituras específicas e, sempre que possível, capacitar-nos em cursos e em discussões acadêmicas. Nossas precárias condições de trabalho e de vida não podem justificar uma ausência de esforço neste sentido. Estamos falando da re-escritura de uma História que nos foi negada, estamos lidando com a base de uma identidade que está para ser reconstruída. O que está em jogo é mais do que nossa competência - é o nosso compromisso (LIMA, 2004, p. 87).

(...) essencial cobrar das autoridades, em especial dos gestores de instituições de ensino, o apoio para fazer da iniciativa da lei uma realidade. Foi estabelecida a obrigatoriedade, mas ela não basta, para que o obrigatório se torne viável e produtivo tem que haver investimento na formação. Estudantes universitários: militem pela inclusão destes assuntos nas disciplinas dos currículos de suas faculdades, institutos, departamentos. Isto é possível, e já vem sendo feito. Professores: solicite da rede de ensino a realização de cursos - isto é possível, e também já é realidade em alguns lugares. Busquem e criem espaços (seminários, mesas-redondas, debates, simpósios) e cursos onde se estimule o aprofundamento no estudo destes temas e as reflexões sobre práticas pedagógicas adequadas. (Lima, 2004, p. 87).

Portanto, ao inserir o samba de roda na escola pude perceber o quanto esta manifestação cultural nos ensina em todos os sentidos dessa palavra. Ele nos humaniza enquanto pessoas e faz aflorar em nós sentimentos de pertencimento que foi retirado de nós. Além do mais, desconstroí uma educação engessada em que os alunos aprendem somente pelo livro didático. Trabalha os órgãos dos sentidos e o corpo, elementos esquecidos no seio da escola.

Por tudo isso, é possível, construir propostas pedagógicas a partir do samba de roda e também é possível aprender com o samba de roda. Pois o que este elemento cultural tem a nos oferecer/ensinar é mais que uma ancestralidade africana, é um possível caminho para podermos trilhar novos e importantes rumos para a educação.

Por isto convido a todos, vamos colorir as escolas com o samba de roda. Dona Ana Olga (2019) ³².

Pra ser um bom sambador e uma boa sambadeira ela precisa saber o que é o samba de roda, o que é a raiz dela, o que é a tradição. Importa também a forma como ela dança , ela tem que saber sambar, sambar o samba de raiz. Ela precisa também falar a linguagem do samba de roda. Sambar e falar a linguagem do samba de roda.

³² Dona Olga Freitas dos Santos Nascimento no documentário Sambadeiras do Recôncavo da Bahia, 2012. Sambadeiras do Recôncavo da Bahia.

Figura 23: o samba de roda é abraço, é afeto, é amor, é carinho



Fonte: material produzido pela autora

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Culturas populares, educação e descolonização*. Revista Educação em Questão, Natal, v. 57, n. 54, p. 1-20, e-18279, out./dez. 2019.
- ABIB, Pedro R. *Cultura popular e contemporaneidade*. Patrimônio e Memória, São Paulo, v.11, n. 2, p. 102-122, jul. /dez. 2015.
- ABIB, Pedro. *Roda de Samba: identidade, resistência e aprendizado social*. In: Sousa, Eduardo. (Org.). De experiências e aprendizagens: educação não formal, música e cultura popular. 1 ed., v. 1, São Carlos: EDUFSCAR, 2013.
- ADICHIE, Chimamanda (2009). *O Perigo da História Única*. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Acesso em 5 mai. 2023.
- ALMEIDA, Silvio de. *As estratégias de sobrevivência através da oralidade*. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=U2VJUNjLBuc & t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=U2VJUNjLBuc&t=1s). Consultado em 26 de agosto de 2021.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ALVES, Paulo César (Org.). *Origens e Constituição Científica de Cultura In Cultura: múltiplas leituras*. São Paulo: Edusc; Salvador: Edefba, 2010.
- AMORIM, Maria Alice (2014). *Patrimônios Vivos de Pernambuco*; 2. ed. rev. e amp – Recife: FUNDARPE.
- AMOROSO, Daniela M. *Levanta mulher e corre a roda: dança, estética e diversidade no samba de roda de São Félix e Cachoeira*. 2009. Tese (Doutorado) - Escola de Teatro/Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- ARDOINO, J. *Abordagem multirreferencial(plural) das situações educativas e formativas*. In: BARBOSA, J. G. (Coord.) Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação. São Carlos: EdUFSCar, 1998.
- ARAÚJO, N.A. *A poética do corpo no samba de roda das margens do Velho Chico*. In: Poética oral do samba de roda das margens do Velho Chico [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 103-123. ISBN: 978-85-232-2031-0
- ASANTE, Molefi Kete. *A Ideia da Afrocentricidade na Educação*. In NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.) Afrocentricidade. Uma Abordagem Epistemológica Inovadora. Coleção Sankofa 4. Matrizes Africanas da Cultura Brasileira. São Paulo, Selo Negro, 2009
- ASSEBA, IPHAN, LEAA - Recôncavo. *Documentário Samba de Roda, Patrimônio Imaterial da Humanidade: 15 Anos de Salvaguarda e Conquistas*. Direção-ASSEBA, IPHAN, LEAA-Recôncavo. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/068cfxUvP8s>. Consultado em 27 de março de 2023.

BÂ, A. H. *A tradição viva*. In: KI-ZERBO, J. (Coord.) História Geral da África I: metodologia e pré-história da África. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

Bá. A. H. *A tradição viva*. As características da cultura tradicional africana, suas múltiplas facetas, a oralidade, mitologia, religiosidade e formas de expressão. in Introdução à Cultura Africana. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, J. D. (2018). *Tempos e lugares da memória* – Uma relação com a História. *Historiæ*, 8(1), 9–30. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3637>.

BRANDÃO Carlos Rodrigues. *O que é educação*. Coleção: primeiros passos - Vol. 20. 1ªED.(1981).

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRASIL. *Lei 10.639/2003*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. *Lei 11.645/08* de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CABRAL, Amílcar. *A arma da teoria*. Lisboa: Seara Nova, 1976. v. 1: Unidade e luta.

CANCLINI, Néstor. *Política cultural: conceito, trajetória e reflexões* / Néstor García Canclini ; organizadores Renata Rocha e Juan Ignacio Brizuela. - Salvador : EDUFBA, 2019.

CARVALHO, Eric L.. *Mulheres mantêm tradição de ritmo secular: conheça algumas das sambadeiras do recôncavo baiano*. G1.globo.com/ba, 02/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/02/17/mulheres-mantem-tradicao-de-ritmo-secular-conheca-algumas-das-sambadeiras-do-reconcavo-baiano.ghtml> .

CASTRO, Gustavo de Souza. *Mulheres do Samba de Roda*. Direção - Gustavo de Souza Castro. Coordenação e Produção - Rosildo do Rosário e Luciana Barreto. Duração: 55 minutos. Tipo: Média-metragem. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/Suq9E24YQwl>. Acesso em: 06 de agosto de 2021 às 14:00.

CÉSAIRE. Aimé. *Discurso sobre a Negritude*. 1987.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2ª Edição. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA JUNIOR, H. A. *História dos afrodescendentes, disciplina do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Ceará*. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico(Online), Maringá, v, 21, n. 232, p. 99-113, jan/fev. 2022.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. ed. rev. e ampl. - São Paulo: Atlas, 1995.

DERDYK, Edith. *Design*. Desenho. Desígnio. Senac: São Paulo, 2007.

DIOP, Cheikh Anta. *A Unidade Cultural da África Negra: Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica*. Rio de Janeiro, Pedagogo, 2016.

DORING, Katharina. *Samba de roda e ensino-aprendizagem em três recortes temporais e espaciais*. XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical - Natal (RN), 2015. 09/10/2015.

DORING, Katharina. *Cantador de chula: o samba antigo do recôncavo baiano*. 1. ed. - Salvador, BA : Pinaúna, 2016.

DU BOIS, W. E. B. (1998). *As almas do povo negro*. (Tradução José Luiz Pereira da Costa). Disponível em: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/as-almas-do-povo-negro-w-e-b-du-bois.pdf>

ELUF, Lygia. *Jornal da Unicamp* - Universidade Estadual de Campinas/ASCOM - Assessoria de Comunicação e Imprensa. Campinas, 4 a 10 de maio de 2009 – ANO XXIII – Nº 427.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

FERNANDES, Fernanda. *Quem foi Mestre Bimba, criador da capoeira regional*.

MULTIRIO, 2021. Disponível em: [https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/16849-quem-foi-mestre-bimba, criador-da-capoeira-regional](https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/16849-quem-foi-mestre-bimba-criador-da-capoeira-regional). Acesso em: 01 de set. de 2023.

FISCHER, Michael. *Futuros antropológicos: redefinindo a cultura na era tecnológica*. Tradução: Luiz Fernando Dias Duarte e João de Azevedo e Dias Duarte. Rio de Janeiro, Zahar, 2011, 294 pp. Daniela Feriani. Universidade Estadual de Campinas.

FONSECA, Selva Guimarães. “A história na educação básica: conteúdos, abordagens e metodologias”. In: anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento- Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 11/2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.

Goodson, Ivor, F. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMES, Nilma Lino. *Movimento Negro e Educação: ressignificando e politizando a raça*. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.- set. 2012. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

HALL, S. *Estudos Culturais e seu legado teórico*. In: ___. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. SOVIK, L. (org.). Belo Horizonte: EDUFMG, 2003.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Dossiê IPHAN 4: *Samba de Roda do Recôncavo Baiano*. 4.ed. Brasília, DF, 2006.

LACERDA, Lucas. *lei-que-estabelece-ensino-de-história-e-cultura-africanacompleta- 20-anos-com-limitações*. Folha de São Paulo. São Paulo: Grupo Folha, 01/2023. Disponível em: < <http://www.folha.uol.com.br/> >.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

LIMA, Cassio Leonardo Nobre de Souza. *Viola nos Sambas do Recôncavo Baiano*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9143>. Acesso em 30 de set. de 2023.

LIMA, Mônica. "A África na sala de aula". In: Nossa História nº4. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004. p. 84-87.

LOPEZ, Cíntia. *O Samba de Roda na Ilha de Itaparica: um estudo de caso sobre encaixes materiais entre dança e outros textos da cultura*. Dissertação de mestrado, 2013. Universidade Federal da Bahia, Salvador: UFBA. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8139>. Acesso em 30 de set. de 2023.

LORDELO, Petry Rocha. *O samba chula de cor e salteado em São Francisco do Conde/ BA :cultura populá e educação não-escolá para além da(o) capitá*. Petry Rocha Lordelo. – 2009.

MAIA, Débora Matos. *Pedra que Ronca, Pedra de Ponta: redes colaborativas de educação e culturas populares no bairro de Itapuã*. Tese de doutorado, 2018. Universidade Federal da Bahia, Salvador: UFBA, 2018.

MAIA, Renata. *A diversidade do samba de roda no interior da Bahia*. Caminhos da Reportagem. TVBRASIL. 05/2023. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2023/05/diversidade-do-samba-de-roda-no-interior-da-bahia>.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária- Experiências transingulares com o método em Ciências de Educação/ Roberto Macedo; Prefácio de Denise Guerra.- 1 ed.- Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.168.*

MACHADO, Vanda. *Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias*. VI Enecult, encontro de estudos multidisciplinares em culturas. Facom-UFBA – Salvador / Bahia / Brasil. 25 a 27 de maio de 2010.

MARTINS, João Batista. *Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais*. Revista Brasileira de Educação. Nº 26. Rio de Janeiro – RJ. Maio /Jun /Jul /Ago, 2004.

MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 28.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. SECRETARIA DO CEAD. *Educação Africanidades Brasil*. Brasil. 2006. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006. 262 pg.; il.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MUNANGA, Kabengele (org). *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC, 2005.

MUNICÍPIO DE CANDEIAS. *Cidade do Brasil, 2021*. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-candeias.html#desc>. Acesso em: 01 de set. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 4. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

CAMINHOS PARA A CIDADANIA. *Negritude* Disponível em: https://www.caminhosparaacidania.com.br/assets/ccrcaminhosparaacidania/misc/n_ov22_negritude_3a5_anos_v1.pdf. Acesso em 01 de set. 2023.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. *Florestan Fernandes*/ Recife: Fundação Joaquim Nabuco, editora Massangana, 2010.

ORTIZ, Renato. *A problemática Cultural no Mundo Contemporâneo*. Política e Sociedade- Florianópolis- Vol.16. Nº 35- jan/abril.de 2017

PAIM, Zilda. *Relicário popular*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo: EGBA, 1999.

PARANÁ. Formação em Ação - *Educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura Afro-brasileira e Africana*. Secretaria de Educação/ Governo do estado-Paraná. Brasília | DF | Outubro | 2004.

QUEIROZ, Clécia Maria Aquino de. *Aprendendo a ler com minhas camaradas: seres, cenas, cenários e difusão do samba de roda através das sambadeiras do Recôncavo Baiano*, 2019. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador: UFBA, 2019.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: QUIJANO, Aníbal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMOSE, Mogobe. *Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana*. Ensaios Filosóficos. Rio de Janeiro, v. IV, out. 2011.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Darcy. *O povo Brasileiro*. A Formação e o Sentido do Brasil. – 1ª edição.

1995- 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ROCKWELL, Elsie. *Movimientos sociales emergentes y nuevas maneras de educar*. In: ARATA, Nicolás; ESCALANTE, Juan Carlos; PADAWER, Ana. [Orgs.] *Vivir entre escuelas: relatos y presencias*. Antología esencial. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018, p. 827-844.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas: Exu como Educação*. Revista Exitus, Santarém/Pa, v. 9, n. 4, p. 262 – 289, Out/Dez 2019.

SAMBA DE RODA, *Feira de Santana*. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E46cm_LULwU. Consultado em 27 de março de 2013.

SAMBA DE RODA, *do Recôncavo Baiano: Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uMbIDMPSQdY>. Consultado em 27 de março de 2023.

SANTOS, Maxwell Souza dos; AMORIM, Marcel Alvaro. *O Letramento racial crítico em vestibulares: o caso da UNICAMP sob a ótica dialógica*. In: CONEDU, VII, 2021, Maceió.

SILVA, Breno Trindade da. *Políticas Patrimoniais e salvaguarda: conflitos e estratégias no reconhecimento do samba de roda do Recôncavo baiano* / Breno Trindade da Silva. – 2014.

SILVA, Vagner G. *O silenciamento da capoeira e o racismo religioso nas aulas de educação física escolar*, 2017. Disponível em: <https://mc04.manuscriptcentral.com/pp-scielo>.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2. ed. Mauad: Rio de Janeiro, 1998.

Sorrentino, Harue Tanaka. *Articulações pedagógicas no coro das ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/12585>.

SOUTA, Marivete; JOVINO, Ione da Silva. *Letramento racial e educação antirracista nas aulas de língua portuguesa*. Uniletras, Ponta Grossa, v. 41, n. 2, p. 147- 166, jul/dez. 2019.

SOUZA, L. S. *Educação musical afrodiáspórica: uma proposta decolonial para o ensino acadêmico do violão a partir dos sambas do Recôncavo baiano*. 2019. 248 fl. Tese (Doutorado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa - ação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

UNESCO.org/pt. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt>.

VALLE, Gabriel Almeida do. *Tem jovem no samba de roda*: “Esse é o samba chula Juventude do Iguape, somos filhos do Iguape. Esse é o samba cultural que nasceu na Casa de Samba”. 161 f. il. 2020. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

WALSH, Catherine. *Pensamiento crítico y matriz (de)colonial*. Reflexiones latinoamericanas. Quito:Ediciones Abya-yala, 2005.

XAVIER, Luciano Santos. *Poética oral do samba chula sertanejo: o Grupo Pinote e suas identidades culturais entre trânsitos e fronteiras*. Dissertação de mestrado, 2023. Universidade Federal da Bahia, Salvador: UFBA. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37290>. Acesso em 30 de setembro de 2023.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

7. APÊNDICES

7.1 APÊNDICE A: planejamento (cronograma) das oficinas pedagógicas

TEMA: O SAMBA VAI A ESCOLA: O SAMBA DE RODA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DECOLONIAL

PESQUISADORA: LINDIANA DA SILVA OLIVEIRA

ORIENTADOR: PEDRO RODOLPHO JUNGERS ABIB

GRUPO: 1º AO 4º ANO DAS SÉRIES INICIAIS DO FUNDAMENTAL I

INSTITUIÇÃO: ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA ALZIRA FERREIRA RIBEIRO

Objetivo geral: analisar de que forma é possível construir uma proposta pedagógica sobre o samba de roda na escola.

Objetivos específicos:

1. revelar o alcance da Lei Federal 10.639/03 alterada pela Lei 11.645/2008 no enfrentamento da visão tradicional eurocêntrica praticada no sistema curricular brasileiro;
2. identificar políticas e práticas pedagógicas escolares no ensino e promoção da educação para as relações étnico-raciais e antirracista;
3. ampliar os conhecimentos docentes sobre a cultura popular e os estudos decoloniais; promover interações socioculturais entre a escola, mestres e mestras de samba de roda;
4. promover experiências/vivências da cultura popular samba de roda.

ATIVIDADES:

1ª Semana	Atividades
Título: conhecendo o samba de roda	Dinâmica do espelho; apresentação do samba de roda para os alunos; momento de sambar o samba de roda; roda de conversa sobre o samba de roda.

2ª Semana	Atividades
Título: Ciranda com Lia de Itamaracá	Aprendendo a cantar com Lia de Itamaracá (Minha Ciranda);
	explicação sobre quem é Lia de Itamaracá; ciranda com os alunos; roda de conversa e confecção de desenhos sobre o tema do samba de roda.
3ª Semana	Atividades
Título: instrumentos musicais e o samba de roda	Conhecendo os instrumentos musicais que acompanham o samba de roda; ensinando os alunos a sambar; roda de conversa sobre a importância da nossa cultura.
4ª Semana	Atividades
Título: vivência/experiência e interação alunos-sambadeiras	Presença do grupo de sambadeiras na escola (Samba do Quilombo); vivência/experiência/interação com as sambadeiras; conclusão da oficina

Recursos: canetas coloridas, papel ofício, instrumentos musicais, caixa de som, microfone, celular, espelho.

Avaliação: As oficinas não tiveram caráter avaliativo, serviu como instrumento de coleta de dados para a pesquisa.

7.2 APÊNDICE B: ofício a Secretaria de Cultura e Turismo



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Grupo de Pesquisa Griô



Av. Reitor Miguel Calmon s/n – Campus Canela – Salvador/Bahia – Brasil
Fone: +55 71 3283 7272 / 3283 7200 3283 7229

Salvador, 20 de março de 2023.

Prezado Sr.
Joseval da Silva
MD Secretário Cultura e Turismo
Município de Candeias

Venho por meio desta apresentar a professora Lindiana da Silva Oliveira, que atua na rede de ensino de Candeias e que cursa o Mestrado em Educação na UFBA sob minha orientação. Ela desenvolve um projeto de pesquisa que aborda o Samba de Roda como conhecimento a ser tratado no âmbito da educação formal, que valoriza a tradição do território, a memória, a oralidade e a ancestralidade. Esse projeto prevê a presença dos mestres e mestras do samba na escola, para participarem de rodas de conversa e oficinas com os alunos e professores, como parte essencial da pesquisa

Reforço que essa temática que aproxima os saberes tradicionais/populares dos saberes acadêmicos/científicos, tem sido bastante discutida no âmbito de universidades e gestões educacionais por todo país e é objeto de estudo do grupo de pesquisa que coordeno na UFBA, o Grupo Griô: Culturas Populares, Ancestralidade e Educação

Sendo possível, gostaria de solicitar o apoio dessa secretaria no sentido de viabilizar os meios para que esses mestres e mestras possam se fazer presentes na escola onde a pesquisa é desenvolvida. A idéia, um pouco mais ambiciosa, é que essa experiência possa se tornar um piloto para implantação futura de um projeto oficial da prefeitura do

município, que possa levar os saberes tradicionais e populares, na figura dos mestres e mestras, para todas as escolas da rede

Nesse sentido, estamos à inteira disposição para o diálogo e para maiores esclarecimentos que se fizerem necessários.

Agradecemos de antemão a atenção dispensada

Cordialmente

Pedro R. J. Abib – Professor Titular da UFBA
Orientador do Programa de Pós Graduação em Educação
(71)99327-5880
pedrabib@gmail.com

7.3 APÊNDICE C: declaração de anuência da instituição coparticipante



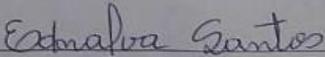
ESTADO DA BAHIA
REGIÃO METROPOLITANA
PREFEITURA MUNICIPAL DE CANDEIAS
ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA ALZIRA FERREIRA RIBEIRO
RUA ARACAJU, S/N- SARANDY, CANDEIAS - BAHIA

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Instituição Coparticipante: Escola Municipal Professora Alzira Ferreira Ribeiro

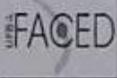
Eu, Ednalva Santos, responsável pela Instituição Escola Municipal Professora Alzira Ferreira Ribeiro, declaro ter lido, conhecer e cumprir as resoluções éticas brasileiras, em especial as resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, intitulado: O SAMBA VAI À ESCOLA: O SAMBA DE RODA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DECOLONIAL e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para a segurança e bem-estar de todos.

Candeias,de.....de


Assinatura e carimbo do responsável institucional

Escola Municipal Professora Alzira Ferreira Ribeiro
Pavilhão 7332
Distrito Oficial 07 e 08/2016

7.4 APÊNDICE D: termo de compromisso do pesquisador e da equipe executiva

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Avenida Reitor Miguel Calmon s/n - Campus Canela - 40.110 100 - Salvador - Bahia - Brasil

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR E DA EQUIPE EXECUTORA

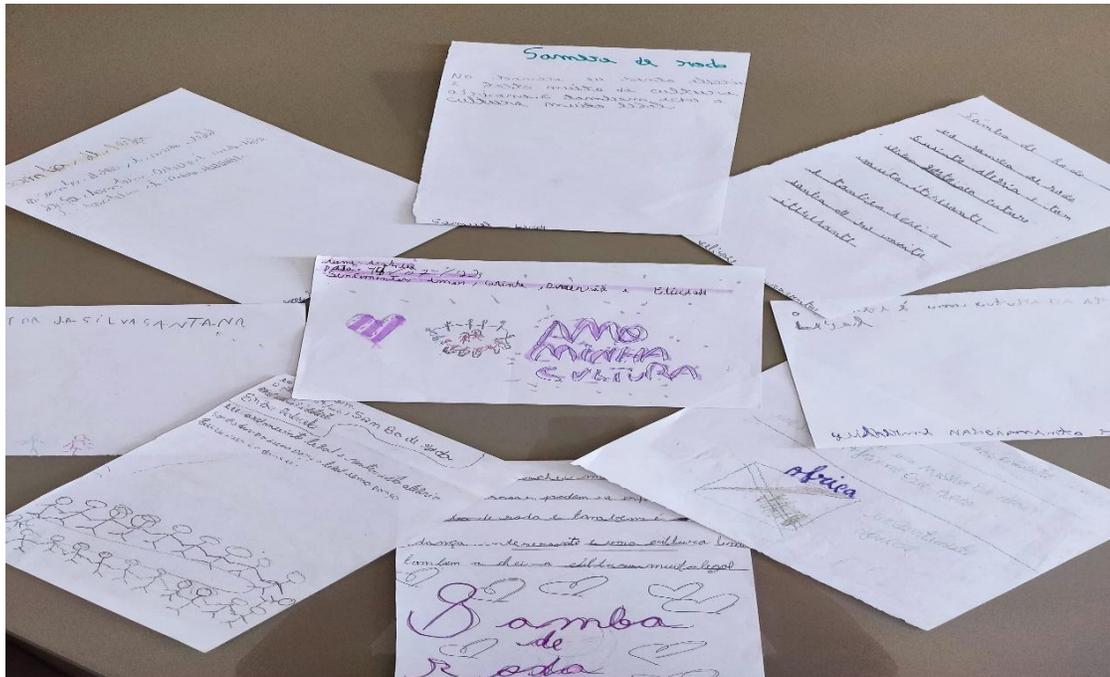
Eu, Lindiana da Silva Oliveira, declaro estar ciente das Normas e Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto intitulado O SAMBA VAI À ESCOLA: O SAMBA DE RODA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DECOLONIAL sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com as Resoluções 446/12, 510/16 e 674/2022 do Conselho Nacional de Saúde, respeitando a autonomia do indivíduo, a privacidade, a beneficência, a não maleficência, a justiça e equidade, garantindo assim o zelo das informações e o total respeito aos indivíduos pesquisados. Ainda, nestes termos, assumo o compromisso de:

- Apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (CEP EEUFBA);
- Tornar os resultados desta pesquisa públicos, quer sejam eles favoráveis ou não;
- Comunicar ao CEP EEUFBA qualquer alteração no projeto de pesquisa e encaminhar, via Plataforma Brasil, sob a forma de relatório ou notificação;
- Apresentar os resultados da pesquisa nas instituições proponente, coparticipante e ao CEP EEUFBA após o seu término, conforme exigência das Resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS);
- Preservar a privacidade dos participantes da pesquisa cujos dados serão coletados;
- Assegurar que as informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para a execução do projeto em questão;
- Assegurar a confidencialidade e os cuidados para que as informações somente sejam divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais do nome ou quaisquer outras indicações que possam identificar os participantes da pesquisa;
- Manter os dados e documentos da pesquisa em arquivo, físico ou digital, armazenados em local seguro, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- Não iniciar a coleta de dados até aprovação do projeto pelo CEP EEUFBA;
- Informar se o(a) orientador(a) está ciente de sua orientação no referido projeto, quando for o caso.

Salvador,de.....de.....

Nome dos membros da equipe executora	Assinaturas
<u>Lindiana da Silva Oliveira</u>	<u>Lindiana da Silva Oliveira</u>
<u>Pedro Rodolpho Jungers Abib</u>	<u>Pedro Rodolpho Jungers Abib</u>

7. 5 APÊNDICE E: materiais produzidos pelos alunos durante as oficinas



8. ANEXO I: O protagonismo das mulheres sambadeiras

FIGURA 1: Mestra Rita da Barquinha



Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.flickr.com%2Fphotos%2Ffludmilasenna%2F3742657090&psig=AOvVaw23G5c4evk3U7iwSaDmX68o&ust=1705700388057000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBIQjRxqFwoTCLCwoKfz54MDFQAAAAAdAAAAABAD>.

FIGURA 2: Mestra Aurinda do Prato



Fonte: https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fm.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3Dsfk_4OXuWs&psig=AOvVaw2WsBTHYr_QdCnziY9jNrmf&ust=1705700671

022000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBIQjRxqFwoTCPC9v63054MDFQAAAAAdAAAAABAD.

FIGURA 3: Dona Chica do pandeiro



Fonte: https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2Fseisc24demaio%2Fvideos%2Fprosa-de-samba-dona-chica-do-pandeiro-quixabeira%2F764742960690506%2F%3Flocale%3Dpt_BR&psig=AOvVaw2LeelkFXqdGuGgJfWd2qz6&ust=1705700955362000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBIQjRxqFwoTCLjtrbb154MDFQAAAAAdAAAAABAI.

FIGURA 4: Dona Dalva Damiana



Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2Fdonadalvadosamba%2Fphotos%2Fa.208008222562780%2F4015298701833694%2F%3Ftype%3D3&psig=AOvVaw14baj6iTb8mBoqgp4rn03o&ust=1705701132764000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBIQjRxqFwoTCMjGz4v254MDFQAAAAAdAAAAABAD>.

FIGURA 5: Dona Joanice Fernandes



Fonte: https://www.facebook.com/raizesdeacupe?tn=-UC*F.